Diário de Lisboa

ANO 55.º / 18781 4$00

QUARTA-FEIRA 4 JUNHO 1975

Fundador **Joaquim Manso** Director **A Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

VINTE MILHÕES DE CONTOS

— "deficit" da agricultura no ano passado

PORTO, 4 — Começou ontem nesta cidade, tendo prosseguido hoje de manhã, um seminário sobre política de crédito agrícola, tendo estado presente os secretários do Tesouro e da Reestruturação Agrária, respectivamente dr. Mário Brandão e eng.º Agostinho Carvalho.

Um número importante foi fornecido pelo secretário de Estado do Tesouro: o défice da nossa agricultura em 1974 saldou-se em 20 milhões de contos.

A partir deste número, foi ventilado o esquema de funcionamento do crédito agrícola de emergência, cujo objectivo principal é o de superar a grave crise que as associações ou pequenos e médios agricultores atravessam. Afirmou-se que os prazos máximos de crédito são de 12 meses, contados a partir da libertação da primeira parcela de crédito, cuja taxa de juro é de 5 por cento ao ano.

Segundo acentuou o dr. Mário Brandão «o défice da nossa agricultura saldou-se, em 1974, em 20 milhões de contos. Isto não pode continuar porque é uma sangria elevada para as nossas possibilidades. Temos que passar a produzir alguns produtos e aumentar a produção de outros. Só por essa via se atinge a verdadeira independência do País. É preciso que o sector primário passe a ser rentável e alimente o povo. Se ganhámos a Revolução no aspecto militar, se no domínio político se avançou muito, o mesmo não se poderá dizer do aspecto económico, que é uma incógnita. Agricultura e pecuária são bases fundamentais. Temos que trabalhar bem e depressa. Devo esclarecer que a nacionalização da Banca foi apenas a transferência das acções para a posse do Estado. Temos que mudar o sentido do trabalho. Assim, o trabalhador bancário não deve pensar nas operações que dão lucro ao banco, mas que não defendem o interesse nacional. Essa mudança de mentalidade é que é necessária. E aqui se insere o crédito agrícola.

O eng.º Agostinho Carvalho afirmou que há necessidade de reconverter os serviços estatais agrários. «Que antigamente», acentuou o secretário de Estado «se serviam da lavoura e agora tem que passar a servi-la». Por último, aquele membro do Governo fez algumas considerações acerca do apoio tecnológico e revelou que se prepara uma lei de saneamento para cooperativas no sentido de obstar a que indivíduos que estiveram ligados durante o antigo regime aos Grémios e Cooperativas ascendam agora ao novo aparelho directivo, o que levaria possivelmente a uma sabotagem.

● **PRIMEIRAS ESCARAMUÇAS NA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE** Na pág. 9

● **TIMOR — OS JOVENS À CONQUISTA DA PÁTRIA** Na pág. 7

MERCADO COMUM E OS EMIGRANTES NA AGENDA DE COSTA GOMES

● PRIMEIRA VISITA A FRANÇA DESDE 1926 DE UM CHEFE DE ESTADO PORTUGUÊS

A emigração portuguesa em França, a Aliança Atlântica e as relações de Portugal com o Mercado Comum serão, provavelmente, os temas principais a debater por Costa Gomes durante a visita que iniciou esta tarde àquele país e que decorrerá até sábado próximo.

O general Costa Gomes é o primeiro Chefe de Estado Português a visitar oficialmente a França neste século. O último foi o presidente Bernardino Machado que se deslocou àquele país, mas a título particular, em 1917, para visitar as tropas portuguesas combatendo ao lado das forças aliadas na I Guerra Mundial.

PROBLEMAS DA EMIGRAÇÃO

Costa Gomes, que é acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, major Melo Antunes e pelo ministro do Comércio Externo, dr. Silva Lopes, será convidado de honra no banquete oficial, hoje, à noite, após a sua primeira entrevista com Giscard d'Estaing. Esta e a de amanhã, às 10 horas, será dominada pela situação do milhão de emigrantes portugueses que trabalham em França e pelas relações de Portugal com o Mercado Comum. Quanto às questões internacionais admite-se que os dois presidentes debatam, fundamentalmente, a Aliança Atlântica e a construção europeia e mediterrânica.

Relativamente aos trabalhadores portugueses, recorde-se que a França, a braços com um grave problema de desemprego, suspendeu no Verão passado, a entrada de novos trabalhadores estrangeiros, mas anunciou recentemente uma série de medidas destinadas a melhorar as condições dos que já ali se encontram.

Continua na pág. 17

CONDIÇÕES PARA A PERMANÊNCIA DE PORTUGAL NA N.A.T.O.

WASHINGTON, 4 — (F. P.-R.) — O presidente Gerald Ford chegou à uma hora de hoje ao aeroporto militar de Andrews, perto de Washington, depois duma viagem à Europa, onde esteve sucessivamente, em Bruxelas, (na cimeira da N. A. T. O.), Madrid, Salzburgo, Roma e Vaticano. Aguardava-o no aeroporto o vice-presidente Nelson Rockefeller.

Uma alta individualidade da comitiva que acompanhou o presidente americano à Euro-

Continua na pág. 17

CEM MIL PORTUGUESES INSCRITOS PARA SAIR DE ANGOLA

LUANDA, 4 (especial para o «D.L.») — A aparente estabilização da situação em Carmona rompeu-se brutalmente nas últimas 24 horas, com uma fulminante e sangrenta operação de caça ao homem, lançada pelos comandos de Holden Roberto (E.L.N.A.) contra militares e civis do M.P.L.A. A ofensiva, que coincide com ataques dispersos do E.L.N.A. em Cabinda, representa uma grave deterioração da situação militar e um pesado fracasso para as diligências das missões quadripartidas (movimentos de libertação e Exército Português) que voaram para Carmona no princípio da semana e se julgava tinham restabelecido a ordem.

A matança prossegue em Carmona à hora em que escrevemos. Ninguém dispõe ainda de números de mortos, feridos, presos e desaparecidos, mas as vítimas serão já muitas dezenas. As ruas estão cheias de cadáveres, segundo os telefonemas recebidos em Luanda, onde um alto responsável do M.P.L.A. considerou a situação «extremamente grave».

Os comandos da F.N.L.A. invadiram e destruiram as casas de dezenas de simpatizantes do M.P.L.A., matando muitos deles, espancando e raptando outros. Os que escaparam aos primeiros movimentos da operação refugiaram-se no hospital, no Paço Episcopal e no aquartelamento português. A Força Aérea Portuguesa montou imediatamente um sistema de evacuação dos adeptos do M.P.L.A. e da população civil que lhe é afecta, enquanto o Exército português procura impedir os «raids» dos homens de Holden Roberto, que retomam tragicamente os métodos da U.P.A. em 1961.

Noticia-se, entretanto, que o ministro do Interior do Governo de Transição, Kabangu (F.N.L.A.) voou para Carmona, onde permanecerá, segundo disse, até controlar as tropas do seu partido.

O êxodo das populações civis da região (Uíge) continua aumentando. Quanto aos colonos brancos, fontes oficiais revelaram hoje em Luanda que 100 mil deles já se encontram inscritos para regressarem a Portugal.

Em Cabinda a situação é incerta, depois dos incidentes de ontem, provocados pela F.N.L.A. O intenso tiroteio terminou cerca da meia-noite, partiu para ali uma missão dos movimentos de libertação e do Exército Português. Durante os incidentes perdeu a vida, em combate, um alto e prestigioso responsável do M.P.L.A.: Jica, comissário político do Estado-Maior de Cabinda das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola.

20 PÁGINAS

"INTERROGATÓRIO EM HAVANA" ENZENSBERGER EM LISBOA

No Instituto Alemão, em Lisboa, Curt Mayer-Clason apresentou ontem Hans Magnus Enzensberger na sessão inaugural da série de colóquios sobre a obra do grande escritor.

O tema escolhido e há muito anunciado — a génese e a encenação da célebre peça de Enzensberger «Interrogatório em Havana» — foi tratado por Rogério Paulo que, em diálogo directo com o autor e com a assistência, pôs em equação alguns problemas não só da revolução cubana como da interpretação cénica do texto. Teatro-documento no mais rigoroso sentido, «Interrogatório em Havana» baseia-se no célebre julgamento público dos contra-revolucionários da Playa Giron e constitui um dos «casos» mais originais e de maior êxito da dramaturgia dos últimos anos.

Hans Magnus Enzensberger expôs de maneira simples e clara as diversas fórmulas de encenação adoptadas para o seu original desde e da televisão alemã, onde elementos do público foram chamados a participar, às soluções cénicas da Itália e da Turquia, enquadradas numa via convencional. Rogério Paulo descreveu a dele — a de uma linha de documentário cinematográfico que se ajustasse aos factos e às personagens reais e às declarações públicas que constituem exclusivamente o texto. «Procurarei também fazer intervir o público que assista à representação directa a fazer no Maria Matos», disse. «Mas não posso garantir que isso resulte aqui. Só depois da filmagem é que se verão os resultados».

Por sua vez, Enzensberger interrogou a assistência sobre possíveis paralelismos entre a experiência revolucionária cubana e a portuguesa. Em ambos os golpes de reacção aceleraram as opções socialistas que se lhes impuseram mas, na opinião da maior parte dos intervenientes no debate, há condições de base em cada país que diferenciam forçosamente as duas soluções políticas.

Conhecedor directo da realidade cubana, Enzensberger, desde voluntário na safra da cana-do-açúcar a colaborador de honra das campanhas culturais da jovem República socialista, tem-se empenhado particularmente na análise política daquele país. Sob a sua direcção, a reputada revista **Kursbuck** publicou diversas colaborações sobre o tema, e, num dos seus números, incluiu um artigo sobre o «Triângulo Bonn-Lisboa-Johannesburg, Um Exemplo de Exploração Neocolonial».

Sessão sobre "poesia política"

Na sequência dos «Enzensberger», o Instituto Alemão organiza hoje às 18 e 30 uma mesa-redonda com aquele escritor e alguns autores portugueses, dedicada ao tema «Poesia Política».

Participam dessa sessão Almeida Faria, Óscar Lopes, José Cardoso Pires e Egipto Gonçalves e nela serão analisados alguns dos «Poemas Políticos» que brevemente serão publicados em Portugal numa edição bilingue da Dom Quixote.

Antes de partir para o Norte, Enzensberger estará presente no Instituto Alemão para comentar o seu filme «Durruti — Biologia de uma Lenda», com que se encerrará esta série de «Encontros».

De ontem para hoje

PRESIDENTE DA C.E.E. PARTE ESPERANÇADO

«Tivemos um longo debate sobre o futuro das nossas relações, a nível multilateral, com a Comunidade Europeia, e de facto abre-se um campo vasto para uma cooperação alargada e profunda entre Portugal e os países do Mercado Comum, sem que isso signifique qualquer forma de associação ou de adesão, visto que consideramos que ainda não estamos em condições de o fazer, mas sim que a Europa está interessada no desenvolvimento do processo português, a todos os níveis, portanto, interessada em que Portugal tenha, dentro em breve condições económicas para superar as suas dificuldades actuais» — disse Melo Antunes, ontem, no aeroporto à partida do presidente da C.E.E. e ministro dos Negócios Estrangeiros da Irlanda, Garrett Fitzgerald.

Garrett Fitzgerald, que esteve três dias em Portugal, foi recebido pelo Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves, pelos ministros de Estado Álvaro Cunhal, Magalhães Mota, Mário Soares e pelo ministro da Justiça. No Ministério dos Negócios Estrangeiros realizaram-se conversações nas quais participaram do lado português, os ministros dos Negócios Estrangeiros, da Indústria e da Tecnologia, o secretário de Estado da Cooperação Externa, o secretário de Estado do Planeamento Económico e o embaixador de Portugal junto das Comunidades Europeias.

Na sequência destas conversações e de possíveis plataformas de acordo encontradas o presidente da C. E. E. disse à partida: «Estamos empenhados em apoiar Portugal, porque a revolução do ano passado causou profunda impressão nos nossos países, e todos desejamos ajudar a evolução da democracia em Portugal e fazer o que estiver ao nosso alcance para que venham a ter um melhor futuro económico e que o vosso futuro político seja favorável, pacífico e se desenvolva numa direcção democrática.»

Por outro lado, prosseguindo as suas afirmações, Garrett Fitzgerald mostrou-se esperançado que «a Comunidade Europeia possa de alguma forma ajudar a aliviar as dificuldades económicas de Portugal, e, certamente, quando regressar, falarei aos meus colegas, a fim de verem de que modo podem corresponder às propostas feitas pelo Governo Português, para um possível alargamento do acordo entre Portugal e a C. E. E., esperando que isto auxilie a superar as dificuldades que actualmente enfrentam».

■ A PINTURA NÃO VAI A PARIS

Obras de 36 pintores portugueses não acompanham Costa Gomes a Paris, para a exposição na Galeria de a Arte Moderna daquela cidade conforme estava previsto. As razões agora vindas a público através de um comunicado da 5.ª Divisão do EMGFA, ligam-se a toda uma concepção de arte, no processo revolucionário. «Apenas se pensa que nada do que se faz em Portugal é inocente», afirma o texto alertando para a necessidade de rever as obras executadas durante o fascismo e «repensar em termos necessariamente diferentes, os problemas da arte em Portugal». Largos sectores ligados ás artes plásticas tinham contestado também a inoportunidade de gastar quase mil contos numa exposição de pintura quando a situação económica do País exige medidas de austeridade e quandoa utilidade da referida exposição é vivamente posta em causa.

«O M. F. A. acredita que todos, artistas, instituições, escolas e organismos directores, encontrarão as formas mais correctas de integrar as artes plásticas na Revolução a construir». Palavras do comunicado da 5.ª Divisão que se fez representar pelo primeiro-tenente Ramiro Correia e elementos da CODICE (Comissão Dinamizadora Central) numa comissão consultiva de artes plásticas a funcionar junto da Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos.

■ REGRESSO DO CONSELHO DA PAZ

Regressou de Helsínquia e Estocolmo, ao fim da tarde de ontem, a Lisboa, a delegação do Conselho Português para a Paz e Cooperação vinda de Copenhaga.

Esta delegação que participara, naquelas duas cidades, na Campanha de Solidariedade com Portugal, era constituída pelo tenente-coronel Calvão Borges, dr. Silas Sergueira, e monsenhor Soares Martins.

■ EM LIBERDADE MAIS PRESOS DO 11 DE MARÇO

Foram libertados ontem no Reduto Norte do Forte de Caxias, onde se encontravam detidos desde o golpe contra-revolucionário de 11 de Março, o major da Força Aérea, Matono Coias; capitão da G. N. R., Abrantes F. Viana; tenente da G. N. R. Albino Correia; segundo-sargento da Força Aérea, José Carlos Serra e o furriel da Força Aérea Raul Condessa Falcão.

A habitação social arranca mais cedo

Os departamentos competentes estão, neste momento, a estudar as possibilidades de antecipar a elaboração de projectos de construção habitacional enquanto o Ministério do Equipamento Social e Ambiente faz o inventário dos terrenos e recursos técnicos, postos à disposição do Estado com a nacionalização da banca e dos seguros. Para algumas obras é já possível contar com um encurtamento de 20 dias no prazo que dista da feitura dos projectos ao começo das obras.

Concretamente, foi já anunciado que a primeira fase dos trabalhos para a construção dos complexos habitacionais de Almada-Caparica (1.015 fogos) e de Chelas será antecipada em relação às datas previstas inicialmente. O primeiro destes deverá começar no próximo mês. Também no sentido de abreviar a morosidade dos trabalhos em construção, a Comissão Executiva Permanente do Programa Nacional de Emprego propôs, na sua última assembleia, que fosse criado um orgão coordenador a que competirá a gestão das empresas construtoras nacionalizadas, ou nas quais o Estado intervenha.

O programa de habitação social, face às carências actuais, prevê que sejam construídos anualmente 26.550 fogos, durante o prazo de 20 anos. Contando ainda com a substituição dos alojamentos envelhecidos, calcula-se que o actual número total de fogos existentes no país, 2.400.000, atinja, então os 3.650.000 — programa que se espera ser absorvido pela produção nacional, nomeadamente, de materiais de construção. Considerando prazos mais curtos, para os quais os cálculos serão, talvez, de maior rigor, está considerada a construção de 100.000 casas até ao fim do próximo ano, prevendo-se que 15.000 delas sejam feitas pela iniciativa privada.

A INDONÉSIA NÃO INTERVIRÁ EM TIMOR

DJAKARTA, 4 — (F.P.) — A Indonésia não intervirá no Timor português, a menos que a situação possa constituir ameaça à segurança das zonas vizinhas — declarou o general Gnatius Pramoto durante uma conferência de Imprensa concedida em Bali.

As autoridades da zona Indonésia de Timor — declarou ainda — dão trabalho aos refugiados da colónia portuguesa e permitem-lhe a aquisição de qualificações profissionais, podendo esses refugiados regressar à sua terra quando o desejarem.

CENTRO NACIONAL DE CULTURA

Efectua-se esta noite, às 21 e 45, no Centro Nacional de Cultura (Rua António Maria Cardoso, 68, 1.º), a terceira sessão consagrada aos problemas actuais da cultura em Portugal.

A mesa redonda será constituída pelo tenente Ramiro Correia, director do programa de dinamização cultural do M.F.A., pelo crítico e cineasta Ernesto de Sousa e pelo maestro António Votorino de Almeida.

A entrada é livre.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

B. S. B.

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA SAPADOR BOMBEIRO RECRUTA

Para conhecimento se anuncia que se encontra aberto concurso de admissão para sapador bombeiro recruta do Batalhão de Sapadores Bombeiros da Câmara Municipal de Lisboa, até ao dia 6 de Junho de 1975.

São condições esenciais para admissão a este concurso, ter a 4.ª classe de instrução primária, mais de 18 anos de idade e menos de 30 à data do encerramento do concurso.

Os sapadores bombeiros recrutas terão o vencimento ilíquido de 3900$00, mais 400$00 de subsídio, tendo ainda direito a fardamento, alojamento e alimentação nos dias de serviço, durante o período de oito meses (instrução de recrutas) e de 4200$00, após esse período, tendo ainda direito a fardamento, alojamento e subsídio de alimentação.

Os interessados devem dirigir-se à Secretaria do Batalhão de Sapadores Bombeiros, Avenida D. Carlos I, em Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos respeitantes ao presente concurso.

Paços do Concelho de Lisboa, em 27 de Maio de 1975.

O PRESIDENTE,
Joaquim Ângelo Caldeira Rodrigues

HOJE, ÀS 21.15 H
UM NOVO TEATRO PARA LISBOA!

TEATRO DO POVO
Rua Marquês de Fronteira — Esq. Av. Sidónio Pais
Telefone 49650

com a ESTREIA da comédia

AVENIDA DA LIBERDADE
de Pedro Pinheiro

UM ESPECTÁCULO ALEGRE PARA O PORTUGAL NOVO!

com: PEDRO PINHEIRO ★ FERNANDA FIGUEIREDO ★ ARMANDO VENÂNCIO LIZETTE FRIAS ★ CARLOS ROSA ★ GILBERTO GONÇALVES ★ JORGE NASCIMENTO ★ MANUEL LUÍS ★ e a actriz francesa BERNADETTE STERN

Faz cócegas ao fascismo e deita a língua de fora à maioria silenciosa!

(Não aconselhável a menores de 18 anos)

Bilhetes à venda na bilheteira do teatro a partir das 13 h. e na Agência ABEP dos Restauradores

TEATRO ABC
TELEF. 36 67 45
HOJE: 2 SESSÕES, às 20.45 e 23 h.
AS GARGALHADAS NÃO PARAM... E OS APLAUSOS SÃO AUTÊNTICAS CASCATAS!

com:
IVONE SILVA
PAULO RENATO
ANABELA
RIBEIRINHO
SIMONE
DE OLIVEIRA
VERA MÓNICA
LUÍS
MASCARENHAS
JOEL BRANCO

(Não aconselhável a menores de 18 anos)

FÉRIAS NO LESTE EUROPEU

RÚSSIA
Visitando Moscovo e Leninegrado
8 dias tudo incluido 13.965$00

MAGNOLIA TOURS
Visitando Leninegrado, Kiev, Moscovo
9 dias tudo incluido 16.450$00

RÚSSIA E PAÍSES NÓRDICOS
Visitando Estocolmo, Helsinquia, Leninegrado, Moscovo, Novgorod, Smolensk, Minsk, Varsóvia, Berlim, Londres — 17 dias 15.460$00

BULGÁRIA
8 dias nas praias do Mar Negro desde 7.360$00

CRUZEIROS
A VÁRIOS PAÍSES DE LESTE desde 11.550$00

E muitas outras excursões a diferentes países!

Meliá
Rua Rosa Araújo 2
Tel. 53 6871 - LISBOA
Praça Gen. Humberto Delgado, 269 r/c Tel. 310034 - PORTO

post scriptum

«República» e «Jogo Político»

Ao viver todos os problemas que levaram os trabalhadores gráficos (e não só) do jornal «República» a tomar posições que põem ao arbítrio de todos os trabalhadores portugueses, pois que só esses poderão julgar se a luta que se trava entre os trabalhadores do jornal «República» e a Direcção e Redacção é justa.

Considero que a missão de todos os trabalhadores inseridos nos meios de informação, seja ela escrita, radiofónica ou televisiva, terá acima de tudo de ser despida de partidarismos, pergunto: porque se está a fazer do conflito do jornal «República» um «campeonato» político (tentando várias equipas) com este sistema ganhar a aderência do povo, que não querendo entrar neste «campeonato», pois que já elegeu o seu representante o M.F.A. presente no «campeonato» político europeu e mundial se está a tentar dividir o povo português, que neste momento, se alguma coisa lhe foi dado (a liberdade de expressão, a possibilidade de se acabar com o medo de se poder afirmar aquilo que somos, pelas verdadeiras palavras), porque pretendem agora certos senhores responsáveis, como se afirmam em certos escritos, tentar dividir os trabalhadores inserindo-os em sistemas políticos, que só a eles «políticos profissionais» lhes servem para se alcandorarem a sistemas de cúpula. Não será isto sujo?

. Os trabalhadores há muito que estão fartos de andarem a ser pontapeados em «campeonatos» deste «jaez», bastou várias décadas de um «campeão» absoluto, imposto à custa de falsas arbitragens e jogos ganhos em conluios de secretaria, em que alguns adversários desse «campeão» até faziam o jogo deles, defraudando os espectadores (o povo trabalhador que neles confiavam).

Espectador assíduo do jogo realizado em 1969, assisti estupefacto ao desmembramento de uma «equipa» que julgava «coesa» (em várias equipas) só porque alguns jogadores se julgaram «elitistas» e não quiseram alinhar com os outros companheiros de equipa — os trabalhadores.

Ponho neste momento uma pergunta a esses mesmos «jogadores elitistas», quererão fazer o mesmo jogo sujo que fizeram em 1969.

Respondo: se é esse o jogo que querem fazer recolham às cabinas, dispam as camisolas nacionais e transfiram-se para «clubes» de nível internacional que lhes possa pagar «cachés» chorudos (de que estão talvez já a receber) mas deixem os trabalhadores portugueses resolver os problemas do seu «campeonato», com o seu representante M. F. A. que com tanto acerto está a representar a ansiedade de os trabalhadores ganharem o «campeonato» ambicionado que é o título de Portugal Socializado representado pelos seus verdadeiros jogadores do Povo Português — M. F. A.

Em final de análise a este «jogo» peço a todos os portugueses que não compareçam a convites para «jogos» que de antemão já estão resolvidos nas «secretarias» mas que só precisam do aval do povo trabalhador português. — Um tipógrafo (identificado) — Lisboa

Um remédio para a crise do turismo

... Com a aproximação do Verão, não há quem não pense em gozar umas merecidas férias depois de um ano de trabalho. Tenho lido e ouvido falar tanto da crise do turismo que não entendo bem porque é que ainda não se pensou em encher os hóteis de portugueses. Será razoável que andemos todos à procura de casa e a pagar rendas disparatadas em cidades e aldeias em que hajam hotéis vazios? Responder-me-ão que os portugueses não podem pagar os preços exigidos pelos hóteis, mas a verdade é que também se não entende que haja hóteis que prefiram fechar e não ter lucro nenhum a subsistir mais um ano limitando-se a ganhar para os salários e as despesas. O que será melhor: não ganhar nada, ou ganhar o suficiente para viver? — Maria das Dores Guerreiro — Lisboa

É uma ideia. Se tiver conhecimento de qualquer hotel que esteja disposto a seguir o seu conselho, mande-nos dizer...

Vitaminas, quem quer vitaminas?

Qual será o teor vitamínico dos sumos de fruta agora vendidos em latinhas? Refiro-me aos produtos da Compal, da Sumol e creio que de outras marcas, que apareceram no mercado há coisa de dois ou três anos. As latas indicam que o produto é constituído por sumo e polpa de frutos, mas não dizem se, do ponto de vista de saúde, vale a pena adquiri-los e bebê-los. Parece-me que esta indicação teria interesse para todos, nomeadamente para quem tem filhos e precisa de saber que produtos adquirir para eles. João Paulo Nunes Ribeiro — Porto.

Nunca tínhamos pensado nisso, mas parece-me que o problema tem interesse. Vamos levantá-lo junto dos responsáveis por estas coisas e, quando estivermos mais bem informados, voltamos ao assunto.

O preço dos remédios

... Todos sabemos que os remédios em Portugal são os mais caros da Europa. Não há português que não vá a Espanha e que não compre lá, por metade do preço, os remédios de que necessita cá. Por que razão o «Esclorobion» custa em Portugal 260$00? Por que razão umas lentes Zeiss custam cá 800$00 e em Vigo 240$00? Sabemos que os preços dos remédios foram aprovados mediante uma exposição feita pelos importadores nos tempos em que o saque em Portugal estava organizado técnica e cientificamente à escala nacional corrompida...

Não há dúvida de que precisamos de um remédio contra o preço dos remédios — se for a Vigo, traga-nos de lá um tubo...

UMA RADIOGRAFIA DAS PESCAS

Por J. SILVA FALCÃO

O Relatório e Contas do Exercício de 1974 concernente à Companhia Portuguesa de Pesca, agora publicado, vem confirmar verdades que alguns pretendem ainda camuflar, verdades que durante muitos anos foram escondidas através de uma implacável censura, e uma criminosa Pide, esta a merecer (calcule-se!) a piedade de uns bem-aventurados **padrecas** aliados do capitalismo.

A Companhia Portuguesa de Pesca, uma das principais empresas de captura de pescado, apresenta o prejuízo, em 1974, de cerca de 77 mil contos, o que bem define a gestão económica que era imprimida à empresa. Ao mesmo tempo, são claros os índices definidores da situação financeira da companhia, com um activo disponível de 3.222 contos e o passivo exigível a curto prazo de 232 917 contos. Um desastre que explica a intervenção estatal ao abrigo do Decreto 660/74.

Para além destes números que atestam a ruína em que o fascismo colocou o sector das pescas, possuem o maior interesse as considerações expressas no Parecer do Conselho Fiscal, cujo presidente, Fernando dos Santos Costa, é precisamente um dos grandes nomes dos sequazes de Salazar, e um ministro que espalhou prepotências pelo País fora.

Refere-se nesse Parecer:

. «Agravou-se extraordinariamente, durante o ano de 1974, a já tão precária situação económico-financeira da companhia que se verificava no final do exercício de 1973. O facto era inteiramente de prever e para as funestas consequências resultantes de uma política irresponsável que há vários anos presidia aos da indústria de pesca no nosso país...» Santos Costa assinou estas declarações, podendo perguntar-se, com muita ingenuidade, o que fez o ex-ministro, cheio de poder e influência, um dos barões do regime no sentido de contrariar a «política irresponsável que há vários anos presidia aos destinos da indústria de pesca». Para além, claro, daquilo que terá querido, **sem êxito**, publicar no Parecer de 1972. Porque se lê no parecer de 1974:

. «Terá algum interesse transcrever agora o texto com que, sem êxito, se pretendeu abrir o parecer do Conselho Fiscal relativo às contas de 1972...»

. Quer isto significar que o ex-ministro apresentou o relatório que alguém lhe permitiu que apresentasse. E, evidentemente, lá se manteve no seu posto, numa linha de coerência e personalidade dignas de serem devidamente registadas. Havia que defender, a todo o custo o lugar.

Entretanto, em 1972, evidenciava-se um saldo positivo de exercício de 4993 contos, quando houvera na realidade um prejuízo de 21 698 contos. Comparticipações do Estado, de cerca de 26 691 contos disfarçavam este prejuízo. Ao mesmo tempo, o passivo exigível era agravado de 35 711 contos. Assim se enganava o público... Com relatórios falseados.

Hoje não se engana ninguém. Apontam-se as realidades, por mais duras que sejam. Esquacionam-se os problemas trazidos até ao Povo, busca-se a colaboração deste Povo. Procura-se a saída do marasmo.

Neste contexto desenvolve-se uma política de acordos bilaterais. Com o patrocínio da Secretaria de Estado das Pescas, foram iniciadas conversações com um grupo marroquino, visando a criação de uma sociedade luso-marroquina, na qual a Companhia Portuguesa de Pesca ficará detentora de importante posição no capital social. Ao mesmo tempo, intenta-se o ingresso da C.P.P. numa sociedade com sede em Moçambique, o qual permitirá um melhor apoio logístico à frota e a possibilidade de manuseamento e tratamento do pescado. Mas há mais iniciativas: as conversações em Moçambique, tendo como objectivo a constituição de uma sociedade mista, com representação da C.P.P., e o propósito de formação de uma empresa pública de reparação naval para embarcações até trinta mil toneladas, conforme o ponto 39 do Plano Económico de Política Social. A conversão dos estaleiros, com o desligamento dos Estaleiros de Olho de Boi, proporcionará um aproveitamento integral de mão de obra disponível e uma redução de encargos. Passos em frente.

Vale a pena mencionar ainda que retomou a actividade em Outubro de 1974, após a sua transformação em congelador, o navio «Alfama», prevendo-se que em breve se verifique o mesmo com o navio «Aljezur».

Assim se integra a C.P.P. na batalha da Produção, graças ao dinamismo de uma equipa chefiada por Ildefonso Nóvoa, a qual não se poupa a esforços.

Espera-se deste modo que a Companhia Portuguesa de Pesca venha a ser uma empresa rentável, ao serviço da economia nacional e do povo português.

A vitória é difícil mas será da C.P.P., de todos os seus colaboradores, sob o patrocínio da Secretaria de Estado das Pescas. Quem acompanha a actividade da empresa não duvida um instante do êxito das iniciativas que conduzirão a importante companhia ao lugar a que tem direito.

ARGENTINA: O FIM DA ILUSÃO (II)

FORÇAS ARMADAS, CLASSE MÉDIA E REPRESSÃO

Por JUAN CARLOS RODRIGUEZ

. Para compreender o panorama político argentino, há que estudar as Forças Armadas as classes médias e a repressão.

As Forças Armadas sofreram mudanças decisivas nos últimos vinte anos. O abandono da «doutrina militar clássica» (defesa do território nacional, progresso da indústria pesada, nacionalismo económico, etc) produziu-se, mercê de uma profunda penetração ideológica proveniente dos Estados Unidos.

Homens como o general Savio, criador da siderurgia argentina, ou como o general Mosconi, pioneiro da exploração petrolífera e defensor da soberania nacional, faziam parte de toda uma corrente histórica militar progressista, que propunha (nos limites da sociedade de classes, é claro) um nebuloso projecto de desenvolvimento económico (com preeminência industrial) independente das grandes potências capitalistas.

Porque, assim como existiram os militares da revolução fascista de 1930, da entrega ao imperialismo inglês, também existiram os oficiais que apoiaram o governo democrático de Hipolito Yrigoyen (1), que se sublevaram contra o poder oligárquico nos anos 30 (2), que impulsionaram as grandes nacionalizações (caminhos de ferro, telefones, etc.) nos fins dos anos 40.

Mas o desenvolvimento do capitalismo monopolista esgotou as perspectivas históricas do nacionalismo militar burguês. A teoria da «guerra contra-revolucionária» e do «desenvolvimento» **made in** USA. substituiram o nacionalismo económico. O conceito da «fronteira ideológica» substituiu o de defesa nacional. O «anticomunismo» converteu-se em teoria oficial. Um grande número de quadros principais das Forças Armadas fez cursos nos Estados Unidos e mantém estreitas relações com os «amigos do Norte».

No entanto, não devemos cair no esquema simplista que consiste em supor que os militares passaram em bloco de uma posição nacionalista para outra pró-imperialista. Na verdade, o nacionalismo militar manteve-se sempre dentro dos limites socio-históricos da sociedade classista, tentando «reformá-la», torná-la mais «independente», mais «desenvolvida». O capitalismo na Argentina respondeu, numa primeira etapa (até à segunda guerra mundial) à hegemonia inglesa, assim como agora se encontra sob a férula norte-americana. As Forças Armadas, parte do Estado de um país capitalista dependente, medianamente desenvolvido, não puderam subtrair-se nunca à estratégia ditada pelos centros do poder mundial capitalista. É certo que, em determinados períodos, conseguiram ter uma política mais independente (em casos de grave crise internacional, etc.) mas isso não impediu que uma vastíssima extensão da burocracia militar continuasse a aderir a padrões doutrinários burguês-conservadores, propensos à claudicação colonial. Actualmente, a crescente debilidade da burguesia nacional, a submissão (integração) do capitalismo de Estado ante os monopólios estrangeiros, o carácter historicamente reaccionário da oligárquia latifundista, a desintegração da velha classe média liberal e a radicalização de amplos sectores populares constituem dados sociais decisivos, que deixam escassa margem ao nacionalismo militar, prisioneiro da ideologia burguesa. Totalmente diferente, é o caso do Peru, país com um baixo grau de desenvolvimento capitalista.

A pressão norte-americana sobre a área latino-americana tem-se vindo a tornar cada vez mais forte, conseguindo, em grande parte, fazer vergar as oposições existentes (Chile, Bolívia, Argentina, etc.).

Uma real esquerdização de importantes sectores militares só poderia conceber-se na Argentina num quadro de aguda decomposição no plano interno e/ou no caso de graves retrocessos do capitalismo a nível internacional. Mas, dadas as características da Argentina, de país dependente mas moderno do ponto de vista capitalista (com mais de 70 por cento de população urbana, muito mais próxima da Itália que da Bolívia sociologicamente falando), é indispensável que este processo se dê em paralelo com um elevado nível de consciência e de organi-

Continua na pág. 18

Nacional

A TÔMBOLA DO SERVIÇO CÍVICO ESTUDANTIL

DEMOROU SETE MESES A PUBLICAÇÃO DO DECRETO-LEI

De 11 de Novembro de 1974, a primeira vez que a necessidade de um serviço cívico estudantil foi anunciada pelo prof. Pereira de Moura, em entrevista ao «D.N.», até à publicação do decreto-lei, no «Diário do Governo» do passado 30 de Maio, que determina a sua institucionalização, muita tinta correu, múltiplos comunicados se difundiram, foram levantados falsos problemas e definidas três posições diferentes face ao S.C.E., que, durante tempos, com particular indidência em Janeiro e Fevereiro, foi o ponto-mor de controvérsia na crise que alastrava (e alastra) pelo Ensino Superior.

Estudantes discutem à entrada do Técnico.

Entretanto, segundo o diploma legal, que visa o S.C.E.?

«Assegurar aos estudantes uma mais adequada integração na sociedade portuguesa e um mais amplo contacto com os seus problemas, a par da melhor compreensão das necessidades e carências da população; garantir maior harmonização do conteúdo e prática do ensino com as situações concretas da vida nacional; contribuir para a combinação da educação pelo trabalho intelectual com a educação pelo trabalho manual e quebrar o isolamento da escola em relação à vida, da cidade em relação ao campo; possibilitar aos estudantes, em certa medida, uma avaliação das opções feitas e eventualmente despertar-lhes vocação e interesse por vias profissionais de mais imediato proveito e interesse por vias profissionais de mais imediato proveito para a colectividade; contribuir para a reconversão do sistema de ensino, fomentar o espírito de trabalho colectivo, incentivar a cooperação entre os estudantes e o povo trabalhador, preparar e assegurar a participação dos estudantes nas tarefas da construção da democracia e do progresso do País; apoiar a criação de infra-estruturas sociais de que o País necessite; contribuir, na medida do possível, para melhorar as condições de vida das populações mais necessitadas, mediante a realização de tarefas urgentes que não possam ser garantidas pelo recurso ao mercado do trabalho».

OS EXAMES DE APTIDÃO

O levantamento do problema do S.C.E. tem de ser ligado aos exames de aptidão que, começados em 7 de Novembro, foram boicotados em cinco escolas de Lisboa, (Técnico, Económicas, Belas-Artes, I.N.E.F., Ciências Sociais e Políticas).

Curiosamente, além do mais, este dia tornar-se-á decisivo. Desenhava-se o conflito que se havia de arrastar até hoje. Se não vejamos: de um lado, o comício da U.E.C.; do outro, o 1.º Congresso da F.R.E.P.; no meio, o plenário dos candidatos ao 1.º ano, decidido o boicote geral aos respectivos exames.

É mesmo enviada uma moção ao M.E.I.C. em que os estudantes se afirmam «firmemente unidos e dispostos a não realizar tais exames» que mais não são que «uma reaccionária forma de selecção».

Registe-se que este argumento de selecção seria usado exaustivamente durante todo o «processo S.C.E.».

A F.R.E.P., em congresso, saúda «a luta dos estudantes do 1.º ano contra a selecção da escola burguesa e pelo ingresso imediato nas Faculdades».

A U.E.C., em comício, sustenta que «a situação torna possível a mobilização da massa estudantil para as tarefas concretas no domínio da alfabetização, construção de escolas e obras públicas».

A 4 de Novembro, delegados da pró-U.N.E.P. e da U.E.C. encontram-se com o ministro do Trabalho, Costa Martins. Comunicam-lhe a possibilidade de os estudantes exercerem actividades fora da Escola. O ministro do Trabalho apoia a ideia.

Face ao boicote dos exames de aptidão do M.E.I.C. publica uma nota em que propõe a repetição dos exames. Diz «estar disposto, certamente com o apoio da grande maioria dos estudantes que já mostrou desejar apresentar-se aos referidos exames, a garantir a sua realização».

O M.E.I.C., entretanto, anuncia ao País que 15 mil dos 28 mil candidatos ao Ensino Superior, não poderão entrar nas Faculdades portuguesas.

A necessidade de um Serviço Cívico Estudantil que conseguisse resolver ou pelo menos remediar a explosão escolar, a escassez de instalações e professores, começa a ganhar forma.

VASCO GONÇALVES NA TELEVISÃO

Em entrevista concedida à RTP (21/11/74), o primeiro-ministro, Vasco Gonçalves, faz um apelo «aos estudantes para que, de facto, aqueles que são mais lúcidos, elucidem os outros, esses grupos esquerdistas de tipo anarquista que perturbam a actividade nas escolas».

A U.E.C. apoia o serviço Cívico. Esta posição, popular, com os estudantes mobilizados para uma luta «mais fácil» (ingresso imediato na Faculdade, abolição dos exames de aptidão) viria custar a demissão a muitas das direcções associativas da linha U.E.C.: em Direito (15 de Novembro), em Económicas (4 de Dezembro) e dias mais tarde, em Coimbra.

Entretanto, o ministro da Educação, Magalhães Godinho demite-se (28 de Novembro). Em entrevista concedida à «Vila Vida Mundial» (2/1/75), Magalhães Godinho faz uma análise desencantada do que se passa com a Universidade, reflexo da crise da sociedade portuguesa. Apoia o serviço cívico que por um lado irá aproximar de facto, e não em verborreia, os estudantes das classes trabalhadoras e do mundo do trabalho efectivo; por outro lado, tirando-os de um meio restrito e sob alguns aspectos artificial, levá-los a tomar contacto directo com as realidades nacionais autênticas, fora de duas ou três cidades e do «mundo» dos cafés, o Portugal onde ainda nem a televisão chegou, o país dos arados de pau puxados por bois, das carroças cujas rodas ainda nem sequer utilizam pneus, essas zonas onde as mulheres vão a dorso de burrico.

E acrescenta Magalhães Godinho: «a novidade da iniciativa (do S.C.E.) entre nós e a época tardia não tornavam fácil montá-lo com a indispensável rapidez, a acção conjunta de vários ministérios esbarrava com uns quantos esbarrava com uns quantos obstáculos, devido à falta de preparação para tal, e a institucionalização fraccionada do Poder neste momento no nosso País constituía obstáculo suplementar».

A visão pessimista de Magalhães Godinho não se compadece com as formas fáceis de avaliação de conhecimentos, com ingressos automáticos na Universidade (democratizar a Cultura não é o mesmo que abrir a Universidade a todos) nem com o sistemático recurso à base. O caso do Direito é típico: tentáculo do fascismo criando as elites que lhe insuflem um pouco mais de oxigénio, assiste-se a uma rotação de 360 graus. O ex-ministro do M.E.I.C. denuncia «o extremismo utópico completamente desorientado, de uma minorias lá dentro».

Dois partidos políticos tomam posição face ao S.C.E.: O M.D.P./C.D.E. (15 de Dezembro), que aprova uma moção a enviar ao M.E.I.C., propondo a criação do S.C.E.; o P.C.P., que, no comício da U.E.C. (12 de Dezembro) pela palavra de Álvaro Cunhal, afirma que «se um dia as massas estudantis forem chamdas a participar com o seu trabalho em obras de utilidade popular e nacional, corresponderão entusiasticamente ao apelo». A proposta do S.C.E. é apresentada pelo ministro, tenente-coronel Manuel Rodrigues de Carvalho, ao País a 27 de Dezembro, com carácter voluntário.

POSIÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES JUVENIS

As posições face ao S.C.E. tripartem-se.

A U.E.C., a pró-U.N.E.P. e as Bases Estudantis do M.D.P./C.D.E. apoiam incondicionalmente a proposta apresentada pelo M.E.I.C.

Mais tarde, a posição tanto da U.E.C. como da pró-U.N.E.P. evoluem perante as posições hesitantes por parte do próprio M.E.I.C. e por verificarem que este «a partir do momento em que anunciou o S.C.E. não tem saído com propostas concretas». Assim, não lhes repugna a «saída organizada das escolas». E mais, como defende a U.E.C. «preconizamos que os estudantes que fizeram o S.C.E. sejam considerados na situação de efectivos estudantes da Universidade e em 1975/76 sejam alunos do 2.º ano».

Esta proposta (saída organizada) é a que mais organizações juvenis congrega.

Apresentada pelos N.E.I.P., a ela irão aderir os Comités Toupeira Vermelha e A.S.J. (trotskistas) os C.R.E.B.S. (Células Revolucionárias Estudantis de Base Socialista).

A J.S.D. que a 17 de Dezembro considerava o S.C.E. «uma possível iniciativa a desencadear, uma vez que apresenta algumas vantagens» a 17 de Fevereiro, agarrada a pruridos legalistas, condena a «actuação oportunista do M.E.I.C. e lança um apelo a todos os estudantes no sentido de boicotarem as inscrições no S.C.E. uma vez que a via do diálogo é negada pelo M.E.I.C.», salientando ainda que «o S.C.E. não foi objecto do Governo Provisório».

A J.C. (C.D.S.) joga na ambiguidade. «Concordaria com o S.C.E. se a sua realização fosse aprovada pela maioria dos estudantes, o que não sucede. A J.C. não concorda assim com a sua efectivação (18/2/75).

Os Comités Paiva Couceiro da Juventude Revolucionária Monárquica (P.P.M.) consideram o S.C.E. uma «medida demagógica e antidemocrática (...) repudiada pela grande maioria dos estudantes portugueses através de plenários e reuniões de escola» e pedem o boicote às inscrições no serviço cívico», «trabalhos forçados estudantis».

A F.R.E.P. (M.R.P.P.) desencadeia a luta contra o S.C.E. sob a palavra de ordem; «sim ao ingresso imediato nas Faculdades; não aos trabalhos forçados». O seu repúdio ao S.C.E. facilitado pela imprecisão com que é apresentado e sem oferecer propostas concretas, assenta no facto de os estudantes irem funcionar como fura-greves, de a prestação do serviço ir colidir com mercado de trabalho, de ir pôr os estudantes contra os trabalhadores.

CURSOS LIVRES

Como resposta ao S.C.E. do M.E.C. começam a proliferar os cursos livres para estudantes candidatos ao 1.º ano. Em algumas faculdades abrem-se mesmo matrículas (caso do I.S.T. onde se matriculam 1000 alunos e do I.S.C.T.E. que o director-geral do Ensino Superior dr. António Hespanha considera uma burla em face à lei).

Em Economia, a 14 de Fevereiro, abrem inscrições para os cursos livres à volta dos temas «Matemática, Economia, o Movimento Operário, Economia Política e colóquios». Em Direi-

Continua na pág. 6

Aspecto da assembleia em que foi comunicada a criação do Serviço Cívico.

Nacional

"NUNCA OS TRABALHADORES ESTIVERAM TÃO PERTO DA SUA LIBERTAÇÃO" —afirma Ramiro Correia

«As dúvidas e as interrogações fazem parte da vida. E se o povo português tem dúvidas e põe interrogações, é porque está vivo, o que não aconteceu durante os quarenta e oito anos de fascismo» — afirmou o comandante Ramiro Correia, membro do Conselho Superior da Revolução, durante a sessão de esclarecimento ontem levada a cabo na sede do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros, em prosseguimento do colóquio que, integrado na batalha da produção, teve início no dia 27 do mês findo. Além daquele militar, estiveram presentes o comandante Begonha, tenente Zambujo, aspirante Oliveira e sargento Orlando, como representantes da Comissão Dinamizadora Central do M.F.A. De entre os civis que encabeçaram a sessão achavam-se os representantes da direcção daquele Sindicato e do seu Grupo Cultural, e ainda Carlos Carvalho em nome da Intersindical.

Tomou a palavra em primeiro lugar um elemento da direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros, que em nome dos corpos gerentes do referido organismo apresentou uma moção de apoio incondicional ao M.F.A. e à ideia revolucionária da batalha da produção. Esta moção foi aprovada por aclamação.

Falou em seguida o representante da Intersindical, Carlos Carvalho que destacou o papel importante da batalha da produção no processo revolucionário e o que nessa batalha tem de relevante o trabalho das organizações sindicais, assim como a intervenção decisiva das organizações de trabalhadores. Referindo-se ao desemprego, Carlos Carvalho disse que «há realmente necessidade de criar de imediato novos postos de trabalho». No entanto — acrescentou — «não tenhamos ilusões. Não é numa sociedade capitalista que criaremos uma situação de pleno emprego. Essa só a iremos encontrar na sociedade socialista que estamos a construir, pois, como se sabe, nos países socialistas não existe desemprego».

Foi então a vez de intervir o comandante Ramiro Correia, que começou por afirmar que os elementos do M.F.A. integrados nas campanhas de dinamização, não queriam ser senhores absolutos duma só verdade, nem lhes interessava impor qualquer espécie de dirigismo. «Estamos empenhados neste trabalho para dinamizar, esclarecer e... aprender. Daí que prefiramos o diálogo».

Na sua curta mas incisiva alocução, o comandante Ramiro Correia diria ainda que «o 28 de Setembro e o 11 de Março, trazendo-nos para a rua, lado a lado com o povo, deu-nos ainda mais a noção das verdadeiras realidades e a força necessária para nos lançarmos nesta certeza, que é a construção do socialismo em Portugal. Sobretudo, no que se refere ao 11 de Março, nessa data quebraram-se todos ou quase todos os condicionalismos que faziam vacilar o M.F.A., para conseguirmos o grande salto em frente na via socialista, o qual, como sabem, começou com as nacionalizações da banca e dos seguros e é já hoje irreversível».

Entrou-se depois no diálogo. Ramiro Correia sugeriu-o e a assistência que apinhava o salão do S.T.S. correspondeu inteiramente. Durante uma das suas intervenções, o tenente Zambujo, diria: «Há necessidade de um verdadeiro empenhamento revolucionário da parte de todos os portugueses. É preciso atear a chama. Existem ainda muitas pessoas passivas, comodamente sentadas a ver para onde vai a revolução. E é aqui que devemos alertar: as pessoas têm que se definir neste momento» E citando Vasco Gonçalves: «As pessoas ou estão com a revolução, ou estão contra a revolução».

Sobre a pergunta feita por um dos assistentes, acerca da tão falada «crise de autoridade», Ramiro Correia responderia nestes termos: «Muitas pessoas falam de crise de autoridade com saudades duma autoridade antiga que hoje é contestada». E acrescentou: «Há quem critique o M.F.A. por não intervir com mais energia em certos momentos. Eu direi que a intervenção das Forças Armadas, levada a certos extremos, é um perigo e um erro. É, sobretudo, um perigo que nos poderia levar à beira de qualquer coisa como uma ditadura militar. Isto não quer dizer que, no dia em que for necessário, as Forças Armadas não intervirão com toda a energia».

Houve novas intervenções, quer dos elementos do M.F.A., que estabeleceram assim uma autêntica torrente dialogal, como aliás é seu hábito. O comandante Begonha interpretaria, sobre uma pergunta, os critérios da produtividade, insistindo em que a batalha da produção contém em si mesma uma perspectiva muito importante: «a perspectiva da unidade».

A terminar, o comandante Ramiro Correia, correspondendo a uma última interpelação, afirmaria: «Estamos a viver um momento único no nosso país. Nunca as classes trabalhadoras estiveram tão perto da sua libertação como hoje. Mas o momento vale por todo o seu belo conteúdo, pois não nos esqueçamos que o processo de libertação do povo português está ligado à libertação de outros povos. Se nós tivermos consciência do momento que vivemos, se nos lembrarmos que este momento custou quarenta e oito anos de luta antifascista, durante a qual muitos homens e mulheres sacrificaram a própria vida, se nos recordarmos de que teve de haver uma guerra com dez mil mil mortos e trinta mil deficientes, estaremos à altura de termos orgulho de sermos portugueses. E este é um exame de consciência que cada português deve pôr a si próprio».

O COMANDO DA PRISÃO DE CAXIAS INFORMA:

"NÃO HÁ SEVICIAS NEM ESPANCAMENTOS CONTRA OS DETIDOS DO M.R.P.P."

Com a presença do responsável pela segurança do Forte de Caxias, comandante Xavier, o Comando Militar instalado naquele presídio reuniu-se ontem à noite com um grupo de jornalistas numa das salas do reduto norte. Motivo da reunião: a necessidade de contrapor alguns dados «de facto», a várias afirmações feitas nos órgãos de Informação acerca de como estão a ser tratados os militantes do M.R.P.P. ali detidos desde o passado dia 28. As explicações aos jornalistas (a quem, aliás, foram permitidas todas as perguntas que entenderam fazer), apesar de sumárias, não deixam de conter pormenores interessantes. Deste modo, segundo a versão do referido Comando Militar, tudo quanto se passou no Forte de Caxias desde a chegada das cerca de três centenas de militantes do M.R.P.P. detidos pelo Copcon, os factos têm um teor bastante diferente do que lhe foi dado na Informação e é o seguinte: a prisão de Caxias não possui capacidade material e espacial para albergar de uma só vez trezentos detidos, o que logo à partida criaria complicações. Havia não só falta de celas para manter os detidos em condições normais de segurança e alguma comodidade, como igualmente havia falta de equipamento: colchões, mantas, etc. Disseram-nos aqueles militares que umas horas depois da entrada dos detidos, essas faltas foram colmatadas. Quanto ao número de celas, teve de recorrer-se a alguns dos calabouços da prisão velha, que já não funcionava desde há muitos anos. Estes calabouços da prisão velha foram chamados de «celas da água», por no tempo em que a P.I.D.E. os utilizava serem inundadas para que os prisioneiros ali se mantivessem noite e dia com água pelos joelhos.

Referindo tudo o que se disse ter acontecido depois da chegada a Caxias dos detidos M.R.P.P., o Comando Militar contrapôs:

Celas inundadas pelo joelho: é mentira. O que aconteceu — estamos a citar — foi que ao chegarem às tais celas da prisão velha, os militantes daquele partido, barricaram-se, depois de escavacarem — o termo não é nosso — todos os beliches, com os quais montaram a barricada e se armaram dispostos a agredir o pessoal militar e paramilitar da cadeia. Como não conseguissem entrar nas celas de outro modo e não querendo recorrer a outros meios mais violentos, como por exemplo a utilização de gases lacrimogéneos, os soldados serviram-se de mangueiras para, com jactos de água, travarem o ímpeto dos detidos. Como aquelas celas não têm escoamento, juntou-se bastante água, que no entanto, dizem os militares, nem por sombras atingiu a altura de que se falou. Naturalmente que os detidos ficaram, por sua vez, com as roupas encharcadas. o que, tão depressa quanto possível, foi remediado.

Na sequência do acontecimento e quando enfim as celas se abriram, os detidos tentaram pela violência barrar o caminho dos militares. Quando estes penetraram finalmente nas celas, foram agredidos com os ferros e paus que os detidos arranjaram com o desmantelamento das camas e dois fuzileiros tiveram de ser hospitalizados com ferimentos graves na cabeça.

Já antes, porém, e na altura em que chegaram à cadeia, tinham começado os incidentes: os militantes do M.R.P.P. não quiseram identificar-se tendo muitos deles queimado ali mesmo os cartões de identidade, aqueles que os levavam. Com as mulheres foi mais difícil ainda. Mordiam — continuamos a citar a fonte — agatanhavam, batiam com os punhos, davam pontapés. No meio de todo este alarido e confusão, houve então umas quantas bastonadas.

— Era difícil ter na mão os homens — diz o comandante Xavier —. De qualquer modo — acrescenta — note-se que o recurso às mangueiras só foi usado muito depois de tentarmos negociar com os detidos. E as bastonadas só apareceram depois dos militares verem companheiros seus feridos.

Mulheres descalças nas celas: o Comando de Caxias afirma: isto é verdade. Tivemos que descalçar todas as detidas, porque elas utilizavam os sapatos como ferramentas para destruir as celas e como armas para agredir os guardas e os soldados.

Falta de higiene: as detidas reclamaram pensos e papel higiénico. A princípio, pois há em Caxias, 55 mulheres (o seu número era de 57, mas foram soltas duas), não havia que chegasse para todas e na quantidade que pediam. Decidiu-se adquirir maior quantidade e até ontem tinham sido distribuídos por todas as celas segundo os militares, 10 rolos de papel e 300 pensos higiénicos.

Falta de assistência médica: os detidos e detidas recusaram a assistência do médico da Marinha em serviço no Forte. Foi-lhes então concedido (saltando por cima de todos os regulamentos, acrescenta o comandante Xavier) que fossem vistas, as mulheres, por quatro médicos particulares. Estes médicos, porém, recusaram ser auxiliados pelo enfermeiro do posto clínico do Forte, o que provocou um incidente com o comandante Xavier, que os convidou a abandonar o presídio. No entanto, dizem os militares, tentou-se uma distribuição de medicamentos por todas as detidas que deles necessitavam. Mas, perguntam os responsáveis da prisão de Caxias, como se podia saber a quem medicar, se as detidas continuam a não querer identificar-se? Mesmo assim, transportaram-se algumas das detidas para a enfermaria, mas isso só foi possível, afirmaram-nos, transportando cada uma delas ao colo de dois fuzileiros, apesar da resistência que opunham e da forma como agrediam os homens que as transportavam.

Menores em prisão: informam-nos os responsáveis de Caxias, que na altura em que se fez a transferência dos detidos masculinos para Pinheiro da Cruz, foram libertados todos os menores de 16 anos e duas raparigas. Houve ainda dois detidos que, apesar do mandato de soltura, se recusaram a abandonar a cadeia.

Entrega de roupa, negada aos detidos: os familiares levam de facto roupa. Mas como se vão fazer as entregas às pessoas a quem essa roupa é dirigida, se essas pessoas se recusam a identificar-se? — perguntam os militares.

Greve da fome: declarado e comprovado — palavras textuais — não há ninguém a fazer a greve da fome em Caxias. Neste momento, as detidas estão em celas individuais. Continuam em Caxias, três detidos além das 55 detidas. O resto foi para Pinheiro da Cruz, tirando os que já foram soltos.

Péssima comida fornecida aos presos: os responsáveis de Caxias dizem-nos: de facto, a comida é comida de quartel e, portanto é má. Mas é a que comem os militares e toda a gente aqui dentro, sem excepções. As detidas e detidos, oram a aceitam e comem, ora a recusam, embora sempre em atitude individual.

FASCISTAS HAVIA UM

Feito este relatório sumário dos incidentes em Caxias, passou-se à fase das perguntas e respostas.

Pergunta-se: — Há alguma cela onde estejam fascistas e militantes do M.R.P.P.?

Resposta dos militares: Não, senhor. De resto, só cá havia um fascista que é militante ou integrado no C.D.S. Agora entraram mais três «pides» presos ontem. Mas nenhum deles está sequer perto das celas onde se encontram os rapazes do M. R. P. P.

Pergunta: Fui informado que o dirigente do M.R.P.P. Arnaldo Matos, foi espancado. É verdade?

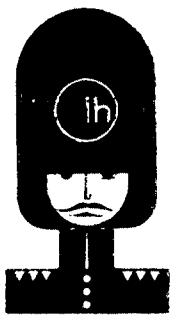
Resposta dos militares: É mentira. Os senhores poderão comprovar isso. Arnaldo Matos não sofreu qualquer sevícia.

Comandante Xavier: — Mesmo nas borrascas que se deram na prisão por culpa dos detidos, acho difícil que Arnaldo Matos pudesse ter sido atingido. Por regra, os chefes são cobertos pelos outros militantes. De resto, só no domingo identificámos o Arnaldo Matos. E eu — acrescenta o comandante Xavier — não admitiria que ele fosse espancado só por ser o Arnaldo Matos.

Pergunta: afirma-se que não se dão talheres aos presos para poderem comer. Que nos dizem desta afirmação?

Resposta dos militares: — O regulamento manda que só forneça uma colher, visto que as facas e garfos podem transformar-se em armas perigosas. No entanto, quanto às colheres e como os senhores vão verificar, os detidos serviram-se delas para fazerem inscrições nas paredes, depois de as partirem. A verdade é que voltámos a dar-lhes colheres.

Após a reunião, os jornalistas foram convidados a visitar as chamadas celas de água, agora sem ninguém lá dentro. Água já não havia. Inscrições nas paredes, com os gritos de guerra do M.R.P.P., havia muitas. Também visitámos Arnaldo Matos. Pareceu-nos bem fisicamente, embora diante do comandante Xavier e outros oficiais do Forte, mantivesse a palavra de que tinha sido espancado. Aqui levantou-se um incidente com um nosso camarada da Informação, Carreira Bom, que debaixo da emotividade do momento, teve uma atitude quanto a nós bastante discutível, que só a mesma emotividade desculpa. Aliás, isso foi compreendido pelo comandante Xavier, que embora lhe chegasse a dar voz de prisão, acabou por mandá-lo depois em paz.



CURSOS E FÉRIAS

NA INGLATERRA
COM
INTERNATIONAL HOUSE

★ Cursos para adultos e pessoas Jovens

★ Preço desde 9300$00 incluindo viagem de avião, curso e alojamento

Rua Marquês Sá da Bandeira, 16
Telefs. 57 14 96, 53 40 54 e 53 40 62

Nacional

DEMOROU SETE MESES A PUBLICAÇÃO DO DECRETO-LEI

Continuação da pág. 4

tos, a 17 de Fevereiro, cursos livres sobre «Crise Económica, Legislação anti-operária e anti popular publicada após o 25 de Abril, Imperialismo e Social-Imperialismo». No I.S.C.T.E., a 20 de Fevereiro, cursos livres sobre «Economia Política, Matemática e Luta de Classes em Portugal». A seguir, em Letras.

Professores que vão ministrar alguns cursos: prof. Lindley Cintra, Isabel Faria (ambos fazem parte da Comissão de Gestão da Faculdade de Letras). A 19 de Fevereiro o M.E.I.C., em nota, declara não reconhecer os cursos livres como equivalentes à frequência do 1.º ano das várias escolas. A mesma posição tomará em relação à Universidade Nocturna que entretanto nascia em Coimbra e onde estavam já inscritos 600 estudantes.

Realiza-se então, (22 de Fevereiro) o 1.º Encontro Nacional de Trabalhadores Estudantes promovido pela Intersindical e M.J.T., com a presença de dirigentes do P.C., M.D.P./C.D.E. e um representante do M.F.A.

Por iniciativa da pró-U.N.E.P. três brigadas piloto iniciam o serviço cívico em Oeiras. «Construção de um caminho, reparação e limpeza das escolas».

ABERTURA DAS INSCRIÇÕES PARA O S.C.E.

A 14 de Fevereiro abrem as inscrições para o Serviço Cívico cujo encerramento é prorrogado de 28 de Fevereiro para 10 de Março.

São 15 mil os estudantes inscritos. A realidade deste número vem levantar o problema de carácter voluntário do Serviço Cívico.

Com efeito, segundo a proposta apresentada na altura, a prestação deste serviço daria direito à entrada no ano seguinte na Universidade e seria contada para efeito de encurtamento da prestação do serviço militar. É este carácter voluntário do S.C.E. que foi com frequência contestado. Por outro lado, o início do S.C.E. que o tenente-coronel Corte Real em entrevista a um diário da capital desmentia começar só depois de Maio, ainda não começou. Embora tenha autonomia administrativa e financeira, pensa-se no entanto, que a sua dificuldade em arrancar está ligada a dificuldades de orçamento.

Sobre a colisão com o Mercado de Trabalho alguns problemas foram levantados pela própria pró-U.N.E.P. quando acusou o ministro da Economia de ter contactado a C.I.P. (Confederação da Indústria Portuguesa) para arranjar postos de trabalho em Empresas privadas para estudantes.

Mais tarde, em declarações ao «Diário de Lisboa» 26/2/75) o tenente-coronel Campos Ferreira da Comissão Coordenadora do Serviço Cívico Estudantil, diria que houve, com efeito, pedidos de Empresas, mas tratou-se de um equívoco rapidamente desfeito».

A Intersindical, por sua vez, apoia o «S.C.E. como uma medida revolucionária» mas manifesta «apreensão» face a certas tarefas incluídas no S.C.E. e a «mais profunda indignação pelo facto do Ministério da Justiça requisitar do S.C.E. dinamização cultural para as cadeias de Peniche e Caxias, onde se encontram detidos os agentes da ex-PIDE/D.G.S.» O Ministério em causa desmentiria, depois, a Intersindical.

Quanto vai arrancar o S.C.E., que conta com a colaboração do M.E.I.C., M.A.I., M.A.S., M.E.S.A. e Ministério do Trabalho?

. Quais as tarefas que vai desenvolver? O que será dito para o ano do seu carácter permanente, com 50 mil candidatos à bica para o Ensino Superior?

No Teledomingo que deu celeuma sobre o Ensino Superior a directora-geral do Ensino Básico dr.ª Justina Imperatori avançou com alguns dados acerca da situação educacional e cultural do Povo Português que não sendo uma resposta ao S.C.E. nem ao seu repúdio, pode no entanto ajudar a clarificar o problema.

Os dados são significativos: «De 100 portugueses, 37 são analfabetos.

Até aos 18 anos, na generalidade, todos sabem ler. Dos 18 aos 40, escalão etário onde com maior intensidade se distribuiu a emigração, muitos já frutos desta, lêem. A partir dos 40, rara é a pessoa que sabe juntar as letras».

Folha oficial

Foi nomeada a nova Comissão Administrativa do Conselho de Cascais, depois de ouvidos os representantes das freguesias e dos partidos, ficando assim constituída: presidente, Armando Pina Fernandes, revisor de contas; vice-presidentes, Luís Manuel Lopes de Faria Areias, engenheiro, e José Manuel Martins Fernandes, oficial da Marinha; vogais, José Manuel Calheiros Amado Mascarenhas Bandeira de Noronha, técnico de ar condicionado, José Joaquim Correia, sacerdote, António Manuel da Silva, escriturário, Daniel José Leitão Crespo, profissional de seguros, Artur Augusto Pires Sequeira, desenhador e projectista, Cecília dos Santos Costa, estudante universitária, Bernardino Carlos Varela Ramalhete, arquitecto, Maria Elsa Manso Perestrelo Marques Paixão de Freitas, economista e Francisco José Gentil Berger, arquitecto.

///

Foram demitidos dos seus lugares, a contar do dia 11 de Março, Amarílio da Silva Ramalho, director de serviços dos C.T.T. da Direcção-Geral de Obras Públicas e Comunicações; dr. Francisco Maria Melquíades da Cruz Sobral, professor catedrático de Dermatologia do Instituto de Higiene e Medicina Tropical; Joaquim Aniceto, segundo-oficial do quadro de secretaria; e Nelma Morais de Sousa Magalhães Machado, primeiro-oficial do quadro de secretaria.

///

Por despacho ministerial, foi exonerado a seu pedido do cargo de vogal do Conselho Superior de Economia [illegible] Júlio Henriques Neves.

///

Por despacho do ministro das Finanças o licenciado José Joaquim Camacho Campelo de Sousa foi nomeado, em comissão de serviço, administrador-geral da Caixa Geral de Depósitos.

///

Por despacho do primeiro-ministro são designadas as individualidades que passam a integrar as comissões administrativas, já nomeadas, das Empresas nacionalizadas, a seguir mencionadas: para a Companhia Hidroeléctrica do Norte de Portugal e Empresa Hidroeléctrica do Coura, o dr. Joaquim Manuel Oliveira Calem e o eng. José Morais Torres Pinto; para a Empresa Insular de Electricidade, dr. Júlio Diogo Soromenho Quintino; para a Sociedade Electrica do Oeste, eng. Herculano de Campos.

///

Face à conveniência em alargar a Comissão de Reestruturação do Sector Petrolífero, passam também a integrar a referida comissão, como representantes dos trabalhadores José António Tunes e os eng.º Custódio da Cruz Mendes Barras, João de Almeida Cardadeiro e Amílcar Augusto Moreira.

///

Por alvará de 13 do corrente mês o almirante americano Ralph Wynne Cousins foi agraciado com o grau de gra-cruz da Ordem Militar de Avis.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE BEJA

Sede Avenida Vasco da Gama, 17
Telefones: 24141/5 - 24065/6 — BEJA

AVISO

Avisam-se eventuais interessados de que, está aberto concurso documental, pelo prazo de **20 dias**, a contar de 3 de Junho de 1975, para provimento, a título precário, das categorias a seguir indicadas:

CATEGORIAS	HABILITAÇÕES LITERÁRIAS
Aspirante ou Dactilógrafo	mínimo 2.º ciclo ou equivalente
Contínuo	mínimo 4.ª classe
Mulher de Limpeza	mínimo 4.ª classe
Auxiliar Arquivo Clínico (feminino)	mínimo 1.º ciclo ou equivalente

Os interessados deverão apresentar, dentro do referido prazo, na sede desta Caixa, um requerimento, no qual constarão os elementos de identificação, residência, habilitações literárias, data da passagem à disponibilidade do serviço militar e Instituição de Previdência onde prestem serviço (se for caso disso).

Os candidatos às categorias de Aspirante ou Dactilógrafo terão de prestar provas da especialidade de Dactilografia.

Esclarece-se que a apresentação dos requerimentos em data anterior, não dispensa os interessados de concorrer dentro do prazo de validade do concurso, devendo esta Caixa, ser contactada para preenchimento de um questionário.

Beja, 30 de Maio de 1975

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES (S. A. R. L.)

AVISO
CONCURSO

Até às 16 horas do dia 18 de Junho de 1975, esta Companhia aceita propostas para a adaptação e exploração de dependências na estação de Sintra, para venda de artigos de artesanato português, ourivesaria, filigranas e relojoaria, ficando todas as despesas a cargo do interessado.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das dependências é de 30 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Sintra
Cacém
Rossio

Sector Comercial da Região Norte
Porto (São Bento)

Sector Comercial da Região Sul
Barreiro

Sector Comercial da Região Centro
Lisboa (Santa Apolónia)

Serviço Comercial de Passageiros da Companhia
Rua Victor Cordon, 45
Lisboa-2

Esta Companhia reserva-se o direito de rejeitar todas as propostas, ou algumas delas, se assim o julgar conveniente.

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Rua Victor Cordon, 45 — Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para exploração de dependências, na estação de Sintra».

EXCURSÕES abreu EM AUTOPULLMAN
TRADIÇÃO NA QUALIDADE

Se está interessado numa excursão de pequena duração, (1, 2 ou 3 semanas) peça-nos o livro (grátis) "EUROPA 75"

Se prefere uma excursão de maior duração, visitando todos os principais países da Europa, peça-nos o livro (grátis) "COM ABREU O MUNDO É SEU".

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 701/2
FARO: Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
(ANÚNCIO)

CONCURSO N.º 3-0076/75

Fornecimento de Material Hospitalar para o Serviço de Banco do Hospital de S. José.

Recebem-se as propostas até às 9.30 horas do dia 30 de Junho próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), todos os dias úteis, das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 28 de Maio de 1975.

O Chefe do Serviço
a) **Alexande Pinheiro**

CURSOS

● **MECANOGRAFIA**

Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos: **5 - Junho**
Informações e matrículas no:
Externato Continental
Tel. 36 42 72
R. do Arsenal, 100 - 1.º

Domine a insónia

— Dormir é fundamental para o completo reabastecimento das energias de que o corpo humano necessita.

A agitação do dia tem de ser compensado por um repouso bem merecido durante a noite. Somente os problemas que nos escravizaram durante o dia, continuam projectados na nossa mente roubando-nos o sono.

DOMINE A INSÓNIA, da autoria do eminente cientista Dr. Luiz Lomba, ensina a qualquer pessoa logo a partir do primeiro dia a libertar-se deste tormento, que só as drogas nocivas à saúde podiam debelar por algumas horas.

DOMINE A INSÓNIA é composto de um luxuoso álbum didáctico acompanhado de um disco gigante de 33 rotações.

Durante a campanha de lançamento é vendido ao preço especial de Esc. 275$00 e pode ser enviado à cobrança (somente para Portugal Continental e ilhas), com todas as despesas incluídas. Pode fazer o seu pedido com pagamento antecipado por cheque ou vale de correio, que lhe dará prioridade na expedição.

INTERDISTRIBUIDORA-R. do Triângulo Vermelho, 28-A — LISBOA-1.

OS RESULTADOS ESCOLARES
SÃO SURPREENDENTES SE TOMAR

BIO-STRATH®
Proporciona um equilíbrio intelectual e físico
Produto SUIÇO à base de leveduras plasmolisadas e plantas

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL:
CREFAR — REPRESENTAÇÕES, LDA.ª
à Venda nas Farmácias

Geral

3

VIAGEM AO FIM DO IMPÉRIO

Pelo nosso enviado especial

ARMANDO PEREIRA DA SILVA

OS JOVENS À CONQUISTA DA PÁTRIA

O petróleo, que há em Timor — alguns entendidos afirmam que existe em toda a ilha e além disso as prospecções com melhores resultados situam-se na plataforma marítima — o petróleo constitui a grande esperança e, ao mesmo tempo, um dos grandes problemas do pequeno país. Há três companhias estrangeiras operando na parte portuguesa, uma das quais com contrato a renovar em breve. Mas, segundo se julga, só dentro de dois ou três anos poderá iniciar-se a exploração industrial do produto.

—Que há petróleo, ninguém duvide — disse-nos o técnico com quem falámos — Está à vista de toda a gente, e pode extrair-se artesanalmente uma série de barris por dia.

Gás natural é outra das riquezas a explorar. Há «chamas eternas» em Timor, embora a amplitude dos jazigos petrolíferos e de gás não estejam ainda determinados. Outras riquezas do subsolo poderão eventualmente ser aproveitadas, sendo de recordar que o lindo artesanato local baseado no ouro e na prata é elaborado a partir de uma extracção primitiva daqueles metais.

—As três riquezas maiores da ilha serão o petróleo, o turismo e a agropecuária — afirmou-nos o governador português coronel Lemos Pires, durante a entrevista que nos concedeu no seu gabinete, ao fim da tarde em que aterrámos em Timor. Uma tarde tórrida, abafada, pouco tempo após a tradicional cerimónia do render da guarda no palácio, perante centenas de pessoas, na sua maioria jovens. Pouco antes, súbito, acontecera uma das últimas chuvadas da época, chuva «localizada» e «controlável» que permitiu a fuga a dezenas e dezenas de jovens correndo à sua frente...

SITUAÇÃO ECONÓMICA

Se o petróleo é uma esperança para a sobrevivência económica da futura ex-colónia, é também fonte de preocupações, exactamente pelo jogo de interesses a que está sujeita dada a cobiça das forças imperialistas. O turismo tem hipóteses, porque Dili é a cidade mais próxima das urbes costeiras australianas que ficam a poucas centenas de milhas — Darwin e Sidney. E os australianos beneficiam, ali, de uma paisagem e costumes originais quase ao pé da porta. A agricultura, de potencialidades variadas mas não muito ricas, encontra-se debilitada e não corresponde às necessidades. Indústria não existe, praticamente, tal como não existe luz eléctrica em quase toda a ilha, nem estradas. Os transportes essenciais fazem-se, por isso, em barcos costeiros ou por via aérea, em pequenos aviões, e, agora, em dois helicópteros da Força Aérea para ali transferidos.

Sobre o espectro da fome, recordado pelo coronel Lemos Pires, já falámos. Mas, completemos a ideia do governador.:

—A situação económica inspira, de facto, muitos cuidados. O total dos subsídios de Portugal, em 1975 ascende a 500 mil contos. O produto da ilha não ultrapassa os 200 mil. Temos de procurar soluções para diminuir as despesas, enquanto o aumento de produção, de imediato, só pode ser resolvido com um aumento do ritmo de trabalho.

Para um futuro muito próximo, é indispensável recorrer aos investimentos estrangeiros. No que parece não haver grandes dificuldades. Mas os investidores — japoneses, australianos, entre outros — esperam uma definição política. Daí a lógica das declarações do coronel Lemos Pires.

—Foi sempre nosso objectivo juntar todas as forças políticas. O território é pequeno e subdesenvolvido para poder dispensar a pouca vitalidade que tem. Assim, uma das grandes tarefas dos partidos é politizar e mentalizar o povo para a recuperação da sua economia. Agora trabalha-se ainda menos, por causa da instabilidade. É urgente superar as divergências ideológicas, neste sentido. O que é muito complexo, tanto mais que ainda não temos uma ideia clara sobre a real ligação das bases às cúpulas dos partidos. Mas, parece-nos que a frente unida será a solução mais realista. É necessário que as organizações se unam para se atingir a paz e o progresso.

E, num comentário: «Isto parece muito teórico, mas talvez se consiga com bom senso e cabeça fria».

SOLUÇÕES POLÍTICAS

Decorrem as eleições para os órgãos de poder local. É uma experiência apaixonante que não pudemos contactar, mas que assume grande importância, tanto mais que se realiza pela primeira vez e atinge todo o território. A montanha, aqui, assume um papel de laboratório. Os partidos políticos estão empenhados no processo, tal como estão já mais ou menos relacionados com todas as medidas oficiais que digam respeito à comunidade timorense. Para o futuro imediato, Portugal propõe um governo de transição, com forte participação popular, em que os antigos colonizadores manteriam, durante um tempo determinado, o papel de arbitragem. «Seria a maioria do povo, através de órgãos representativos que assumiria a responsabilidade das coisas fundamentais como, por exemplo, a elaboração da lei eleitoral, da lei de Imprensa, etc. As eleições gerais, que se prevêem, serviriam, aqui também para clarificar as coisas.

A independência atingir-se-ia num prazo acordado, mas, de qualquer modo, nunca poderia ser muito curto. Nisso estamos todos de acordo». A outra questão, o coronel Lemos Pires respondeu: «Não, não me parece viável, governar um território tão pequeno e com tantos problemas se os partidos estiverem num desacordo permanente. Quanto à Apodeti, quero só lembrar que quando este governo aqui chegou aquele partido já existia. E temos o sagrado dever de velar pela liberdade».

Também não esquecemos, nesta entrevista de uma hora, o problema que a Indonésia representa. «É uma questão delicada — comentou o governador. — Sinto que o caminho natural dos povos é para a independência. Só que o povo de Timor é que deve decidir. Timor não é, por outro lado, um território desligado do destino dos países vizinhos. O Governo indonésio diz que respeitará a vontade popular, mas vai adiantando que a melhor solução é a integração. Ora, parece-me existir aqui um problema de fundo, ou seja o da segurança, para o regime de Djakarta. Mas acredito na coerência da Indonésia, embora não se possa esquecer que a independência de Timor Leste tem a ver com a estratégia global da zona, nomeadamente com a Indonésia e a Austrália. É preciso que Timor saiba, num momento destes, manter uma neutralidade autêntica, aproveitando até investimentos diversificados».

O dinheiro é igual em toda a parte — dizia-nos o técnico de petróleos, horas depois, na messe de oficiais. Para Timor Leste, há já candidatos: a Austrália, o Japão e algumas multinacionais.

REFORMA ADMINISTRATIVA

Durante muitos anos, o grande negócio de Timor era o das madeiras nobres e as especiarias. As madeiras foram quase destruídas, mesmo após a proibição de corte de algumas delas. Não sendo uma colónia rica, deu para grandes negociatas mercê da corrupção de administradores europeus e outros. O domínio da frágil economia, assenta em duas bases: o café, principal produto de exportação, nas mãos de portugueses ou descendentes (as más línguas dizem que são as principais figuras da UDT); e o comércio de importação e exportação, todo ele nas mãos da colónia chinesa instalada em Timor, uma sociedade fechada com cerca de 20 mil pessoas.

O poder feudal dos régulos, força comunitária enorme desde há séculos e sobre a qual se baseou, em muito, a presença portuguesa na ilha, através dos «contratos de sangue», começou a perder-se com a distribuição dos administradores coloniais. Hoje, a sua influência poderá diminuir ainda mais mercê da reforma administrativa em curso, tendo como base as eleições para as autarquias.

OUTROS PROBLEMAS

—A falta de quadros é mais um problema muito grave. Para aqui vinham os técnicos de 3.ª. Estamos a tentar o recrutamento de pessoal qualificado, sem o qual isto não poderá arrancar.

Palavras do coronel Lemos Pires, que também nos disse ser delicado o problema da saúde. Medicina preventiva não existe. Médicos civis há dois em toda a ilha. Os enfermeiros, em maior número, têm um papel decisivo. A população mais esclarecida queixa-se, inclusivamente, de que campanhas de desinfecção programadas e feitas anos atrás deixaram de ser realizadas.

No ensino verifica-se um fenómeno de agitação que pode ser positivo — e é-o, com certeza — mas também perigoso se for descontrolado. A população escolar aumentou substancialmente, em Lisboa, está uma numerosa e activa colónia, em princípio fiel à Fretilin. Esta, acaba de lançar um repto aos timores de Portugal: «regressem! São cá precisos. Aqui é que se luta.» Tem havido respostas, mas os próximos meses serão decisivos.

ESTUDANTES NA MONTANHA

Um dos regressados, antigo estudante do Instituto Superior Técnico, é o Vicente, com quem falámos ná sede provisória da UNETIM (União Nacional dos Estudantes Timores). Hoje é professor numa escola local e foi preso, durante horas, na manifestação de protesto contra o encerramento dos estabelecimentos de ensino. Disse-nos: «Estamos dispostos a deixar a escola para ir para o interior. Mas queremos ir preparados. Por isso fizemos uma proposta para execução imediata no sentido de serem criados cursos intensivos sobre matérias que digam mais respeito aos problemas do povo: alfabetização, agricultura, medicina prática, etc.».

Associação progressista, que outra de cariz mais reaccionário, tentou destruir como associação unitária e democrática, a UNETIM está de facto já nos campos e exige a reformulação do ensino de maneira a adaptá-lo às realidades de Timor. Acusados de partidários (pró-Fretilin) e comunistas — o que se sabe ser perigoso naquela região do mundo — os jovens estudantes afirmaram-nos, pela voz de Domingos Lobato: «Estamos simplesmente ao serviço do nosso povo. Sabemos que o povo está a caminhar para o caos e não vamos perguntar-lhe se se quer libertar ou não. Estamos com ele, talvez como a parte um pouco mais esclarecida». E depois.: «Como populares e nacionalistas que somos, pomos a nação acima de tudo. É para nós preferível perder o ano escolar e ganhar a pátria, do que perder a pátria e ganhar o ano escolar».

Estava-se, na altura, em pleno encerramento das escolas que, dias depois, foram reabertas. Mas, mesmo com aulas, os jovens da UNETIM, no meio de dezenas de tendas militares de campanha, preparam a continuação do seu trabalho junto do povo. Nas férias da Páscoa fizeram cursos de alfabetização e sanitários, «com bons resultados», utilizando o método de Paulo Freire, que os apoiou. Vão continuar, ao mesmo tempo que fázem também investigação histórica e cultural, esclarecimento cultural, e político, ensinam noções de higiene, etc.

Este trabalho, entusiástico e consciente, está, eles sabem-no e todos nós, sob observação muito atenta: a de um colosso imperialista interessado, talvez no primeiro deslize...à esquerda.

Os jovens timores não estão, contudo, em idade para recuar. Revolucionários puros, junto do seu povo, eles acreditam que a Pátria será deles. E nós também.

CONSELHO DE MINISTROS RESTRITO

Conselhos Regionais de Reforma Agrária a criar nos distritos de Lisboa, Setúbal, Santarém, Castelo Branco, Portalegre, Évora, Beja e Faro, serão constituídos por representantes eleitos nos sindicatos dos trabalhadores rurais e ligas de pequenos e médios agricultores, em termos a regulamentar, representantes do M.F.A., do Ministério da Administração Interna e do Ministério do Trabalho, segundo prevê o primeiro projecto de decreto-lei apreciado ontem em Conselho de Ministros Restrito.

O Conselho de Ministros Restrito ocupou-se ainda dos seguintes pontos: proposta de nomeação do dr. Francisco Luis Muteira Nabo, como administrador por parte do Estado na Companhia Portuguesa Rádio Marconi; projecto de decreto-lei, que confere personalidade jurídica e autonomia administrativa a vários estabelecimentos e serviços do Ministério dos Assuntos Sociais, designadamente o Centro de Reabilitação Vocacional do Porto, Lar de Santa Clara, em Queluz; proposta de intervenção do Estado nas explorações agrícolas constituídas pelos prédios denominados «Padrões» e «Padrões Novos», sitos nas freguesias dos Barros e Grândola, propriedade respectivamente do dr. Abel Beja Corte Real e D. Maria Nunes Infante de Lacerda Corte Real, os quais abandonaram a exploração, demonstrando grave negligência, senão dolo no conduta da actividade empresarial, tendo sido proposto para gestores destas propriedades o regente agrícola Medina Matos e um representante dos trabalhadores, Joaquim Casaca, os quais deverão ser autorizados a utilizar, através do Fundo de Melhoramentos Agrícolas, créditos até ao montante de 835 000$00, durante o corrente ano agrícola; projecto de decreto-lei atribuindo à Junta de Planeamento da Madeira, criada em 18 de Março, poderes em matéria de saneamento dos serviços do Estado e corpos administrativos, na ilha da Madeira; projecto de decreto-lei que autoriza a Câmara Municipal de Lisboa a subsidiar, por uma ou mais vezes, até ao montante de 3500 contos, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a fim de esta prover necessidades dos serviços assistenciais dos bairros municipais da Quinta da Calçada, Caramão da Ajuda, Boavista, Padre Cruz e Furnas, segundo critério a definir por esta instituição de assitência.

NOTARIADO PORTUGUÊS
CARTÓRIO NOTARIAL DE ARRUDA DOS VINHOS
A cargo da notária
Lic. Aldina Ester Ribeiro da Silva Graca

Certifico, para efeitos de publicação que por escritura de oito deste mês, exarada de folhas setenta e duas a folhas setenta e cinco, do livro número B — duzentos e trinta de Escrituras Diversas, deste Cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada entre JOSÉ DA CONCEICÃO GARCIA, casado, residente em Póvoa de Santa Iria, na Rua da República, cento e trinta e sete, primeiro andar, lado direito; ANTONIO MANUEL MIRANDA DUARTE, casado, residente no Lugar de Nossa Senhora da Ajuda, freguesia de Arranhó, e JOSÉ FRANCISCO DA COSTA CARVALHO, menor, representado por seu pai, no uso de «pátrio poder», Constantino Quitério Carvalho, casado, residentes no Lugar dos Sabugos, freguesia de São Quintino, concelho de Sobral de Monte Agraço, que se regerá nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação «AUTO AVENIDA POVOENSE, LIMITADA» e tem a sua sede em Póvoa de Santa Iria, do concelho de Vila Franca de Xira, na Rua da República, números cento e quarenta e um e cento e quarenta e cinco, e a sua duração é por tempo indeterminado, entando hoje, em exercício.

Segundo — O seu objecto é Oficina de Reparação de Automóveis, Serviço de Torno e Soldaduras, podendo, entretanto, dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial, em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

Terceiro — O capital social é de trezentos e noventa mil escudos, subscrito em dinheiro e móveis, e para ele concorreram os sócios, com uma quota cada um, do valor nominal de cento e trinta mil escudos.

Parágrafo Único — As quotas dos sócios António Manuel Miranda Duarte e José Francisco da Costa Carvalho, foram subscritas em dinheiro, encontrando-se realizadas em cinquenta por cento, obrigando-se a entrar na Caixa Social com os restantes cinquenta por cento, no prazo de um ano; a quota do sócio José da Conceicão Garcia é representada por moveis, que transtere para a sociedade e que passam a descrever-se, pelo que fica inteiramente realizada.

Torno mecânico, no valor de setenta mil escudos;
Máquina de soldar rotativa, no valor de dez mil escudos;
Um engenho de furar, no valor de dezasseis mil escudos;
Um serrote eléctrico de disco, no valor de quinze mil escudos;
Uma tesoura de corte de ferros, no valor de cinco mil escudos;
Conjunto de Macaricos e garrafas, no valor de quatro mil escudos;
Máquina de Virar tubos, no valor de dois mil escudos;
Máquina de quinar barra no valor de mil escudos;
Macaco hidráulico de rodas, no valor de três mil escudos;
Máquina de soldar, estática, no valor de dois mil escudos;
Duas Rebarbadoras, no valor de dois mil escudos.

Quarto — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

Quinto — São livres entre os socios as cessões totais ou parciais de quotas, bem como as feitas gratuitamente aos descendentes dos sócios.

Parágrafo Único — Quando feitas a estranhos, necessitam de autorização da sociedade, que terá o direito de preferência, em primeiro lugar, pertencendo em segundo lugar aos sócios.

Sexto — A sociedade será representada em juízo ou fora dele activa e passivamente pelos sócios José da Conceição Garcia e António Manuel Miranda Duarte e pelo outorgante Constantino Quitério Carvalho, em representação de seu filho menor, socio José Francisco da Costa Carvalho, os quais desde já são nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme vier a ser deliberado em assembleia geral.

Paragrafo Primeiro — Os actos e contratos, que pela sua natureza envolvam responsabilidade para a sociedade terão de ser firmados, obrigatoriamente, pela assinatura de dois socios-gerentes.

Paragrafo Segundo — O sócio menor, uma vez atingida a maioridade, assumirá, desde logo, a qualidade e poderes, ora investidos, no seu representante.

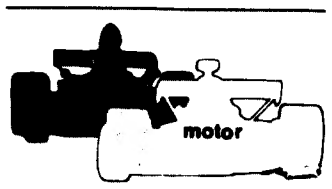
Sétimo — A sociedade não se dissolve por falecimento ou interdição de algum sócio, continuando com os socios sobrevivos ou, capazes e o representante legal do interdito, e herdeiros do falecido, que nomearão um de entre si, que a todos nela os represente.

Oitavo — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência de pelo menos oito dias, salvo se a lei prescrever outra forma de convocação.

Está conforme ao original e declara-se que na parte omitida nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Arruda dos Vinhos, onze de Março de mil novecentos e setenta e cinco.

O ajudante do Cartório — a) **Manuel Policarpo Martins**



Geral

MOÇAMBIQUE — A VINTE DIAS DA INDEPENDÊNCIA

..LOURENÇO MARQUES, 4 (Do nosso enviado especial, José A. Salvador) — Os portugueses radicados em Moçambique continuam a abandonar este território, agora que faltam apenas 20 dias para a proclamação da independência. Este facto motivou ontem a intervenção do alto-comissário que, em mensagem dirigida aos portugueses sobre a questão da nacionalidade, afirmou: «Venho notando ultimamente, através dos mais variados sinais, uma certa instabilidade na população portuguesa residente em Moçambique. Compreendo perfeitamente que numa altura de mudanças tão profundas como as que se estão verificando haja anseio, uma certa emoção e preocupações de ordem prática que provoquem essa instabilidade. Quero no entanto chamar a atenção para o conhecimento que as pessoas têm na prática do quotidiano destes últimos meses, da total normalidade de vida que existe em Moçambique. Quero também assegurar-lhes que existem todas as condições para que, no futuro, essa normalidade de vida se mantenha.»

..Ao longo da sua mensagem, o alto-comissário sublinhou que nenhum português seria moçambicano à força, pois a lei da nacionalidade permitia a opção: «Não vejo comonjustificar situações que chegam ao seu conhecimento, de cidadãos que pretendem abandonar Moçambique antes da data da independência, apenas com a justificação de pretenderem, desse modo, conservar a nacionalidade portuguesa que possuem.» Muitos dos portugueses que partem agora de Moçambique procuram sobretudo a África do Sul e também o Brasil.

..Referindo-se concretamente ao projecto de lei de nacionalidade moçambicana, o almirante Vítor Crespo afirmou: «O projecto de lei da nacionalidade moçambicana é um projecto que não poderei deixar de classificar como generoso, considerando não só como moçambicanos aqueles que por laços de família daqui sempre foram originários mas também aqueles que, descendendo de indivíduos de outras origens, aqui venham estando radicados. Permite ainda que adquiram a nacionalidade outros indivíduos, naturalmente sob certas condições. Isto é, numa análise marcadamente técnica, a lei distingue os cidadãos que ela própria considera de nacionalidade moçambicana originária e os cidadãos que podem adquirir a nacionalidade moçambicana.»

AS ACADEMIAS DE GUERRA

..Samora Machel prossegue a sua viagem pelas províncias de Moçambi ue, onde tem sido sucessivamente aclamado pelas massas populares. Desde ontem à tarde que o presidente da Frelimo se encontra em Quelimane, capital da Zambézia, última frente da luta armada aberta pela Frelimo antes dos acordos de Lusaka e após o 25 de Abril de 1974.

..Em Nampula, Samora Machel proferiu um longo discurso em que analisou os processos de colonização e de libertação nacional.

..«Em nome da civilização ocidental», considerou o presidente da Frelimo, «Portugal permaneceu em Moçambique mais de 400 anos. Ao longo de mais de 400 anos, provámos que não há colonialismo humano e muito menos democrático. A presença do colonialismo, de qualquer colonialismo, não importa qual seja, belga, francês, inglês, alemão ou português, tudo é colonialismo. Colonialismo significa crime, presença do crime.»

..Referindo-se à inclusão do soldado português no exército colonial, Samora Machel sublinhou: «O soldado português chorava, gritava, insultava o seu Governo. Mas também, o soldado português nunca insultou o povo português, nunca. Porque não há povo colonizador, não há. Só há um sistema. Portanti, com a nossa vitória, ficaram isolados, em Moçambique, os colonialistas. Os colonialistas ficaram também isolados em Portugal, porque o povo português condenava a guerra colonial. E os soldados portugueses, sobretudo os oficiais, ao longo de dez anos de Moçambique, ao longo de 13 anos em Angola, ao longo de 12 anos na Guiné-Bissau, ganharam consciência. As academias, as grandes universidades para os oficiais portugueses foram as guerras coloniais. (...) De inconscientes que eram, passaram a conscientes, e assim derrubaram o Governo de Marcelo Caetano em 25 de Abril. O 25 de Abril é o resultado das guerras coloniais, é uma consequência directa das nossas vitórias.»

"Na cadeia da Judiciária: situação de privilégio para Jorge de Brito e outros sabotadores?"

Com o pedido de publicação, recebemos do dr. Ribeiro Coelho, subdirector da Polícia Judiciária, a seguinte nota: «O vosso Jornal publicou na página 7, do número de sábado passado, dia 31 de Maio, um artigo intitulado «Na cadeia da Judiciária — Situação de privilégio para Jorge de Brito e outros sabotadores?», no qual são referidas algumas afirmações que por mim teriam sido proferidas mas que não correspondem à verdade do que foi dito na curta conversa que tive com o sr. Manuel Geraldo e outras que, pelo menos, surgem transfiguradas fora do contexto em que foram produzidas.

No que respeita ao problema da existência de um regime mais favorável praticado em relação a alguns indivíduos quanto a encarceramento, visitas, o que eu disse foi o seguinte: 1.º — Que o conhecimento que tenho de pequeno número e da localidzação concentrada dos parlatórios usados nas visitas a presos me convence da grande dificuldade de aí se praticar uma segregação entre eles; 2.º — que as instruções dadas a esse respeito são no sentido de um tratamento rigorosamente igual para todos os presos;

. 3.º — que a discriminação no encarceramento é uma consequência necessária da existência de celas, por um lado, e de salas, por outro, sendo ainda certo que essa descriminação encontra fácil fundamento no facto de em processos de crimes de maior gravidade penal e social — como é o caso — ser aconselhado pelos interesses da investigação assegurar, tanto quanto possível, o isolamento dos detidos.

Quanto ao problema das sevícias praticadas sobre presos — problema que, aliás não se relaciona com o que deu motivo ao artigo e que foi objecto apenas de algumas considerações marginais incidentais — não correspondem ao que penso nem ao que disse as referências a «agentes mais velhos em grande parte dificilmente recuperáveis » e a «polícias mais jovens... não... totalmente desinibidos para um tratamento de todo humano para com os presos».

Seria utópico negar — e não a neguei — a possibilidade de actuação policial enfermar de excessos, condenáveis, de vária ordem.

Porém, isto não é a regra, nem sequer é frequente; e os raros casos de que se tem tomado conhecimento têm sido objecto dos devidos procedimentos disciplinares ou penais.

Aliás, seria injusta a referência feita nestes termos a uns — os mais velhos — e a outros — os mais jovens — já que, sendo notórias e por nós várias vezes denunciadas as dificuldades com que se debate a Polícia Judiciária — dificuldades essas a que nem sequer é possível obviar de um momento para o outro, esta corporação vai correspondendo às mais prementes necessidades pelo esforço e dedicação ao serviço que se registam a todos níveis dos seus trabalhadores.

Também não me solidarizei com a necessidade urgente de «ser feito um rigoroso inquérito sobre a possível corrupção nos bastidores da Polícia Judiciária», nem apontei como indispensáveis os remédios mencionados no fim do artigo. Nem sequer faria sentido que, por um lado, o pensasse e dissesse, e, por outro lado, trabalhando na Polícia Judiciária há mais de cinco anos e sendo seu subdirector há mais de um ano, não houvesse já proposto superiormente as medidas que julgasse adequadas nesse sentido».

Resposta de Manuel Geraldo: As afirmações do dr. Ribeiro Coelho por nós publicadas saíram de um diálogo que com ele travámos e em que muitos outros pontos relacionados com as estruturas judiciárias, e mais concretamente com o sector prisional, foram igualmente abordados. Admito que uma ou outra palavra na altura proferida não tivesse idêntica morfologia, aquando passada para a sua forma escrita (e para isso existem os vocábulos e as expressões sinónimas), já que durante a nossa troca de impressões não fizemos uso de gravador (no que agora nos penitenciamos). Mas do que estamos certos é que fomos absolutamente rigorosos quanto à transcrição das ideias, no seu significado global, explanadas pelo subdirector da Polícia Judiciária. E dessa posição não abdicamos.

Estamos aliás recordados de que foi o próprio dr. Ribeiro Coelho quem nos afirmou ir, de imediato, proceder pessoalmente a uma análise (inquérito) «in loco» sobre o que se passava nos bastidores da cadeia. E que logo que estivesse na posse dos elementos concretos nos transmitiria os resultados das suas diligências. E, porque não confessá-lo, ficámos então verdadeiramente impressionados (no sentido positivo) com a análise desassombrada e progressista apresentada pelo nosso interlocutor. Pelo que estranhamos, que motivos, que certamente nos ultrapassam, o tenham feito aparentemente vacilar na sua, quanto a nós, correcta posição.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/19498, do arquivo 4, para o estabelecimento nas freguesias de Palmela e S. Sebastião, concelhos de Palmela e S. Sebastião, concelhos de Palmela e Setúbal, da modificação, sem aumento de comprimento, da linha aérea a 30 kV para o posto de transformação da Estação Experimental de Águas de Moura sendo alterado o traçado entre o poste n.º 1 e o posto de transformação numa extensão de 396 metros.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 19 de Maio de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS DO PESSOAL DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS

COMUNICADO

1 — Na madrugada do dia 1 do corrente, de acordo com os dirigentes dos três Sindicatos presentes, os árbitros que representam os trabalhadores Químicos na arbitragem do Contrato Tipo pediram a suspensão do mesmo para que os Sindicatos de Lisboa, Norte e Setúbal possam consultar os trabalhadores que representam.

2 — Tal atitude teve origem na diferença entre as propostas da Comissão Interministerial e dos patrões em relação à dos Sindicatos, que se considerou exceder os limites de cedência que se poderiam aceitar sem consultar os trabalhadores que serão abrangidos pelo Contrato.

3 — A arbitragem reiniciar-se-á na próxima sexta-feira, dia 6, pelo que se solicita a todas as C. S. O. e Delegados Sindicais que contactem os seus Sindicatos com a máxima urgência a fim de se informarem dos plenários que se irão realizar.

Lisboa, 2 de Junho de 1975

SINDICATO DOS QUÍMICOS DE LISBOA
SINDICATO DOS QUÍMICOS DE SETÚBAL
SINDICATO OPERÁRIO DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO NORTE

José Batista

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
4.ª Vara
ANÚNCIO

Proc. 2227/A — 2.ª Secção

EXECUÇÃO DE SENTENÇA

Exequente — Maquisa — Equipamentos Industriais, S. A. R. L.
Executada — Verasa — Metalúrgica, Ld.ª, com sede em Lisboa, na Rua Coronel Ribeiro Viana, 15-1.º, Esq.º

Correm éditos de 20 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquela executada para, no prazo de 10 dias posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 23 de Maio de 1975
O Corregedor Adjunto — a) **Fernando Heitor Barros de Sequeiros**
Ajudante de escrivão — a) **Aires de Almeida Sales**

SINDICATO LIVRE DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO E CAIXEIROS DO DISTRITO DE FARO

CONVOCATÓRIA

A mesa da Assembleia Geral do Sindicato Livre dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro, convoca todos os Sócios para a reunião Extraordinária a realizar pelas 21.30 horas do dia 14 de Junho no Salão da Junta Distrital, em Faro, com a seguinte ordem de trabalhos:

a) — Discussão e aprovação da minuta dos novos Estatutos do Sindicato;
b) — Fixação da data da reunião da Assembleia Geral para apresentação das contas do ano findo e eleição dos Corpos Gerentes;
c) — Apreciação de Assuntos Diversos.

Faro, 27 de Maio de 1975.

Pela Mesa da Assembleia Geral
a) **José Francisco dos Santos**

Nacional

VALENTINA CONVIDOU VASCO GONÇALVES E COSTA GOMES A VISITAR A U.R.S.S.

«Transmitimos a calorosa saudação dos soviéticos: desejamos aos trabalhadores, mulheres, jovens e a todo o povo português, grandes êxitos na luta pela construção de uma vida nova e melhor», disse Valentina Terechkova, astronauta soviética, ao povo de Lisboa que enchia o Pavilhão dos Desportos da cidade. Foi ontem, à noite, no decorrer de um comício promovido pelo Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas.

Durante o dia, Terechkova havia já sido recebida pelos generais Vasco Gonçalves e Costa Gomes. Na breve troca de palavras entre a coronel da Força Aérea soviética e o Presidente da República Portuguesa, Costa Gomes anunciou ter enviado ao Governo da U. R. S. S. um telegrama de saudação pela passagem do primeiro aniversário do restabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países e lembrou que, em 1939, não fora o deflagrar do segundo conflito mundial e teria estado na U. R. S. S., a convite do Centro Militar de Matemática de Moscovo.

Valentina, membro do Presidium do Soviete Supremo e do Comité Central do P. C. da União Soviética, afirmou que o Governo do seu país teria a maior honra em receber o Presidente Português.

Mais tarde, aquando da visita que fez ao Primeiro-Ministro, repetiu o convite: o povo e o Governo soviéticos desejam receber a visita de Vasco Gonçalves.

O Chefe do Governo Português agradeceu o convite, que afirmou aceitar, logo que o trabalho o permita, acentuando que a sua visita seria, por certo, antecedida da visita do general Costa Gomes.

No final deste encontro, Terechkova ofereceu a Vasco Gonçalves um modelo de uma nave espacial soviética, um livro sobre as cosmonautas da U. R. S. S. e uma medalha com a efígie de Gagarin, austronauta soviético, o primeiro a fazer uma viagem pelo Cosmos.

«MENSAGEIRA DE PAZ»

No comício de ontem à noite e depois da banda da Força Aérea ter interpretado algumas composições, Fernanda Lapa, do M. D. M., convidou para a mesa Maria Lamas, Álvaro Cunhal, Fernanda Gonçalves e Luisa Amorim (do M. D. M.), o major Moniz Barreto, da 5.ª Divisão do Estado-Maior-General das Forças Armadas, o prof. Henrique de Barros, presidente da Associação de Amizade Portugal-U. R. S. S. (e também presidente da Assembleia Constituinte), Dulce Rebelo, do M. D. M., Manuela Carvalhas, do C.P.P.C., Eduarda Nobre (M. D. M.), Vítor Dias e Marcos Antunes, do M. D. P., Alda Nogueira, do C. C. do P. C. P., o embaixador da U. R. S. S. em Lisboa e Valentina Terechkova.

Um minuto de silêncio em memória de Luisa Costa Dias antecederia as intervenções dos oradores.

Álvaro Cunhal, que por impossibilidade física não leu o seu discurso, embora estivesse presente, escreveu, para um seu camarada ler, palavras de saudação à União Soviética e ao seu povo, «que esteve sempre ao lado do povo português», nos «anos terríveis» do fascismo.

Saudando Valentina, Cunhal considerou-a «mensageira de paz, de amizade, de solidariedade da União Soviética», pedindo-lhe para levar ao seu povo, no regresso, estoutra mensagem:

. «Pedimos-lhe que diga ao povo soviético que o povo português vive em liberdade e em paz e deseja continuar a viver em liberdade e em paz.»

. Falando dos inimigos da Revolução Portuguesa, Cunhal referiria a reacção internacional e as suas «variadas pressões para que seja entravado e interrompido o processo revolucionário», lembrando a vontade do povo português, que quer que Portugal seja «democrático e socialista».

AMIZADE E COOPERAÇÃO ENTRE A U.R.S.S. E PORTUGAL

Assinalando o fortalecimento das relações e da cooperação entre Portugal e a União Soviética, Terechkova reafirmou a solidariedade do povo do seu país para com o desenvolvimento do processo revolucionário em curso em Portugal e referiu-se às dificuldades que se encontram no caminho do socialismo:

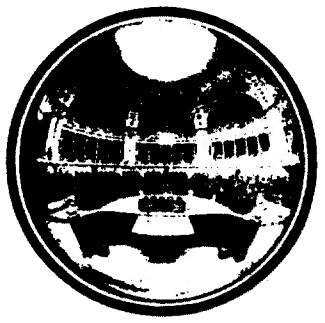
. «O nosso povo venceu-as», disse a astronauta, «com trabalho, autodisciplina, abnegação e espírito revolucionário.»

TERECHKOVA NO PORTO

Valentina visita hoje, no Norte do País, o Quartel-General, a Câmara Municipal de Gondomar, uma fábrica de têxteis (lembremo-nos de que a astronauta foi operária numa fábrica congénere), participará num convívio na Faculdade de Engenharia do Porto e, à noite, terá um encontro com o povo da capital do Norte, no Coliseu do Porto.

O Município de Lisboa recebeu ontem às 11.30 nos Paços do Conselho a cosmonauta soviética que se fazia acompanhar do embaixador da U. R. S. S. e esposa. Abertos à população os salões do Palácio Municipal, o presidente da Comissão Administrativa, eng.º Caldeira Rodrigues, saudou em nome da cidade, Valentina Terechkova, a quem ofereceu flores dos jardins de Lisboa e uma lembrança executada pelos ourives portugueses.

Seguidamente, a cosmonauta e a sua comitiva dirigiram-se para o Castelo de São Jorge onde lhes foi oferecido um almoço típico. Na mesa de honra tomaram parte, além da homenageada e dos presidente e vice-presidente da C. M. L., o embaixador e a embaixatriz da U. R. S. S., senhora de Filipe Lopes e o escritor José Cardoso Pires. Entre os convidados destacavam-se representantes do M. D. M. P., dr. Fernando Piteira Santos, director dos Serviços Culturais da C. M. L., professores Marieta da Silveira, Domingos Moura e António da Silveira, vereadores Rui Fernandes e eng.º Rui Correia, etc.



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE:

PRIMEIRAS ESCARAMUÇAS

A intervenção do deputado da U. D. P.

. . Viva controvérsia marcou ontem a primeira sessão de trabalhos da Assembleia Constituinte, sessão essa consagrada à nomeação da Comissão de Verificação de Poderes. Controvérsia que se manifestou essencialmente entre o P. S. e o M. D. P./C. D. E., apoiado pelo P. C. P. e no qual os representantes do P. P. D. e do C. D. S. apareciam a alinhar sistematicamente pelas posições socialistas.

. . Deve ter sido aliás a intenção de se demarcar destes dois últimos grupos que levou o «leader» do grupo socialista, Lopes Cardoso, a fazer a declaração de voto que viria a levantar uma certa celeuma nos bancos da Assembleia, com protestos e pateada nos bancos do P. C. P. e do M. D. P. e copiosos aplausos nos restantes sectores, não só dos socialistas, como do P. P. D. e C. D. S.

. . Essa declaração interveio na votação, ponto por ponto, de uma proposta do M. D. P./C. D. E., tendente a fazer representar à Comissão de Verificação de Poderes um papel mais político do que formalmente jurídico — seguindo assim, quanto ao fundo, a primeira tomada de posição do deputado da U. D. P., que punha em questão a presença na Assembleia de eleitos comprometidos com o regime fascista. O porta-voz do M. D. P./C. D. E., Luís Catarino, considerava com efeito que, dadas as condições de precaridade em que foram examinadas as condições de elegibilidade dos candidatos às eleições, caberia à Comissão de Verificação de Poderes da Assembleia efectuar agora esse trabalho. Propunha assim, no ponto quatro do documento apresentado que a Comissão de Verificação de Poderes solicitasse «às Comissões de Extinção da ex-P.I.D.E./D.G.S. e da Legião, e através da competência do Conselho de Ministros, aos ministérios competentes, informação sobre a existência ou inexistência de causas de inegibilidade de todos os candidatos eleitos».

. . Chegada a votação deste ponto mais uma vez, como acontecera em diversas votações anteriores, excepto uma, o P. S. votou contra, acompanhado pelo P. P. D. e pelo C.D.S. Ao fazer a sua declaração de voto, o líder do grupo P. S. manifestava assim a preocupação de marcar distâncias em relação do P. P. D. e C. D. S. e não cair portanto naquilo que lhe parecia uma armadilha preparada pelo M. D. P., para provocar uma clarificação das posições na Assembleia. Assim, na sua declaração de voto, Lopes Cardoso, em tom bastante vivo, afirmou que, adoptando-se tal processo (o da verificação através dos órgãos citados pelo M. D. P.), se iria «retardar por um período bastante longo os trabalhos da Assembleia». E acrescentou: «Para além das questões de forma, nós deputados, temos que nos mentalizar que temos um trabalho aqui a cumprir, como foi ontem sublinhado pelo Presdiente Costa Gomes e que todas as manobras dilatórias quanto ao funcionamento desta Assembleia são objectivamente manobras contra-revolucionárias».

INTERVENÇÕES EM SÉRIE

. . Esta declaração deu origem a calorosos aplausos nos bancos C. D. S., P. P. D. e P. S., assim como a não menos calorosos protestos por parte do P. C. e do M. D. P./C. D. E. Seguiu-se igualmente uma série de declarações, em que o tom polémico ia aumentando, começando pela de Luís Catarino, que negou qualquer intenção dilatória na apresentação da sua proposta, depois a de Octávio Pato, líder do grupo P. C. P., que além de qualificar de «infelizes, para não fazer outras considerações», as declarações de Lopes Cardoso, afirmou que, se outros grupos temem averiguações, tal não sucedia com o seu, concluindo que «quando se considera que tais averiguações são contra-revolucionárias, eu diria o contrário: não as fazer é que é na realidade contra-revolucionário».

. . Suscitaria mais uma série de intervenções, sobretudo de deputados do P. S., como Sottomayor Cardia — «os grupos M. D. P. e P. C. P. tiveram tempo suficiente para se informarem de eventuais inegibilidades e assim poderão apresentar à Comissão de Verificação, à qual pertencem, esses elementos» —, ou também do P. P. D., como Cunha Leal — «quem tem medo que funcione esta Assembleia? Uma das últimas intervenções desta discussão foi aliás a de um deputado P. P. D., Santos Silva, que a propósito das manifestações de aplauso ou reprovação pouco antes verificada, se referiu ao descrédito em que caíra a Assembleia Nacional da primeira República.

TRÊS POSIÇÕES DOMINANTES

. . Nesta primeira sessão, ficaram portanto marcadas três posições dominantes nesta Assembleia. Por um lado, P. P. D. e C. D. S. — sobretudo este último, que neste momento praticamente não tem outro campo político de actuação — interessados ao máximo nos trabalhos da Assembleia, onde poderão eventualmente obter certos resultados políticos que noutros campos lhes são vedados. Isto é particularmente verdade para o C. D. S. que, pelo menos, disporá através da Assembleia de um porta-voz para as suas tomadas de posição. Tanto este grupo como o P. P. D. vão certamente prosseguir a sua estratégia de «colar» ao P. S., se não com a esperança de o fazer inclinar-se, devido à oposição com o P. C. P., para as suas teses, pelo menos para beneficiarem de uma certa caução de progressismo fornecida por este partido.

. . Do outro lado, o M. D. P./C. D. E. e o P. C. P., que não escondem as suas reservas e desconfiança em relação aos resultados práticos que se podem obter da Assembleia, devido à sua composição. Ainda aqui, nas diversas votações de ontem apareceu o indício de uma ligeira diferença de atitude: com muito mais deputados, representando um partido muito mais importante e conscientes do seu peso político, os membros do grupo comunista têm igualmente um outro tipo de responsabilidade que os leva, se bem que de modo extremamente crítico, a participarem activamente nos trabalhos da Assembleia.

. . No meio destas duas tendências, o P. S. — numa posição nem sempre muito confortável.

. . Por um lado, o P. S. atribui sem dúvida a maior importância aos trabalhos da Assembleia Constituinte, considerando que a legislação que de lá sair pode contribuir, de um modo mais próximo das teses que defende, para o processo revolucionário em curso. Assim, atribui uma importância de primeiro plano aos seus trabalhos — no que se aproxima da atitude do P. P. D. e C. D. S.

. . Mas por outro não pode de modo algum, sob o risco de se ver ultrapassado e desligado desse mesmo processo, aparecer identificado com as posições tomadas por estes dois últimos grupos. Daí a necessidade de algumas declarações de voto, não só em relação à proposta do M. D. P./C. D. E., como à proposta inicial do deputado da U. D. P., que punha em causa directamente alguns dos deputados do P. P. D. e do C. D. S., por ligações com o antigo regime.

. . Neste caso, Lopes Cardoso, afirmou que o seu grupo não a aprovava, não em relação ao fundo — o pôr em questão a presença dos referidos deputados — mas sim quanto à forma — incumbindo na sua opinião à Comissão de Verificação de Poderes determinar sobre o assunto.

. . Quanto aos dois deputados isolados, o de Macau e Américo Duarte, da U. D. P, se o primeiro não teve ocasião de se manifestar, o segundo definiu, desde o primeiro dia, claramente, o que será a sua posição. Considerando que se trata de uma Assembleia com um carácter de classe, vincadamente burguês, desde o início situou a sua intervenção num plano ideológico, contestando a sua própria composição e denunciando a possibilidade de nela participarem elementos ou contra-revolucionários ou ligados ao antigo regime. Porém, tal como nos disse à saída da sessão, não tenciona manter-se numa situação de oposição puramente negativa, estando disposto a votar sempre que uma decisão for favorável aos interesses da classe operária — tendo citado como exemplo a questão da unicidade sindical. Para a U. D. P. a Assembleia Constituinte não passa assim de uma segunda frente, onde conseguiu colocar um dos seus representantes, frente de onde espera menos resultados mas onde, apesar de tudo, se pode fazer ouvir e bater-se por alguns pontos concretos.

SOCIEDADE ALGODOEIRA DE FOMENTO COLONIAL, S. A. R. L.

Sede: Rua de Azevedo Coutinho, 39 - 6.º — PORTO

Capital 200 000 000$00

Sorteio de Obrigações 1.ª e 2.ª Emissões

ÚLTIMO SORTEIO

No dia 16 do corrente mês de Junho, às 15 horas, proceder-se-á, na Sede Social, ao último sorteio de 778 obrigações do valor nominal de Esc. 1 000$00, cada uma.

Estas obrigações, que são da taxa de 5 %, serão amortizadas a partir de 1 de Julho de 1975, sendo 389 da 1.ª emissão e 389 da 2.ª emissão, conforme consta dos respectivos quadros de amortização.

Porto, 2 de Junho de 1975,

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CODIVEL — GESTÃO E CONSTRUÇÕES, S. A. R. L.

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

Em cumprimento com as disposições legais e estatutárias, submetemos à vossa apreciação o Relatório e Contas da actividade referente ao exercício que findou em 31 de Dezembro de 1974.

1. — Os trabalhos da obra de urbanização da Quinta da Barrosa prosseguiram dentro do seu ritmo normal e, assim, a zona A, encontra-se concluída, estando também concluída a fase B1 da zona B. No exercício de 1974 iniciou-se a fase B2 da zona B que se encontra em bom estado de adiantamento, faltando para completar a urbanização da Quinta da Barrosa a fase B3 da zona B.
2. — Não se efectuaram as escrituras referentes às vendas dos lotes, em virtude de não terem sido licenciadas as construções dos imóveis por parte da Câmara Municipal de Loures, no entanto, essa circunstância não conduziu a qualquer desistência por parte dos promitentes compradores, tendo-se até no exercício de 1974, quase concluído a venda da totalidade dos lotes, passando assim, os contratos de promessa de compra e venda ao montante de Esc.: 128.461.500$00.
3. — Mercê das entregas em dinheiro e de aceites dos promitentes compradores, bem como da importância de Esc.: 579.186$80 de suprimentos efectuados pelos Senhores Accionistas foi possível fazer face ao sector financeiro da nossa Empresa, como também foi possível, pelo mesmo motivo, proceder a amortizações na conta de Empréstimos de Terceiros que assim acusa no fim do exercício um saldo de Esc.: 7.884.600$00 contra Esc.: 13.970.000$00 existente no início do exercício.
4. — Procedeu a nossa Empresa a amortizações do seu imobilizado incorpóreo e córporeo, tendo para tanto aplicado as taxas máximas previstas na legislação em vigor. Não foram criadas quaisquer provisões por desnecessárias.
5. — No exercício de 1974 não foram atribuídas quaisquer remunerações aos Corpos Gerentes, como aliás tem sucedido desde o início da actividade da nossa Empresa.
6. — O Balanço demonstra que a actividade da nossa Empresa elevou o Activo líquido para Esc.: 67.341.864$10, pertencendo Esc.: 66.073.340$40 ao Activo realizável e Esc.: 1.268.523$70 ao imobilizado.
7. — A conta de Ganhos e Perdas apresenta um saldo negativo de Esc.: 1.850.320$40 que se propõe seja mantido na referida conta.
8. — Aos membros do Conselho Fiscal queremos aqui manifestar o nosso reconhecimento pela valiosa colaboração prestada.

Odivelas, 28 de Fevereiro de 1975

O Conselho de Administração
Luciano Lopes Rosa — Presidente
Fernando Graça da Silva
Romeu Batista Pissarra
António Antunes Ribeiro
Manuel Alves de Magalhães

BALANÇO ANALÍTICO EM 31/12/1974

		Activo bruto	Amortizações e provisões	Activo líquido	Valores parciais	Valores totais
	ACTIVO					
	DISPONIBILIDADES					
51.	Caixa			501.541$50		
52.	Depósitos em Bancos			2.467.589$50		
				2.969.131$00		
	CRÉDITOS A CURTO PRAZO					
42.	Fornecedores	308.548$30	$	308.548$30		
43.	Letras e Outros Títulos a Receber	3.012.100$00	$	3.012.100$00		
48.	Devedores Diversos	15.000$00	$	15.000$00		
		3.335.648$30	$	3.335.648$30		
	REMANESCENTES					
31.	Terrenos	12.000.000$00	$	12.000.000$00		
34.	Obras em Curso	48.083.764$80	$	48.083.764$80		
		60.083.764$80	$	60.083.764$80		
21.	**IMOBILIZAÇÕES INCORPÓREAS**					
21.01.	Gastos Plurienais	124.388$90	124.388$90	$		
		124.388$90	124.388$90	$		
22.	**IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS**					
22.01	Instalações	12.480$00	3.113$00	9.367$00		
22.02.	Maquinaria e Utensilagem	2.568.891$50	1.328.703$80	1.240.187$70		
22.03.	Móveis e Utensílios	24.954$00	5.985$00	18.969$00		
		2.606.325$50	1.337.801$80	1.268.523$70		
	TOTAL DO ACTIVO	66.150.127$50	1.462.190$70	67.657.067$80		
	CONTAS DE ORDEM					
	Letras e Outros Títulos Descontados			10.896.866$70		
	Contratos de Promessa de Compra e Venda			128.461.500$00		
				139.358.366$70		

		Valores parciais	Valores totais
	PASSIVO		
	DÉBITOS A CURTO PRAZO		
41.	Clientes	50.842.156$30	
42.	Fornecedores	2.577.554$30	
45.	Accionistas	579.166$80	
47.	Empréstimos de Terceiros	7.884.600$00	
48.	Credores Diversos	6.655$40	61.890.132$80
	TOTAL DO PASSIVO		61.890.132$80
	SITUAÇÃO LÍQUIDA		
	Capital e Reservas		
11.	Capital	10.000.000$00	
		10.000.000$00	
16.	Prejuízos de Exercícios Anteriores (—)	2.382.744$60	
		7.617.255$40	
	Resultados		
87.	Ganhos e Perdas (—)	1.850.320$40	5.766.935$00
	TOTAL DO PASSIVO E SITUAÇÃO LÍQUIDA		67.657.067$80
	CONTAS DE ORDEM		
	Credores por Letras e Outros Títulos Descontados		10.896.866$70
	Credores por Contratos de Promessa de Compra e Venda		128.461.500$00
			139.358.366$70

Odivelas, 28 de Fevereiro de 1975.

O Técnico de Contas
Manuel José Gonçalves Pires

O Conselho de Administração
Luciano Lopes Rosa — Presidente
Fernando Graça da Silva
Romeu Batista Pissarra
António Antunes Ribeiro
Manuel Alves de Magalhães

81. — CONTA DE EXPLORAÇÃO GERAL

		Valores parciais	Valores totais
	REMANESCENTES INICIAIS		
31.	Terrenos	12.000.000$00	
34.	Obras em Curso	44.185.938$10	56.185.938$10
61.	Compras	126.294$70	
61.02	Compras de Materiais	333$10	126.627$80
61.03	Compras de Mat. Diversas e Subsidiárias		
62.	Gastos com Pessoal	369.270$90	
62.03	Salários e Remunerações Complementares	63.287$00	432.557$90
62.05	Encargos sobre Remunerações		
63.	Impostos e Taxas	15.120$00	
63.18	Imposto de Compensação	1.350$00	
63.19	Imposto de Circulação	60.063$90	
63.20	Imposto de Selo	1.404$00	
63.25	Taxas de Licenças	178.736$00	256.673$90
63.26	Imposto de Sisa		
64.	Serviços e Fornecimentos de Terceiros	72.000$00	
64.01	Rendas e Alugueres de Maq. Edifícios e Terrenos	94.522$60	
64.02	Gastos de Conservação e Reparação	134.387$70	
64.03	Água, Electr., Gás e Combustíveis	25.694$80	
64.04	Comunicações, Transportes e Estadias	47.573$00	
64.06	Remunerações e Interm. e Honorários	370.036$60	744.214$10
64.08	Outros Serviços e Fornecimentos		
65.	Trabalhos Executados por Terceiros		2.256.705$30
66.	Gastos Financeiros	656.682$80	
66.01	Juros	752.587$00	
66.02	Descontos	38.694$20	1.447.964$00
66.04	Outros Gastos Financeiros		
67.	Outros Gastos de Gestão	3.089$20	
67.01	Gastos de Representação	14$00	
67.02	Gastos de Contencioso de Not. e de Registo	3.000$00	
67.04	Gastos não Documentados e Confidenciais	50$00	6.153$20
67.05	Jornais e Outras Publicações		
68.	Dotações para Amortizações	41.471$30	
68.01	Amortizações de Imob. Incorpóreas	448.189$40	489.660$70
68.02	Amortizações de Imob. Corpóreas		
			61.946.495$00

		Valores parciais	Valores totais
	REMANESCENTES FINAIS		
31.	Terrenos	12.000.000$00	
34.	Obras em Curso	48.083.764$80	60.083.764$80
76.	Proveitos Financeiros		12.409$80
76.01	Juros		1.850.320$40
	Resultados da Exploração do Exercício (prejuízo)		
			61.946.495$00

Odivelas, 28 de Fevereiro de 1975.

O Técnico de Contas
Manuel José Gonçalves Pires

O Conselho de Administração
Luciano Lopes Rosa — Presidente
Fernando Graça da Silva
Romeu Batista Pissarra
António Antunes Ribeiro
Manuel Alves de Magalhães

87. — CONTA DE GANHOS E PERDAS

		Valores parciais	Valores totais
5·	Resultados da Exploração do Exercício		1.850.320$40
			1.850.320$40
	Prejuízo do Exercício		1.850.320$40
			1.850.320$40

Odivelas, 28 de Fevereiro de 1975.

O Técnico de Contas
Manuel José Gonçalves Pires

O Conselho de Administração
Luciano Lopes Rosa — Presidente
Fernando Graça da Silva
Romeu Batista Pissarra
António Antunes Ribeiro
Manuel Alves de Magalhães

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Em cumprimento da lei e do que se encontra estabelecido pelos Estatutos apresentamos o nosso parecer acerca do relatório, balanço e contas do conselho de administração referentes ao exercício de 1974.

A nossa acção decorreu sempre em estreita ligação com o conselho de administração da empresa, o que nos permitiu acompanhar de perto a marcha dos negócios da sociedade.

Depois de cuidadosa análise e verificação do balanço e contas da empresa relativos ao exercício findo, verificámos que tudo se encontra na melhor ordem e arrumo contabilístico sendo revelada a situação efectiva da sociedade.

Verificamos também, que os critérios valorimétricos adoptados tornam possível uma avaliação exacta do património e dos resultados obtidos, pois foi considerado o preço de custo da obra que está em curso e do valor da aquisição dos bens imobiliários e mobiliários, tendo assim este conselho fiscal a honra de propor:

1. — Que sejam aprovados o Relatório do Conselho de Administração, o Balanço e as Contas da sociedade referentes ao exercício de 1974;
2. — Que o saldo negativo apresentado pela conta de Ganhos e Perdas seja mantido na referida conta;
3. — Que seja aprovado um voto de louvor ao Conselho de Administração pela competência e zelo que revelou, pelo forma como geriu os negócios da empresa e actuou no decurso do exercício.

Odivelas, 14 de Março de 1975.

O Conselho Fiscal
Manuel José Gonçalves Pires — Presidente
Eduardo Correia
António Nunes Gonçalves

Nacional

Tinturarias e lavandarias poderão entrar em greve

A rejeição pelo patronato de algumas das reivindicações fundamentais dos trabalhadores, destinadas ao novo Contrato Colectivo de Trabalho poderá levar à paralisação das lavandarias e tinturarias nos próximos dias 6 e 9 (sexta e segunda-feira). Nesse sentido foi aprovada uma proposta no plenário realizado ontem à noite, sob convocação do respectivo Sindicato, durante o qual os delegados informaram os trabalhadores de que as negociações efectuadas no Ministério do Trabalho estavam a malograr-se.

«Estamos fartos! Queremos viver decentemente», afirmam os trabalhadores num comunicado que hoje começou a circular entre a população e no qual se esclarecem as razões da greve. Os trabalhadores utilizarão este meio de luta para conseguir a satisfação de três pontos que consideram de extrema importância: ordenado mínimo, direito à vigilância directa pelos trabalhadores de tudo o que na vida da empresa possa ter ou vir a ter repercussão sobre eles; obrigatoriedade das empresas enviarem ao Sindicato, periodicamente, os dados por ele requeridos, que lhe permita, com o auxílio dos trabalhadores, acompanhar e controlar a vida económica da empresa.

Recorde-se que as lavandarias e tinturarias têm proliferado pelo País à custa da exploração desenfreada dos trabalhadores. Até ao 25 de Abril, mulheres submetidas ao trabalho desumano de lavar e tingir a roupa, em ambientes onde a temperatura chegava a atingir os 40 graus no Verão, sem que os patrões se preocupassem em mandar abrir uma janela ou instalar uma ventoínha, recebiam ordenados da ordem de 1500$00 por mês. Os aumentos que frequentemente oneravam o público não tinham qualquer repercussão sobre os seus salários. Os patrões invocavam (invocam) invariavelmente «dificuldades económicas». A luta que travou na Tinturaria Portugália demonstrou que essas dificuldades tinham muito de fictício. Em autogestão desde o fim do ano passado, a fábrica aufere o rendimento suficiente para pagar um ordenado mínimo de 4500$00. Isto apesar do boicote que os trabalhadores continuam a sofrer (não lhes fornecem a crédito) e de terem herdado uma empresa com uma estrutura ultrapassada e cheia de deficiências.

Este exemplo faz com que os trabalhadores das restantes tinturarias e lavandarias digam «NÃO» quando os patrões lhes oferecem 4 contos como salário mínimo e apenas nos casos das empresas que tenham viabilidade económica. E faz, também, com que exijam controlar a situação das empresas. Só assim terão a certeza de não serem enganados. «Os patrões zelam pelos seus interesses. Nós defendemos os nossos!», afirma o comunicado, adiantando os trabalhadores que só retomarão o trabalho definitivo «quando os patrões cederem».

Os empregados das tinturarias e lavandarias apelam para a solidariedade da população. Esta deverá ir buscar a roupa aos estabelecimentos no dia em que estes estiverem abertos.

Entretanto, as negociações prosseguem hoje. E esta noite, realiza-se novo plenário, para que os trabalhadores se mantenham permanentemente esclarecidos e unidos na luta.

TROCO
os seus móveis usados por novos, modernos ou de qualquer estilo. Grande variedade em exposição. Fabricação por desenhos. Facilidades de pagamento.
ARTIS MÓVEIS e DECORAÇÕES
Av. Almirante Reis, 35 (perto da Igreja dos Anjos)
Telfs. 832161 e 846385

PROJEL, Projectos de Electricidade, S. A. R. L.
Comunicamos a todos os nossos clientes e fornecedores que a nossa empresa se encontra encerrada no dia 6 de Junho, a partir das 14 horas, para a realização de um plenário.
A ADMINISTRAÇÃO

ATÉ QUE ENFIM
O SEU PART OU FULL-TIME, SE TEM MÍNIMO 2.º CICLO - 20 ANOS. AMBOS OS SEXOS. TELEFONE HOJE PARA 653169, DAS 18 H. ÀS 20.30 H.

ASTRÓLOGO RONDE
Trata e resolve os seus problemas, mesmo os que julgue muito difíceis.
RUA EMÍLIA DAS NEVES, 23 - 1.º F
TELEF. 70 50 07 — BENFICA

Geral

Algumas perguntas dos trabalhadores do Grupo Sousa Machado

Subscrita pela Comissão Intersindical do ex-Grupo Sousa Machado (firmas Cogenco SARL, Fomentur SARL e Solpino, SARL) foi tornada pública uma carta aos órgãos de Informação onde os trabalhadores, analisando a sua luta e o estatuto actual de crise económica das empresas fazem várias perguntas, para as quais não temos resposta, mas que talvez haja quem o possa fazer. Tendo o secretário de Estado do Turismo dado parecer desfavorável à intervenção do Estado nas firmas (ao abrigo do Dec.-Lei 660/74) os trabalhadores perguntam-lhe. «Que pensa o sr. dr. Alves Conde que nós podemos fazer? Será que o citado decreto não se adapta ao nosso caso? Não foi essa a opinião do Ministério do Trabalho e das entidades bancárias? Nós lamentamos sr. dr. — continuam — mas teremos de ligar determinados factos que talvez coincidam com os entraves postos à nossa luta. Sr. dr., foi ou não administrador por parte do antigo Governo na Companhia Mineira do Lobito, cujo principal accionista particular era a família Sousa Machado? Os títulos da Companhia Mineira do Lobito que lhes foram oferecidos nada valem sr. dr., e quanto ao sr. eng.º Sousa Machado nem o COPCON sabe o seu paradeiro. Somos assim forçados a concordar com os trabalhadores da Sociedade Central de Cervejas e da Cuca quando vaiaram a sua entrada num Governo progressista como é o nosso». O comunicado denuncia que a família Sousa Machado, responsável por um débito de 900 mil contos em Dezembro de 1974, recebia frequentemente, até fascistas como o general Sá Viana Rebelo, Vieira Fernandes, coronel Costa Campos, Kaulza de Arriaga, Ferronha, Silvino Silvério Marques, Franco Nogueira e outros representantes das forças da direita portuguesa, com quem mantinha estreitas relações. Outras perguntas dirigem-se ao dr. Sousa Tavares, «advogado da família Sousa Machado e do sr. Marquês de Loulé (Alberto Folque, algures no Brasil)»: pergunta-se-lhe se «tem a certeza daquilo que subscreve nas cartas que envia aos credores de Angola» e como pode dizer-lhes «que a banca em breve resolverá o problema». «Não engane mais as pessoas — afirmam — Diga-lhes a verdade! Diga-lhes que foram vítimas de uma vigarice em alta escala!» Segundo os trabalhadores, as dívidas pessoais do eng.º Sousa Machado contraídas em Angola eram arcadas pelas firmas. Declaram que tais empréstimos constituíram «autênticas fraudes» e «transferências ilegais de capital», num montante de 200 000 contos. E perguntam ao chefe do contencioso do Banco Totta e Açores, dr. António Sarafana, que acusam de receber honorários da administração das empresas do grupo, se desconhecia tais «fraudes». Outras interrogações fazem os 150 trabalhadores da Cogenco, Fomentur e Solpino. Por exemplo, ao ex-presidente do Conselho Fiscal deste grupo de empresas, dr. Marques Mano de Mesquita: «Porque é que se demitiu há dois meses? Teve medo de quê? Que nos diz aos 150 000 contos que ganhou em ano e meio durante as suas deslocações a Angola para tratar de assuntos da família? A propósito, terá declarado tudo isso às Finanças?» — perguntam.

«Dizem-nos agora termina perguntando quenão os serão pagos os salários até que o assunto esteja resolvido. Porquê, se desde Dezembro de 1974 a Banca suporta esses encargos? Será que os administradores, mais propriamente a família Sousa Machado, merecem mais respeito que merecem os trabalhadores?»

PARA QUÊ?

SPÍNOLA VAI RECOLHER FUNDOS NOS ESTADOS UNIDOS

RIO DE JANEIRO, 4 — (A.N.I.) — O pedido de visto de entrada nos Estados Unidos e México junto das respectivas Embaixadas no Brasil por parte do ex-general Spínola parece por agora desmentir as informações e boatos que circulavam sobre a sua próxima ida para a Europa.

António de Spínola, conjuntamente com os pedidos de visto de entrada teria também oficialmente apresentado o motivo de negócios para essa viagem junto do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamarati). Julga-se que sua mulher permanecerá no Brasil sendo somente o ex-general acompanhado pela sua secretária e sobrinha, Maria Luisa Campos Coelho.

Por outro lado, fontes jornalísticas próximas do ex-general revelam que essa viagem será curta e terá como objectivo fundamental recolher fundos em reuniões semiprivadas. Essas reuniões, que já estão programadas nos E. U. A., visarão não só aqueles emigrantes que ultimamente se teriam manifestado publicamente contra a actual situação portuguesa, nomeadamente quando da visita de Correia Jesuíno aos E. U. A. e no manifesto que enviaram ao Presidente Costa Gomes, mas sobretudo também banqueiros e homens de negócios americanos. A utilização desses fundos para qualquer movimento estilo E. L. P. e o Viva Portugal (com sede em Brasília) não foi confirmada.

ARCEBISPO RUSSO

O povo português quer uma sociedade nova

MOSCOVO, 4 (TASS-ANI) — «Estamos com a convicção de que o Povo Português luta com grande entusiasmo pela construção de uma sociedade nova, mais justa. Deixamos aqueles países desejando ardentemente aos nossos irmãos portugueses grandes sucessos no seu trabalho» — afirmou, a um correspondente da Tass o metropolita Nikodim (correspondente a arcebispo) de Leningrado e Novgorod, presidente da Conferência Cristã para a Paz (C.C.P.).

O metropolita regressou a Moscovo depois de ter visitado Lisboa, como chefe de uma delegação da C.C.P, um movimento internacional para a paz. A C.C.P. é composta por grupos de cristãos de mais de 50 países de todos os continentes.

O metropolita Nikodim afirmou que a delegação que visitou Portugal a convite do secretário-geral do conselho português das igrejas cristãs, pastor Ireneu Cunha, reuniu-se em Lisboa e no Porto com representantes das igrejas católicas e protestante, com clero e com leigos.

O metropolita Nikodim manteve também contacto com o cardeal Cerejeira, patriarca resignatário de Lisboa.

Comissão de saneamento na Câmara do Porto

PORTO, 4 — A comissão administrativa da Câmara Municipal do Porto nomeou uma comissão de saneamento, com o objectivo de corresponder aos anseios dos trabalhadores daquela Câmara e dos munícipes e à necessidade, imposta pelo processo revolucionário, de definir as responsabilidades de quem as tem.

A comissão de saneamento só por si não poderá levar para a frente as tarefas de que está incumbida. Ninguém melhor do que os trabalhadores e os munícipes sabe quem revelou e revela «incompetência, dos interesses pelo serviço, falta de idoneidade, corrupção e obstrução ao regular e eficiente funcionamento dos serviços» e quem comprovadamente revela inadaptação ou tenha «comportamento contrário ao espírito da ordem democrática vigente».

Não há razões para esconder seja o que for. Por isso apela-se para que todos os que têm conhecimento de factos úteis para o saneamento em curso os comuniquem à comissão de saneamento, verbalmente ou por escrito, o mais urgentemente possível e dentro do prazo de trinta dias, a partir de ontem.

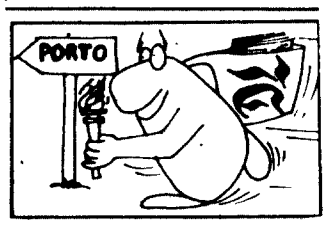
Monsanto não é longe: basta meia hora a pé

No próximo domingo e integrado nas comemorações do Dia Mundial do Ambiente, a Secretaria de Estado do Ambiente anima e promove, uma «descoberta do Parque de Monsanto através de um percurso original».

Objectivo da iniciativa: propor um caminho de peões que ligue o centro da cidade ao Parque de Monsanto.

Assim, haverá uma concentração, às 15 horas, no Parque Eduardo VII, junto ao Marquês de Pombal. Tentar-se-á provar que sem utilizar estradas, ruas ou grandes correrias e para pessoas de qualquer idade, se pode chegar a Monsanto a pé em cerca de meia hora.

Quem sentir a falta de jardins e zonas verdes em Lisboa, está desde já convidado a participar na iniciativa. Numa palavra: um passeio a pé, uma aventura ao ar livre, um passo revolucionário na rotina quotidiana.



MÓVEIS
LIQUIDAÇÃO
Motivo obras, preços mais acessíveis, mobílias completas e móveis soltos, estilos Século XVII, D. Maria, Luís XV e XVI, Império, D. José, Renascença e grande variedade de peças decorativas
GALERIA ACTUAL
Av. da República, 12
(Defronte estação metro do Saldanha)

QUADROS A ÓLEO
Assim como estatuetas e bibelots e vários artigos decorativos, encontrará enorme variedade se visitar a GALERIA ACTUAL — Av.ª da República, 12 (junto estação metro Saldanha).

AINDA O CASO DA AGINTER PRESS

A INTERNACIONAL FASCISTA ESTENDE-SE A VÁRIOS PAÍSES

. MOSCOVO, 4 (Por Pavel Diktov e Leonid Milovanov, da Novosti, exclusivo da ANI em Portugal) — No dia 22 de Maio do ano passado, um grupo de marinheiros revolucionários prendeu, na sede da Agência «Aginter-Press», em Lisboa, o português Joaquim Simões, que aí trabalhava como «porteiro». Essa «agência» soube-se mais tarde, não passava, afinal, da capa jurídica sob a qual funcionava, na capital portuguesa, a sede da organização neofascista internacional «Ordem e Tradição».

Joaquim Simões revelaria depois, durante os interrogatórios, os nomes de algumas das «grandes figuras» daquela «agência», entre os quais figurava o de um tal Guerin-Serac.

Este, que nos últimos anos viveu sobretudo em Portugal, não chegou a ser preso, por se encontrar no estrangeiro quando foi passada busca à sede da «Aginter-Press». Compreende-se também que, entretanto, tenha preferido não regressar...

O seu nome, que na altura fez uma breve aparição nas páginas da Imprensa ocidental, foi rapidamente esquecido por muita gente. Não por toda, no entanto...

Ralf Guerin-Serac. Francês.

Rosto longo e agudo, olhos muito vivos. Alguns dos pseudónimos que utiliza com frequência: Jean Valletin, Philippe Erlou, Antoine Peri, Guyot, Queriot... Amigos mais chegados: Robert Leroy, ex-capitão das «SS», e Jean Marie Laffitte, ex-terrorista da O.A.S. (Organização Armada Secreta) francesa.

Estes alguns dados breves extraídos do volumoso dossier Guerin-Serac existente na sede da Interpol. Por que atraiu este francês, que passava por jornalista, as atenções desta famosa Polícia?

. Serac tornou-se conhecido quando, no final dos anos 50, cumpria serviço militar na Argélia, como capitão do Segundo Destacamento de Choque.

Distinguiu-se na repressão movida pelas autoridades coloniais francesas contra o Movimento de Libertação Nacional Argelino, passando, em seguida, a fazer parte, como militante activo, da organização terrorista O.A.S. Após o falhanço do golpe das forças da direita, na Argélia, tornou-se um dos organizadores da «O.A.S.-Metro», que actuava na clandestinidade em França.

Esta organização foi responsável, entre outras «operações» pelo atentado contra o general De Gaulle, no subúrbio parisiense de Petit Clamar. Provavelmente foi nesta ocasião que a Interpol se começou a interessar pela pessoa de Guerin-Serac, que, no entanto, bem protegido, conseguiu escapar. Tão eficazmente que só no ano passado, quando a busca feita à misteriosa agência, o seu nome surgiu de novo na crónica política ocidental. Para mais uma vez se «submergir» na torrente de informações que correu sobre o caso.

Logo após o desmascaramento da «Aginter-Press», jornalistas da revista italiana «Europeo» entrevistaram um dos membros da Comissão de Extinção da P.I.D.E./D.G.S., o qual, pedindo que fosse mantido o seu anonimato, afirmou nomeadamente:

. «É absolutamente certo que a «Aginter-Press» era um dos centros de relações internacionais do neofascismo. Possuímos provas das mais íntimas ligações com os centros operacionais de actividade subversiva dos elementos da direita, na Europa e não só. O material que temos em nosso poder comprova que esta «agência noticiosa» servia apenas para encobrir actos terroristas internacionais. Agora que foi desmascarada a actividade da «Aginter-Press», a qual desfrutava de uma absoluta impunidade por parte de certos Governos e Polícias e desempenhava funções de «cérebro», pode-se e deve-se ir mais longe, passando a investigar qual a actividade do próprio «braço executivo» do neofascismo. Somos de opinião de que a direcção operacional de modo nenhum era da responsabilidade de Guerin-Serac, estando antes confiada a uma outra organização.»

. A que organização se referia o membro da Comissão de Extinção da P.I.D.E./D.G.S.? Ainda se não sabe concretamente. O tempo se encarregará, sem dúvida de nos trazer uma resposta. O que se apurou desde logo, foi que a «Aginter-Press» possuia filiais em Bona, Genebra, Roma, Buenos Aires, Saigão, Telavive, Estocolmo, Washington, Formosa. A própria «secção portuguesa» constituía, portanto, um dos elos da «Internacional Negra», organização que integra todos os partidos neofascistas e agrupamentos de direita da Europa Ocidental (15 italianos, três franceses, um espanhol, um alemão-ocidental, um holandês, um sueco...).

A «Internacional Negra», diz-se no relatório 00289-35-S da Interpol, «agrupa as principais organizações nazi-fascistas da Europa, dá-lhes conselhos, determina a sua orientação, mantém, além disso, relações com organizações análogas da América Latina e da África do Sul».

Presentemente, o ingresso nesta «internacional» não é consagrado através de quaisquer actos escritos. Por enquanto, a unidade reaccionária faz-se apenas através da comunidade de objectivos e de ideologia. Os seus dirigentes são indivíduos que, no consenso geral, «desfrutam de determinado prestígio e possuem um certo passado». Constituem o seu estado-maior 32 destas «personalidades» que têm participado em praticamente todas as conspirações políticas da direita nos países da Europa Ocidental. Entre elas conta-se o italiano Stefano Delle Chiave, cuja acção foi determinante para a subida de Giorgio Almirante à chefia dos neofascistas italianos.

«Nenhuma civilização surge sem um punho de ferro» — é um dos lemas da «Internacional Negra» que os seus membros procuram insistentemente.

Perdida a sua sede em Lisboa, os neofascistas transferiram-na, ao que parece, para Espanha. Pelo menos, Guerin-Serac tem sido visto em Alicante, localidade espanhola onde se situa a sede de uma outra organização reaccionária, — «Palaeino», ex-nazi. A corja reaccionária da região reparte o seu tempo entre a vida fácil nos clubes «Mister Dollar» e «Rio», de Barcelona, pontos de reunião dos fascistas europeus, e a concepção de planos operacionais de acções conjuntas a empreender nos países da Europa Meridional.

Estrangeiro

AGRAVA-SE A SITUAÇÃO PARA O REGIME FRANQUISTA

A situação em Espanha agrava-se de momento a momento para o regime franquista. O franquismo é um barco tão velho que mete água por todos os lados. A conjuntura económica é cada vez pior. O desemprego atinge níveis superiores a 3 por cento. O movimento operário é cada vez mais forte e cada dia mais bem organizado.

Não se trata apenas de greves operárias e das actividades da ETA no País Basco. Todo o país se lança em petições de liberdades democráticas. O povo espanhol já não se satisfaz com o futebol e um pequeno aumento do nível de vida. Foi precisamente este aumento que possibilitou que o espanhol médio alcançasse uma politização, que, confrontada com a realidade que vive, o leva a clamar por essa liberdade arrebatada há quase quarenta anos.

Tudo leva a crer que o regime de Franco não possa durar muito mais. A pressão interna e externa. O regime franquista ficou isolado no meio duma Europa democrática.

Quando por intermédio do seu ministro da Defesa, Schlesinger, o presidente Ford pediu

Por

MARIA LUÍSA DURANTE

ante a Comissão Militar da Aliança Atlântica, que os europeus reconhecessem « a colaboração espanhola em defesa do Ocidente», pensava matar vários coelhos duma cajadada. Assegurar um ponto forte no extremo ocidental da Europa, ponto que tinha perdido com a mudança de regime em Portugal, continuar a manter uma ditadura, a única que resta na Europa e procurar conservar umas bases em Espanha, conseguidas por acordo assinado em 1953 quando o isolamento exterior da Espanha propiciou condições altamente vantajosas para os E. U. A.

Mas os restantes membros da NATO negaram-se a admitir semelhante proposta, enquanto a Espanha não tenha pelo menos uma aparência democrática. Ford apresentou-se em Madrid com as mãos vazias. Além disso, parece que os americanos se vão ver obrigados a abandonar as bases, reservando-se, no entanto, o direito de utilização, em caso de necessidade, das de Saragoça e Rota (Cadiz).

Mas o povo espanhol não fica sentado à espera que os seus problemas sejam resolvidos por influências externas, influências essas, que bem vistas as coisas, pretendem apenas lavar a cara à ditadura. E continuar a oprimir o povo. Não. O povo organiza-se e luta.

AS JORNADAS DEMOCRÁTICAS

Facto concreto e actual desta luta são as «Jornadas Democráticas» em curso em Madrid. Estas jornadas foram convocadas por diversas organizações: «Comissiones Obreras», diversos sectores sindicais, Associações de Donas de Casa e Junta Democrática de Madrid que conta com a representação de 60 organizações de base.

Entre outras reivindicações apontemos as seguintes: a luta contra a carestia de vida, por salários justos, com contratos colectivos, solução dos problemas do ensino, direitos sindicais para os funcionários públicos, reconhecimento do Movimento Democrático de Mulheres...E acima de tudo: reconhecimento dos direitos de associação, reunião e expressão, amnistia para os presos e exilados políticos, e devolução da soberania ao povo.

Dada a actual conjuntura política, espera-se o triunfo destas Jornadas Democráticas que consistirão em diferentes actos. Entre eles um boicote aos mercados e não assistência às crianças nos colégios, apelo feito por 30 associações de bairro. Por seu lado, as «Comissiones Obreras» e vários sectores sindicais convidam à greve geral para hoje, dia 4.

Não é só em Madrid que se manifesta a repulsa pelo regime. Em Barcelona, segundo uma sondagem de opinião, 63 por cento das pessoas pronuncia-se pela democracia e 60 por cento não acredita que esta possa produzir-se sem uma ruptura do actual regime.

A situação no País Basco, é sobejamente conhecida e está a agravar-se com a próxima realização dos Conselhos de Guerra. Dada a declaração de «matéria reservada» que o Governo fez em relação a todas as notícias referentes a Euzkadi pode dar-se o caso de serem aplicadas as penas de morte pedidas num dos Conselhos de Guerra contra militantes da ETA, sem que o povo espanhol venha a saber das execuções. Por outro lado os presos políticos de Carabanchel ameaçaram iniciar uma greve da fome se vier a efectuar-se o julgamento do militante Garmendia, por considerarem que este não se encontra em condições de ser julgado, devido ao tiro que recebeu na cabeça e que o privou parcialmente da fala e de algumas faculdades mentais.

UNIVERSIDADE EM CONFLITO

A situação na Universidade é também de conflito. Pode dizer-se que a partir do mês de Janeiro nunca mais a actividade académica voltou à normalidade em toda a Espanha.

Não foi apenas o encerramento da Universidade de Valladolid, facto mais destacado na Imprensa internacional. Os professores não numerários (PNN) de toda a Espanha, que são o sector docente mais numeroso, estão a fazer greves por reivindicações de tipo laboral e político desde o mês de Janeiro.

Os PNN de Santiago de Compostela redigiram um anteprojecto de «Manifesto da Universidade Galega» no qual se faz uma profunda crítica à actual instituição universitária na Galiza, considerando-a «antidemocrática, acientífica e antipopular». Alguns destes PNN estão em greve desde o dia 1 de Março.

No passado dia 27, foram detidos na Faculdade de Direito de Madrid 14 universitários. Como consequência, realizou-se uma reunião na Faculdade de Filosofia e Letras na qual os catedráticos e os PNN decidiram um boicote aos exames enquanto os detidos não forem libertados.

Afirma-se, também que na próxima semana se vão apresentar ao subsecretário da Educação uma carta assinada por 150 catedráticos e 800 PNN, na qual se pede a recondução nas suas funções dos catedráticos Tierno Galvan, Garcia Calvo e Aranguren, que foram expulsos da Universidade de Madrid em 1965 por terem sido considerados «non grati» para o regime, em virtude das suas opiniões políticas e pelo facto de terem encabeçado uma manifestação estudantil.

Este pequeno percurso pela geografia política espanhola faz-nos pensar que, desta vez, muito possivelmente o fascismo tem de facto as horas contadas na Europa.

(1) A autora deste testemunho encontra-se exilada em Portugal.

O generalíssimo Franco e o príncipe Juan Carlos, que lhe sucederá no cargo de chefe de Estado, assistem à parada comemorativa do trigésimo sexto aniversário da vitória das forças franquistas sobre os republicanos.

MundoObrero

ORGANO DEL COMITE CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE ESPAÑA

El Partido de los Trabajadores del Vietnam al Partido Comunista de España

«HACEMOS VOTOS PORQUE SE CONSOLIDEN Y DESARROLLEN CADA DIA MAS LA SOLIDARIDAD Y AMISTAD ENTRE LOS DOS PARTIDOS Y LOS PUEBLOS DE VIETNAM Y ESPAÑA».

1º DE MAYO EN PARIS

Revolución política

A primeira página de «Mundo Obrero», órgão do P.C.. espanhol, partido que faz parte da Junta Democrática.

Aplicação de uma estratégia da luta de classes

PARIS, 4 — (FP) — Existem possibilidades efectivas para a aplicação de uma estratégia ofensiva da luta de classes em vários países do sistema imperialista mundial — escreve na revista «Kommunist», órgão doutrinal do Comité Central soviético, Timur Timofeev, director do Instituto do Movimento Operário, centro internacional de formação dos dirigentes operários.

Apontando a necessidade de o proletariado assegurar alianças políticas, o articulista cita Lenine que escreveu: «A classe operária só poderá vencer se utilizar as possibilidades, mesmo as mais infimas, de obter um aliado de massa, ainda que temporário, frágil e pouco seguro».

«Os partidos comunistas irmãos dos países capitalistas» — prossegue Timofeev — «partem do princípio de que a revolução nos respectivos países se fará em duas fases: uma etapa de democracia geral e uma etapa socialista. A aliança pode designadamente ser concluída com as Forças Armadas como o demonstram os exemplos de Portugal e do Peru (...). O movimento operário revolucionário apoia-se no preceito leninista de que só é possível vencer o capital em acções internacionalistas, rejeitando qualquer consideração grosseiramente nacional.»

Depois de se referir às «significativas evoluções que se registaram nos últimos anos no desenvolvimento das acções conjuntas das forças de esquerda em França» e de evocar «as importantes transformações em embrião na península italiana», Timofeev conclui: «No caso de antagonismos internos agudos, os imperialistas já não podem recorrer à guerra, dada a coexistência pacífica, vendo-se obrigados a procurar outras soluções».

CURA OU MAGIA?

Em pleno século XVIII, um homem de porte elevado, nobre presença, testa alta e figura imponente, rodeado de uma atmosfera de magia e vestido com um manto lilás, dizia curar doentes e ter descoberto uma nova ciência — o magnetismo animal.

Franz Anton Mesmer, era o seu nome, e mesmerismo, a designação por que ficou conhecida a ciência que praticava.

O que era o magnetismo animal? Uma ciência e um método de cura, ou um conjunto de regras de magia e a personalidade forte de um homem com uma certa intuição?

Leia no número de Junho das Seleções do Reader's Digest a descrição dos efeitos dessa ciência tão discutida e tire as suas próprias conclusões.

Seleções, o prazer de ler.

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

AVISO

Para os devidos efeitos se torna público que a Comissão Administrativa desta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 21 de Maio corrente, deliberou aprovar o concurso público, aberto conforme anúncio publicado no Diário do Governo n.º 94, III série, de 22 de Abril de 1975 para adjudicação da empreitada de «R. D. L. 4/75 — Reconstrução de arruamentos em Diversos Locais da freguesia de Carnaxide».

Oeiras — Paços do Concelho em 28 de Maio 1975.

O Presidente da Comissão Administrativa
Orlando Bernardino Gonçalves

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

COMUNICADO

ABASTECIMENTO DE ÁGUA AO CONCELHO
ESTIAGEM DE 1975

1 — Com o objectivo de evitar consumos excessivos, em muitos casos supérfluos, e que contribuem para o deficiente abastecimento em estiagem, foram fixadas as seguintes tarifas de venda de água, a vigorar a partir de Junho de 1975.

Consumos mensais até 15 m3 ... ... **5$50/m3** (actual tarifa)
» » **de 16 a 40 m3** ... ... **7$50/m3**
» » **superiores a 40 m3** ... ... **25$00/m3**

Estas tarifas não são aplicadas aos sectores da indústria, comércio e estabelecimentos colectivos, para os quais se mantém as actuais tarifas e escalões de consumo.

2 — Em relação a algumas zonas mais particularmente afectadas nas últimas estiagens, foram criadas condições para que o abastecimento se processe duma forma mais regular, embora se admita que possam surgir deficiências de abastecimento, circunscritas porém a períodos mais restritos.

3 — A colaboração das populações têm primordial importância para que na próxima estiagem não se verifiquem faltas prolongadas.
Esta colaboração poder-se-á verificar através de:

a) Economia de gastos, designadamente:
rega de jardins
enchimento de piscinas
vedação de torneiras e autoclismos

b) Vigilância sobre consumos de chafarizes e lavadouros.

c) Comunicação aos Serviços Municipalizados de fugas de água na rede, quando tal se apercebam quer telefonicamente pelos (n.os 293 26 00 ou 293 17 99) quer por escrito, através de um simples postal.

Serviços Municipalizados de Sintra, em 3 de Junho de 1975.

Estrangeiro

Compromisso de Israel de não usar a força

TELAVIVE, 4 — (A.N.I.) — O primeiro-ministro israelita Yitzhak Rabin declarou ontem que Israel não recorreria à força militar, caso o Egipto impedisse os navios transportando carga com destino a Israel de navegarem no canal de Suez.

Em entrevista concedida à Televisão israelita, Rabin disse que o Egipto se tinha comprometido a autorizar a passagem de cargueiros com destino a Israel no acordo de separação de forças de 1974.

O Egipto planeia reabrir o canal de Suez amanhã, oito anos após o seu encerramento na sequência da Guerra dos Seis Dias.

Entretanto, Israel está a proceder a uma redução das suas forças militares na frente do Sinai como um gesto destinado a desanuviar a tensão com o Egipto.

Contudo, o primeiro-ministro israelita disse que esta acção não deveria produzir «reacções práticas e imediatas» por parte do Egipto, mas destina-se a criar «uma atmosfera mais calma» quando o Egipto abrir o canal de Suez à navegação internacional.

Referindo-se à visita que efectuará em breve a Washington para encetar conversaçoes com o presidente Gerald Ford, Rabin disse que «o objectivo da sua deslocação à capital norte-americana era procurar uma aproximação mútua» conducente a uma maior eficácia nas próximas conversações de paz sobre o Médio Oriente.

NOVOS INCIDENTES EM BEIRUTE

BEIRUTE, 4 — (A.N.I.) — Pouco depois da meia-noite, irrompeu tiroteio em diversos sectores de Beirute, ao mesmo tempo que unidades conjuntas palestino-libanesas acorrem para os locais dos incidentes.

Não há até agora notícia de mortes, mas o tiroteio ao princípio do dia de ontem elevou para 128 o número de mortos e para 300 o de feridos, em 15 dias de luta na cidade.

O tiroteio prolongou-se por uma hora e centrou-se principalmente no bairro suburbano de Chiah Ain Rummaneh.

Comunicado da comissão de coordenação de segurança confirmou os novos incidentes, mas afirma que «as patrulhas de segurança se deslocaram para a zona para controlar a situação». Não foram dados mais pormenores.

24 horas no Mundo

Com a visita à Itália, o presidente Gerald Ford dos E. U. A. deu por finda a sua «tournée» europeia. Esta viagem do chefe do Executivo norte-americano foi vivamente saudada pelos órgãos de Imprensa norte-americanos, alguns dos quais salientaram o facto de Washington ter, finalmente, voltado os olhos para os seus aliados do Velho Continente. Contudo, uma vez concluída a visita, a Imprensa norte-americana parece, afinal, pouco satisfeita. A passagem de Ford pela Espanha foi, para «The New York Times», um «verdadeiro disparate». É evidente que o «disparate» de hoje já se afigurava como «disparate» há oito dias. Bem insistiu a oposição ao regime franquista em salientar os aspectos negativos dessa «caução» dada pelos E. U. A. ao regime moribundo de Franco, o último sobrevivente do fascismo na Europa. Em vão. A diplomacia norte-americana parece agora apostada em conseguir êxitos a curto prazo, actuando segundo os interesses de momento e renunciando à definição de grandes linhas para o futuro. Isso mesmo se verifica na visita de Ford à Itália. Na altura do golpe fascista no Chile, houve quem demonstrasse que a actuação norte-americana naquele país se prendia directamente às preocupações suscitadas pela existência de dois poderosos Partidos Comunistas na Europa Ocidental: o Francês e o Italiano. Washington estaria interessado em demonstrar, através do exemplo chileno, a impossibilidade de uma transição pacífica para o socialismo, fazendo assim recuar os possíveis eleitores das frentes marxistas nesses países europeus. Ford desembarcou numa Itália em plena campanha para as eleições regionais do dia 15 deste mês, nas quais se esperam importantes ganhos comunistas. Muito naturalmente os sectores mais progressistas da Itália encararam com grande reserva a visita de Ford neste momento e o tema das conversações havidas com os dirigentes o papel da Itália na defesa do Mediterrâneo. Ligando esta etapa de Ford à sua etapa espanhola e às suas reservas em relação a Portugal, fica-nos da «tournée» europeia do presidente norte-americano mais a ideia de uma cruzada anticomunista do que propriamente a de um reatar cordial dos laços com os seus aliados do Velho Continente.

A. N.

■ Os defensores da saída da Grã-Bretanha do Mercado Comum viram inesperadamente reforçada a sua posição, ao tornar-se conhecido que o Partido Conservador se encontra seriamente dividido nesta questão.

■ O secretário-geral do Conselho Nacional Africano declarou em Salisbury que o Governo rodesiano e os dirigentes nacionalistas negros desistiram de quaisquer condições prévias para uma conferência constitucional, cuja preparação está para breve.

■ Intensa actividade de propaganda assinalou a preparação das «jornadas democráticas» promovidas pela oposição espanhola. Entretanto, os príncipes de Espanha encontram-se na Finlândia em visita oficial.

■ O primeiro-ministro da República Democrática do Vietname do Norte propôs aos Estados Unidos a normalização das relações entre os dois países.

■ O presidente Anwar Sadat, que já regressou ao Egipto, depois da cimeira de Salsburgo, manifestou-se esperançado numa solução para o Médio Oriente. Entretanto, chegou à capital saudita o rei Hussein da Jordânia que vai conferenciar com o rei Khaled.

CONVERSAÇÕES CRUCIAIS NA RODÉSIA

SALISBÚRIA, 4 — (R.) — O bispo Abel Muzorewa, presidente do Conselho Nacional Africano (C.N.A.), regressa hoje de Londres a Salisbúria para dirigir as conversações cruciais da sua organização com o Governo Rodesiano.

Contudo, antes das conversações principiarem provavelmente na próxima semana o bispo terá a tarefa de sanar divergências no seio do C.N.A., o organismo de cúpula onde se fundiram agrupamentos nacionalistas, em Dezembro último.

Desde que o bispo Muzorewa esteve no estrangeiro, numa viagem de um mês que incluiu a assistência à cimeira da Comunidade Britânica, na Jamaica, têm vindo à superfície rivalidades antigas entre dois dos grupos, a União Nacional Africana Zimbabwe (ZANU) e a União do Povo Africano Zimbabwe (ZAPU).

Em Salisbúria, registaram-se motins em zonas africanas, no domingo, e a Polícia abateu a tiro 13 negros quando tentou acabar com desordens entre partidários da ZANUe da ZAPU.

Antes de partir de Londres, onde se avistou com o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, James Callaghan, o bispo Muzorewa declarou que não excluía a hipótese de agentes provocadores do Governo Rodesiano serem responsáveis pelos motins.

Entretanto, Enos Knala, um dirigente da ZAPU, revelou que o grupo não estaria representado nas próximas conversações com o Governo.

Essas conversações deveriam efectuar-se amanhã, mas observadores pensam que foram adiadas para dar tempo ao C.N.A. para resolver as divergências entre elementos moderados e militantes que procuram obter o poder para a maioria negra.

Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa

GABINETE DE IMPRENSA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todas as **Empregadas de Consultório,** Radiologia, Cardiologia, Fisioterapia, Electroencefalografia, Estomatologia e Laboratórios de Análises, para o plenário que se realiza na próxima 5.ª feira dia 5/6/75, pelas 21 horas, na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º, em Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1 — CONCLUSÕES DO GRUPO DE TRABALHO FORMADO NO ÚLTIMO PLENÁRIO

2 — INFORMAÇÕES SOBRE ENQUADRAMENTO SINDICAL

3 — PORTARIA.

Lisboa, 2/6/75

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO

SINDICATO AJUDANTES DE FARMÁCIA (Sector de Análises)

SINDICATO DOS TRABALHADORES ELECTRICISTAS DO SUL

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Electricistas abrangidos pelo Contrato da Construção Civil (não pelo alargamento de âmbito, nem por outros contratos) a comparecer numa reunião geral a realizar na Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», na Rua Voz do Operário, N.º 13, no sábado, dia 7 do corrente mês, pelas 14,30 horas com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Contrato Vertical de Classe e Contrato Vertical de Ramo de Actividade

2 Integração ou não no Contrato Vertical da Construção Civil

Lisboa, 3 de Junho de 1975

A DIRECÇÃO

SINDICATO DOS TÉCNICOS E OPERÁRIOS DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO DISTRITO DE LISBOA

Campo dos Mártires da Pátria, 50-2.º,Dt.º. Telef. 5 89 34 — LISBOA —

CONVOCATÓRIA

Tendo surgido na arbitragem do Contrato-Tipo uma proposta de escala de salários que o Sindicato entendeu não dever aceitar sem consultar a base, convocam-se por este meio todos os trabalhadores a reunirem-se nos Plenários abaixo indicados, e **queremos, em particular, pedir aos que trabalham nas médias e pequenas empresas, que são os principais interessados, que não faltem.**

SACAVÉM : Na Cooperativa de Crédito e Consumo Sacavenense 5.ª feira às 21 horas.

AMADORA : Local e hora a indicar na Imprensa diária de amanhã.

LEIRIA : Pavilhão Gimnodesportivo 5.ª feira às 21.30 horas.

AVIZ : Na Casa do Povo 5.ª feira às 21 horas.

Lisboa, 4 de Junho de 1975

A DIRECÇÃO

LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES

Rua Barata Salgueiro, 29-2.º — Lisboa-2

CONVOCAÇÃO

CONGRESSO EXTRAORDINÁRIO

Nos termos do artigo 22.º dos Estatutos, convoco a reunião do Congresso Extraordinário da Liga dos Bombeiros Portugueses para os dias 5 e 6 de Julho de 1975, na Cidade de Lisboa, com início às 9 horas, para :

a) — Apreciação e votação do Relatório Financeiro e Contas de Gerência do ano de 1974;

b) — Estatutos da Liga dos Bombeiros Portugueses;

c) — Trabalhos da Comissão Nacional de Reestruturação;

Conforme determina o § único do artigo 23.º dos ditos Estatutos, a Assembleia funcionará, válidamente, às 10 horas, com qualquer número de delegados, no caso de se não encontrarem presentes, à hora indicada na primeira convocação, os delegados necessários para constituirem maioria legal.

Lisboa, 1 de Junho de 1975

O Presidente dos Congressos,
DOUTOR DAVID CRISTO

Espectáculos

Crítica de Música

Mário Vieira de Carvalho

III FESTIVAL DOS TRÊS COROS: PELA UNIDADE NO MOVIMENTO CORAL

Conforme Lopes Graça tem, por diversas vezes, publicamente reiterado, o Festival dos Três Coros nasceu por iniciativa sua, tendo em conta certas afinidades artísticas e de intervenção social dos três agrupamentos corais nele englobados: o Coro da Academia de Amadores de Música, dirigido pelo próprio Lopes Graça, o Coral Phydelius de Torres Novas, dirigido por José Robert, e o Coro D. Pedro de Cristo de Coimbra, dirigido por Francisco Faria. Traduzem-se as afinidades artísticas na escolha de repertório da mais elevada qualidade musical e na consequente recusa do chamado género orfeónico, onde os valores propriamente musicais se diluem no efeito fácil e de mau gosto, no bonitinho, no banal, e onde praticamente também não existem valores literários. Quanto á intervenção social, o que aproxima os três coros é o propósito, que têm demonstrado, de desenvolver a sua acção artística gratuitamente junto das sociedades recreativas populares, para um público de trabalhadores ou de estudantes, procurando informar e formar através da música amplos sectores da população.

Mas, evidentemente, cada coro tem a sua individualidade. O Coro da Academia de Amadores de Música é, sem dúvida, o de maior determinação e coerência ideológicas, que ganharam consistência ao longo de uma acção resistente ímpar, durante o fascismo. Essa acção resistente, especificamente musical ou coral, baseou-se nos seguintes pontos: 1.º — recuperação da música popular genuína, como parte integrante da luta pela restituição ao povo português do seu património cultural e, no fundo, da sua própria identidade, que o fascismo tentava destruir ou desnaturar pelas mais diversas formas; 2.º — recriação, por Lopes Graça, dos documentos populares, trazendo ao de cima e ampliando as suas virtualidades estéticas ou expressivas, e fazendo-se intérprete dos mais profundos anseios (inclusive revolucionários) do povo português, implícitos nesses mesmos documentos; 3.º acção unitária, dinamizadora e congregadora, realizada através do contacto e da confraternização também essa não poucas vezes revolucionária) com operários, camponeses, outros trabalhadores, estudantes, quer em zonas urbanas quer rurais. Era, de resto, ao nível desta acção, nos convívios que se seguiam aos espectáculos propriamente ditos, que o Coro da Academia de Amadores de Música avançava com o repertório clandestino (as «canções heroicas») no qual a mensagem musical e literária, de fácil apreensão, apontava directamente o caminho da revolução e tinha um efeito estimulante e moralizador (quando cantado assim, colectivamente com o povo e pelo povo).

O coro de Torres Novas, igualmente de amadores e de composição social diversificada, tem outros pergaminhos e outras tradições. Optou desde cedo por um repertório ecléctico, beneficiando enormemente, nestes últimos anos, da valiosa direcção artística de um dos mais dotados directores de coros que trabalham no nosso país. José Robert. José Robert tem conseguido obter resultados artísticos assinaláveis em obras praticamente de todas as épocas da história da música, sem descurar a canção popular nem o repertório contemporâneo. Quanto a este também sobressai uma certa e determinada incidência ideológica, que o aproxima, nas intenções do Coro da Academia.

Finalmente, o Coro D. Pedro de Cristo, formado por impulso de Francisco Faria, que elevara a alto nível o Coral da Faculdade de Letras de Coimbra, visa essencialmente objectivos de educação cultural e artística. Trata-se de dar a conhecer a música coral de todos os tempos, desde os polifonistas do século XVI (especialmente os portugueses e especialmente D. Pedro de Cristo) aos contemporâneos, e assim despertar o gosto musical e o gosto da prática coral nos auditores. O seu programa ideológico sintetiza-se talvez na expressão de uma das canções que interpretou no III Festival dos Três Coros: «destruam as fronteiras das verdades distintas e apertem as mãos, irmãos».

Foi ainda durante o fascismo, em 1973, que estes três coros, procurando valorizar aquilo que os unia, organizaram pela primeira vez um Festival em Lisboa, compreendendo a actuação em separado de cada um deles e, a fechar, o canto em conjunto. O mesmo esquema veio a ser reptido no ano seguinte, em Torres Novas e, agora, em Coimbra. Com o convívio, não apenas no palco, mas também nas alegres confraternizações após os concertos, os três coros fortaleceram a sua unidade de acção artística, aprenderam a conhecer-se melhor e a tirar proveito desse mútuo conhecimento. Todos reconhecendo em Lopes Graça uma representatividade sem paralelo no panorama da nossa música coral, todos o cantam com idêntico entusiasmo, seja no género das canções populares, seja no das «heróicas» ou, ainda, no das canções mais complexas, escritas a pensar em coros profissionais. E não foi sem surpresa que, no fim da tal confraternização, ouvi o Coro D. Pedro de Cristo cantar, com vigoroso empenho, uma das mais belas canções da colectânea proibida e apreendida nos anos quarenta: «as papoulas dos trigais», sobre poema de José Gomes Ferreira.

Passando ao concerto em si, direi que proporcionou excelentes exibições para qualquer dos coros, sendo de notar que o Coro da Academia de Amadores de Música cantou, desta vez, dentro da sua melhor forma, o que não aconteceu, por exemplo, no primeiro Festival. A parte final, com a junção dos três coros, teve o seu ponto culminante, no que se refere à qualidade interpretativa, no **Glória** de Duarte Lobo, enquanto a **Avé Maria** de D. Pedro de Cristo e, sobretudo, o admirável e nunca demais louvado **Em louvor do Sol** de Lopes Graça não obtiveram realizações tão perfeitas. Extra programa, foi ainda interpretado pelos três coros, sempre sob a direcção de Lopes Graça a canção «heróica» deste último intitulada **Acordai**, sobre poema de José Gomes Ferreira, esta sim, arrancada com rigor e força expressiva.

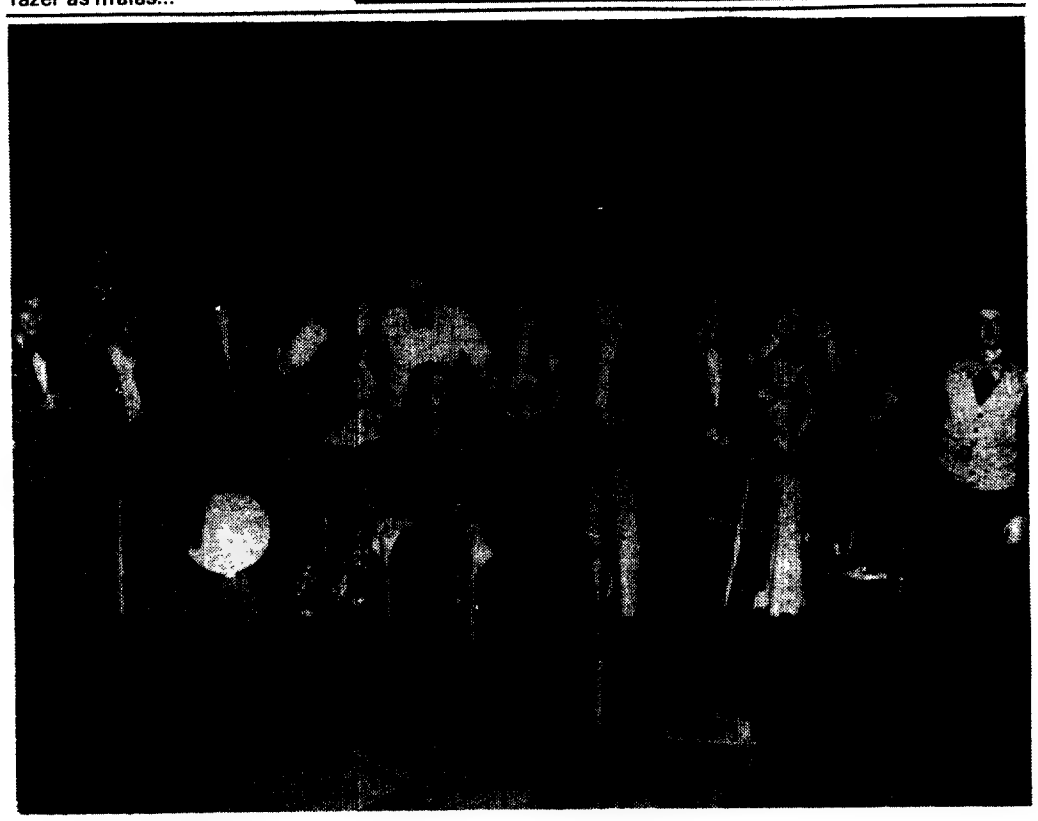
A explêndida festa que o coro organizador preparou a seguir, em antigas instalações académicas, para além de ultrapassar largamente a expectativa suscitada por qualquer anfitrião dos mais hospitaleiros, criou condições óptimas para a confraternização entre os coros e para a aproximação humana entre os seus componentes. Uma das características do movimento coral. uma das suas razões de ser — e, decerto, a não menos importante — é precisamente essa: aproximar e unir pessoas das mais variadas profissões, credos e ideologias. Quando essa unidade é conseguida, e quando ela é conseguida dentro de objectivos globais fundamentalmente progressistas como são os que integram estes **Festivais dos Três Coros,** há que aplaudi-la, fortalecê-la, alargá-la e desenvolvê-la. A unidade é uma das mais importantes tarefas do momento presente. Cabe às forças progressistas a responsabilidade de a fomentar e de a saber liderar. Se até no movimento coral se implantasse o sectarismo, a revolução portuguesa bem podia fazer as malas...

O TEATRO DA CORNUCÓPIA ESTREIA GORKY EM SALA NOVA

Situa-se perto do Largo do Rato, em S. Mamede, mais precisamente na R. Ten. Raul Cascais, 1-A, a nova sala de espectáculos que o Teatro da Cornucópia abrirá com o seu próximo espectáculo «Os Pequenos Burgueses» de Gorki, a estrear em meados deste mes. Junho.

Mais do que simples apresentação de espectáculos de teatro, pretende a Cornucópia transformar este espaço num centro de paralelas actividades várias, para o que desde já conta com a actividade, já existente, da Cooperativa Aurélio da Paz dos Reis para o cinema, e com a actividade de um grupo experimental de ballet dirigido pelo bailarino António Rodrigues. É também neste espaço que «Os Cómicos» têm estado a ensaiar o seu próximo espectáculo.

Prevêem-se desde já várias iniciativas, algumas das quais convergirão tematicamente para «Os Pequenos Burgueses», espectáculo encenado por Jorge Silva Melo e que conta com a participação dos actores Alexandre Passos, Augusto de Figueiredo, Gina Santos, Glicínia Quartin, Helena Domingos, Jorge Silva Melo, Lia Gama, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Márcia Breia, Orlando Costa e Raquel Maria.



O CONJUNTO "RAGTIME" VEM ACTUAR NA GULBENKIAN

É já na próxima sexta-feira, dia 6, que, às 18 e 30 a Fundação Gulbenkian apresentará no seu Grande Auditório um agrupamento norte-americano de características algo inéditas entre nós: o Conjunto de «Ragtime» do Conservatório de New England.

Este agrupamento é dirigido pelo compositor e chefe de orquestra Gunther Schuller, principal representante e iniciador da chamada «terceira corrente» que procura realizar uma síntese entre o jazz e a música europeia contemporânea.

O «New England Conservatory Ragtime Ensemble» far-se-á ouvir em trechos de alguns dos nomes mais representativos do período áureo do «Ragtime», estilo de música que começou a estar em voga por volta de 1900 e que, juntamente com os **blues,** viria a ser um elemento constitutivo do jazz. O «Ragtime» nasceu no Missouri e difundiu-se depois para Saint-Louis, Kansas City e Nova Orleães. Mais tarde veio a ser moda igualmente em Chicago e Nova Iorque, divulgado através dos pianos mecânicos e, a partir de 1920, também do disco. Fortemente sincopado, o «Ragtime» toca-se em andamento rápido ou moderado. Executado originariamente em piano, caracteriza-se pelo jogo entre a mão esquerda, que coloca um acorde grave nos tempos fortes e um acorde agudo nos tempos fracos, e a mão direita, que expõe de forma sincopada a melodia e os seus ornamentos. Proveniente do «cake-walk» e das «coon-songs», o «ragtime» apresenta, no aspecto harmónico e melódico, marcada influência de algumas danças europeias (marcha, minuete, polca e quadrilha). No aspecto rítmico, foi naturalmente muito enriquecido pelos negros.

O «ragtime» tem sido cultivado igualmente por músicos brancos e negros: Scott Joplin, James Scott, Eubie Blake, Joseph Lamb, Charles Johnson, Jelly Roll Morton, etc. Vários destes autores estarão representados no concertó que o Conjunto de New England realiza no Grande Auditório Gulbenkian, no próximo dia 6.

BOLSAS DE ESTUDO

Termina amanhã, dia 5, a inscrição para a concessão de bolsas de estudo destinadas a aperfeiçoamento artístico no País ou no estrangeiro, para o período do ano lectivo de 1975/76, nos diferentes sectores da Música.

No ano lectivo de 1974/75 a Fundação Gulbenkian, através do seu serviço de música, concedeu 14 bolsas para estudos de aperfeiçoamento em Música, prevendo-se para este ano, além da eventual renovação das bolsas em vigor, a atribuição para o mesmo fim de 12 novas bolsas, algumas das quais destinadas à frequência de cursos de curta duração.

Os candidatos, deverão dirigir-se ao Serviço de Recepção da Fundação Gulbenkian, na Avenida de Berna, para obterem os boletins de inscrição, acompanhados de um exemplar do respectivo regulamento.

O período de inscrição para bolsas destinadas a frequência no País, durante o ano lectivo de 1975/76, dos curos gerais e superiores do Conservatório Nacional e das Escolas de Música oficializadas, assim como as condições do concurso, serão oportunamente anunciadas.

HOJE ÀS 21.15 H
TEATRO VILLARET
B A D A R Ó
«COZINHEIRO CHEFE» OFERECE
PATO COM LARANJA
com
LAURA SOVERAL • CARMEM MENDES
CRISTINA CASSOLA • RICARDO MORAIS
UM PRATO DE APETITOSAS GARGALHADAS
NÃO ACONS. A MENORES 13 ANOS

COLÉGIO
SÁ DE MIRANDA
• JARDIM DE INFÂNCIA (3 a 5 anos)
• ENSINO PRIMÁRIO
INSCRIÇÕES PARA 75/76 — PROPINA SOCIAL
Rua Alexandre Braga, 17 Telefone 4 53 10

MARIA VITÓRIA
TODOS OS DIAS ÀS 20.45 E 23 H.
(Não aconselhável a menores de 18 anos)
O MAIOR ÊXITO DE SEMPRE!
a sensacional REVISTA
ATÉ PARECE MENTIRA!...
com um extraordinário elenco e um grande corpo de baile
AOS DOMINGOS: «MATINÉE», ÀS 16 H.
Às 2.as feiras: DESCANSO

Teatro Maria Matos
A RTP APRESENTA
Todas as noites às 21.45 e aos domingos também ás 16 horas
A peça de Manuel da Fonseca
«SEARA DE VENTO»
Descanso da Companhia às Segundas-Feiras
Não aconselhável a menores de 13 anos
Bilheteira — Tel. 89 70 17
Bilhetes à venda também na A. B. E. P. — 32 88 23

Televisão

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

A FORÇA DO AMOR PELO TEATRO

Espectáculo sem título.
Texto e encenação de Rogério de Carvalho.
Interpretação de alunos das escolas técnicas de Almada.
Apresentação na Escola Veiga Beirão.
Maio 1975.

Está por fazer a história do teatro amador português. E será cada vez mais difícil incluir nessa (possível) história a análise de espectáculos cuja existência, por força das circunstâncias, passou quase despercebida. Não se pode dizer que tenham sido em grande número esses espectáculos, tanto quanto saibamos, mas talvez tenham sido mais importantes do que se imagina. De entre o pouco teatro feito na clandestinidade, não poderemos deixar de evocar a actividade de um homem cujo nome raramente tem vindo nos jornais mas que foi, nos últimos anos do fascismo, um animador teatral cuja teimosia só igualava a sua modéstia. Referimo-nos a Rogério de Carvalho, professor do ensino técnico em estabelecimentos de ensino da outra banda, que não se contentou em dirigir um grupo de amadores e ergueu, com os alunos que dirigia, espectáculos que deveriam figurar na tal história do teatro amador.

Evoco, sobretudo, um desses espectáculos, feito a partir de um texto curto de Richard Schechner sobre a guerra do Vietname. Dirigindo um coro de talvez 40 jovens (cujas idades deviam oscilar entre os 12 e os 15 anos, se bem nos lembramos), Rogério de Carvalho conseguiu extrair deles um rendimento ao nível de expressão corporal e vocal que fizeram desse espectáculo um momento teatral comovente e inesquecível.

O que espanta em Rogério de Carvalho é o facto de, nunca tendo estudado teatro, dominar com grande inteligência alguns dos seus mais difíceis aspectos. Para Rogério de Carvalho, o teatro é visivelmente mais a criação de uma linguagem total do que uma representação realista. Por isso, vemo-lo preferir ao espaço tradicional, um espaço que permite a liberdade da marcação e o contacto imediato com o espectador, vemo-lo despertar e utilizar os recursos totais do intérprete, um pouco à maneira de Grotowski, procurando descobrir nos seus corpos e nas suas vozes, recursos capazes de exprimirem menos os aspectos literários do texto (para o encenador secundário) do que as vivências que os marcam, vemo-lo conferir uma forma musical às suas encenações, sublinhada por um trabalho sonoplástico muito elaborado e original que enriquece bastante o espectáculo; por isso, finalmente, o vemos conseguir uma força coral que transforma os seus intérpretes (quase sempre em grande número) num conjunto inesperadamente afinado. Lembremo-nos, para entender o que isto representa, que Rogério de Carvalho trabalha com jovens que nunca fizeram teatro, cujos conhecimentos musicais são nulos.

O espectáculo que Rogério de Carvalho trouxe há tempos à Escola Veiga Beirão entroncava nessa linha. Espectáculo sem título, cujas dezenas de intérpretes permaneceram no anonimato, é mais uma demonstração das capacidades do encenador. A partir de algumas cenas do «Canto do Fantoche Lusitano», de Peter Weiss, Rogério de Carvalho criou uma cerimónia extremamente violenta sobre o colonialismo português.

Utilizando belíssimas canções dos movimentos de libertação, em gravação e cantadas ao vivo por um conjunto e por todos os intérpretes, Rogério de Carvalho procurou levantar alguns quadros que mostram sem complacência as taras, as injustiças, as explorações de um regime colonial. Passando sem hiatos de um registo burlesco a um registo trágico, o espectáculo mais do que a descrição ou a análise de uma determinada situação política, é um ritual, pontuado por movimentos, como dissemos, de uma tremenda violência (que caracteriza também o teatro de Rogério de Carvalho), ritual que arranca o espectador da sua cadeira (aliás, as cadeiras são muito bem utilizadas pelo encenador como criação de sinais de violência).

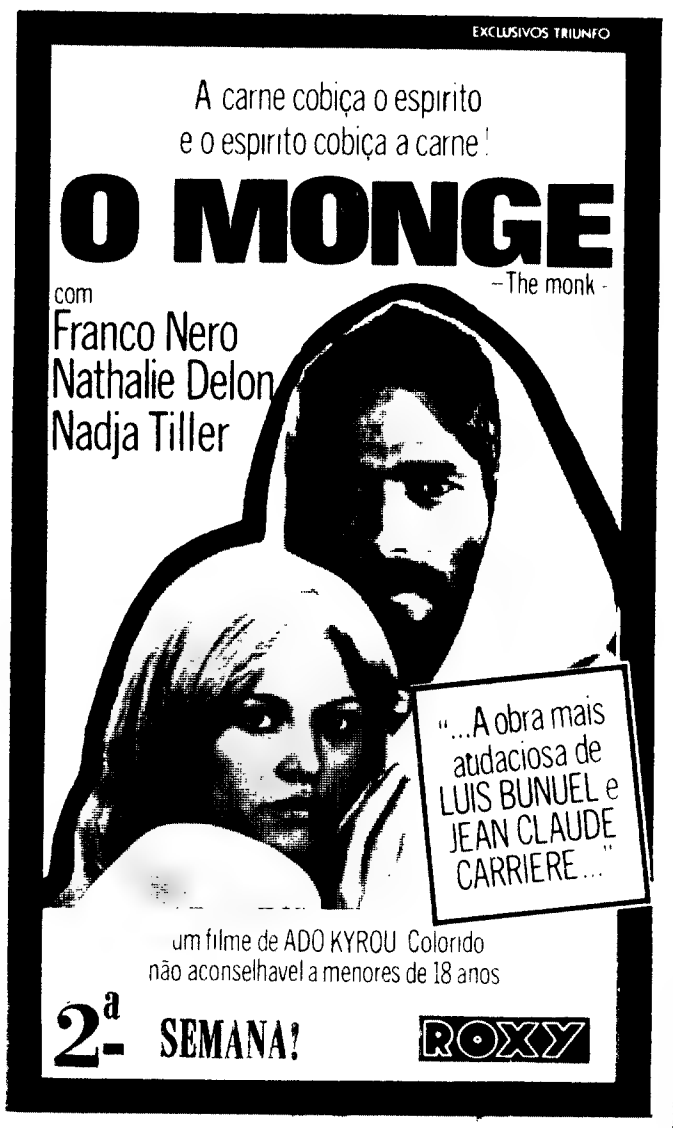
A nosso ver, a perspectiva política deste tipo de espectáculos pode ser prejudicada pelo facto das principais causas dos crimes que se denunciam (não esqueçamos que o colonialismo é uma expressão do imperialismo) são escamoteadas a favor da individualização dos culpados. À parte este aspecto, aliás fundamental mas ao qual o próprio Peter Weiss não escapa, podemos inserir este espectáculo na corrente de um teatro de feição política cuja força é rara no nosso teatro amador e inexistente no nosso teatro profissional.

POLONSKY NO IMPÉRIO

Madeleine Lagrage escreveu na revista «Télé-Ciné», de Paris, que em «Romance de um Ladrão de Cavalos» o ritmo harmoniza-se com o humor polaco: «Abraham Polonsky deixou-se conduzir pelos temperamentos vigorosos e coloridos dos personagens concebidos para encher o «écran» e dar ao gesto mais insignificante uma dimensão épica».

Yul Brynner, Eli Wallach e Jane Birkin são os principais intérpretes de «Romance de um Ladrão de Cavalos» o filme que o Império apresenta na sessão clássica de hoje, pelas 18 e 30.

EM COMPLEMENTO: **«VAMOS AO NIMAS»**
UM FILME DE LAURO ANTÓNIO



SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS

SECÇÃO SUL

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Engenheiros Técnicos desempregados para uma reunião geral a efectuar no dia 5 pelas 21 h. na Sede deste Sindicato com a seguinte ordem de trabalhos:
— Análise da situação do desemprego.

A Comissão Desemprego

Hoje

O Mundo Secreto de John Monroe.

I PROGRAMA

19.00 **TV Juvenil** — Os Homens, os Livros e as Coisas — o romancista Almeida Faria.
19.30 **Vamos Jogar no Totobola** — os prognósticos para o próximo concurso
19.45 **Desenhos Animados** — «A Pantera Cor-de-rosa»
20.00 **TV Rural** — um programa de Sousa Veloso.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 **«Joseph Balsamo»** — série baseada num romance de Alexandre Dumas com Jean Marais.
21.30 **Responder ao País** — com Freitas do Amaral.
22.00 **«Nicolau no País das Maravilhas»** — um programa com Nicolau Breyner. Concurso «Vamos Desafinar».
23.00 **Telejornal** — 3.ª edição
23.15 Fecho.

II PROGRAMA

20.00 Abertura e a série filmada **«O Mundo Secreto de John Monroe»**
20.30 **Desenhos Animados**
20.45 **Encontro** — entrevista com Manuela de Azevedo.
21.00 **Concerto de Órgão** — por Lionel Regg. Obras de Couperin, Buxtehude, Frescobaldi, Lionel Regg e Bach.
21.50 **«A Vida dos Outros»** — série filmada com Pierre Santani.
22.30 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa.
23.00 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

12.45: Abertura e Desenhos Animados; **13.00**: Mãos à Obra; **13.15**: Da Saúde e da Vida; **13.30**: Telejornal — 1.ª edição; **13.45**: «Problemas de um Pai» — série filmada; **14.10**: Logo à Noite; **Ciclo Preparatório TV** — **14.20**: Orientação de Monitores; **14.45**: Português; **15.15**: Educação Visual; **15.35**: Educação Física; **16.00**: Iniciação à Língua Portuguesa; **16.25**: Ciências da Natureza; **16.50**: História e Geografia; **17.15**: Português; **17.40**: Trabalhos Manuais; **18.05**: Iniciação à Língua Portuguesa; **19.00**: TV Infantil; **19.25**: Momento Desportivo; **19.55**: TV Palco — panorâmica teatral. Coordenação e apresentação do actor Igrejas Caeiro; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição; **21.05**: Programa do Movimento das Forças Armadas; **22.10**: «Os Camponeses» — «O Natal» — com Władysław Hanicza e Emilia Krakowska. Realização de Jan Rybkowski; **23.05**: Telejornal — 3.ª EDIÇÃO; **23.20**: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e a série «Problemas de um Pai»; **20.25**: Desenhos Animados; **20.35**: Da Saúde e da Vida; **20.50**: «Terras Bravias»; **21.45**: Sabe o Que São Mosaicos Romanos? — 1.º programa — entrevista com a arq.ª Adília Alarcão; **22.30**: Telejornal — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30; **23.05**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocações a todo o país
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B Rua Macau, 8

Desporto

A formação da Escola de Instrutores de Educação Física e a turma do Sporting. As raparigas dos dois blocos empataram (a seis golos) o confronto que realizaram para o campeonato lisboeta feminino. A fraquíssima pontuação é espelho perfeito de carência técnica ou de demasiados cuidados defensivos.

ANDEBOL: HORA DE INDISCIPLINA

Andebol: modalidade em constantes sobressaltos. Agora, uma avassaladora onda de castigos vem reflectir, com a máxima eloquência, o clima de antidesportivismo que, também aqui, toca a todas as portas do desporto.

Ultimamente, desde treinadores a jogadores, é um ver se te avias. O técnico António Cunha (leia-se, também: professor), que dirige a turma do F. C. Porto, foi suspenso (por 45 dias) em face do mau comportamento tido no jogo dos portistas com o Belenenses. O seu colega Fernando Oliveira que, no termo do embate Sporting-F. C. Porto, insultou a dupla arbitral, foi igualmente punido com afastamento dos bancos directivos por 30 dias. E, para não ficarmos só pelo Norte, também o treinador António Eduardo Correia Saraiva, orientador dos juniores do Benfica, está suspenso durante 30 dias, por indisciplina.

Passando por cima do facto de um dirigente do Encarnação ter sido castigado com 120 dias de suspensão, o rol de jogadores abrangidos pelo Conselho de Disciplina federativo é igualmente elucidativo. Desde a irradiação de Jorge Augusto Martins Antunes Baptista (Benfica e Castelo Branco) até 16 jogos de suspensão para Cesário Manuel Rodrigues Pinto (Padroense), outras penas ficaram registadas no comunicado federativo: 8 jogos de paragem a António Rodrigo Rodriguez (Caramão), 5 a José Morgado Janeiro e 4 a António Jorge de Oliveira Brito (ambos da formação de juniores do Benfica) são outras tantas notas tristes que merecem palavras de censura.

Entretanto, a indisciplina sempre a avolumar-se no andebol provoca a demissão da gerência da Associação do Porto.

Sobre futebol

RIERA POR JUCA

Depois de uma temporada que (como habitualmente...) não lhe foi inteiramente favorável, o técnico chileno Riera termina o contrato com o Sporting e prepara-se para deixar o nosso país. Para o seu lugar indigita-se Juca, que já trabalha no Departamento de Futebol Profissional dos «leões», desta feita trata-se do tomarense Calado, que já esta tarde estará perto dos antigos colegas Eusébio e Simões.

SETÚBAL

Mário Lino começa a dirigir os jogadores do Vitória de Setúbal a 20 do corrente. Além de Octávio, Jacinto João e Duda, outra baixa garantida: Torres deve abandonar o Bonfim.

PASSIVO

Divulgado em assembleia geral de associados: o «deficit» financeiro do Académico de Coimbra, após uma primeira temporada no escalão maior do futebol português, é da ordem dos 1500 contos....

GUIMARÃES

Celton, um defesa central brasileiro que tem alinhado no Gil Vicente (Barcelos) transfere-se para o Vitória de Guimarães.

BELENENSES

Os futebolistas belenenses entraram em férias, apenas regressando ao trabalho no próximo dia 18 do corrente. A 28 deste mês, no Restelo, apresentação oficial do «team» de Peres Bandeira para 75, perante o Amesterdão, em jogo que conta para a taça «Intertoto».

DECISÃO

Sporting de Braga e Estoril Praia vão decidir, em Coimbra, a partir das 17 horas do domingo, a posse do título nacional da 2.ª divisão.

«STATES»

Mais um futebolista que parte a tentar vida nos «states»:

LEIRIA: CONVÍVIO DE JOVENS PRATICANTES

O próximo fim-de-semana ficará ligado ao futebol juvenil, com uma jornada de propaganda e convívio entre jovens praticantes, aqueles que hão-de construir o futebol de amanhã. Uma iniciativa com que a Federação procura estar empenhada no processo revolucionário em curso, pois define o espírito de viragem para uma orientação enquadrada nas realidades do presente e nas perspectivas do futuro.

Ao transformar a fase final do I Torneio Nacional de Iniciados num verdadeiro festival de juventude, os responsáveis pela orientação do futebol deste País vêm significar a sua inteira adesão ao processo de transformação por que passa a prática desportiva, inserida no contexto do novo Portugal decididamente lançado na via do socialismo. De 7 a 10 do corrente, reúnem-se, em Leiria, mais de uma centena de jovens praticantes de futebol das oito equipas finalistas apuradas na primeira fase do «Torneio»: Craques de Lamego, F. C. do Porto, Leixões e Oliveirense, da Zona Norte; Sporting de Abrantes, Belenenses, Atlético e Farense, da Zona Sul.

Os jogos (doze) disputar-se-ão no Estádio Municipal de Leiria, nos dias 7, 8 e 10, e terão a duração de 60 minutos, sendo dirigidos por árbitros locais. Cada comitiva deslocará um máximo de 20 pessoas, com 16 jogadores. No mínimo (portanto um total de 128 jovens). A concentração está marcada para as 19 e 30 do dia 6, ficando as equipas instaladas num hotel de Monte Real.

Para o dia de descanso (2.ª-feira, dia 9) estão programadas visitas a Alcobaça e Batalha, além de outras actividades recreativas e culturais, cumprindo-se assim o objectivo primordial da iniciativa da F.P.F. (a confraternização da gente moça e o fomento do futebol, através de valores éticos e de motivação fortes para progressos a curto prazo). É ainda com esse sentido que o dia de descanso será aproveitado para a realização (na sede da Comissão Regional de Árbitros) de uma «mesa redonda» subordinada ao tema «Caminhos a trilhar pelo futebol juvenil portugues», na qual devem participar técnicos, dirigentes e jornalistas.

O sistema da competição é muito simples os oito concorrentes serão divididos em dois grupos (por sorteio) com classificações em separado, obtidas pelo processo de «poule» (jogando todos entre si). Na segunda fase, apurar-se-á a classificação final, do 1.º ao 8.º lugar, defrontando-se as equipas que obtiveram igual classificação em cada grupo.

Na manhã do último dia (10) ficará concluida a prova, seguindo-se (às 12 e 30) um almoço, com distribuição dos prémios.

17.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

«CLUBE ESTRELAS DE CAMPOLIDE»

ESTATUTOS

PRIMEIRO — A associação tem o nome de CLUBE ESTRELAS DE CAMPOLIDE e a sua sede na Travessa Estêvão Pinto, quatro, concelho de Lisboa.

SEGUNDO — Tem por fim a promoção cultural dos sócios, através da educação física e desportiva e da acção recreativa e intelectual, visando a sua formação humana integral, encontrando-se aberto a pessoas de ambos os sexos.

TERCEIRO — São órgãos de associação a assembleia geral, a direcção e o conselho fiscal, podendo ser criadas secções para coadjuvar a direcção.

QUARTO — Internamente a assembleia geral é soberana e perante ela responde a direcção, cuja actividade está sujeita permanentemente à inspecção do conselho fiscal.

QUINTO — O Clube é representado por toda a direcção cujo presidente tem função coordenadora, e a ela compete a iniciativa e a superintendência em todas as suas actividades.

SEXTO — A composição e funcionamento dos órgãos do clube serão estabelecidos em regulamento a aprovar pela assembleia geral dos sócios.

SÉTIMO — Constituem património do clube a receita das quotas e das taxas cobradas pelos serviços prestados e, mediante deliberação da assembleia geral, quaisquer bens adquiridos por doação, deixa testamentária, ou a título oneroso.

OITAVO — O clube durará por tempo ilimitado, mas em caso de se dissolver pelos motivos constantes da lei reverterá o seu património a favor da freguesia de CAMPOLIDE para ser empregue em obras de interesse geral.

Adverti os outorgantes de que os presentes estatutos para produzirem efeitos em relação a terceiros têm de ser publicados no «Diário do Governo» e um jornal mais lido desta cidade.

Esta escritura foi lida e o seu conteúdo foi explicado em voz alta na presença simultânea dos outorgantes pessoas cuja identidade verifiquei **por** me terem apresentado os seus bilhetes de identidade n.ºs, respectivamente, digo, **por** serem pessoas do meu conhecimento pessoal

O Notário do Cartório **António Manuel Gonçalves Saldanha**

MOBÍLIAS

USADAS, COMPRO.
NÃO VENDA
SEM NOS CONSULTAR
Telefs. 83 81 95 — 72 54 80

Registo

HIPISMO: o cap. Pimenta da Gama, montando «Ribamar», venceu (em Barcelona) a prova «Gen. Roji».

TRANSFERÊNCIA: o hóquista Elias que esteve em África voltou a Portugal e trocou de clube. Do Paço de Arcos transitou para o Cascais.

TÉNIS DE MESA: 717 praticantes estão inscritos no «Torneio Cidade de Lisboa», que este fim-de-semana se efectua na capital.

CICLISMO: o sportinguista Manuel da Silva que ficou em 16.º lugar na primeira etapa da corrida «Dauphiné Liberé» está a 20 segundos do comandante, o belga Martens. Na tabela geral, Firmino Bernardino é 35.º, Semet, o 34.º, Agostinho o 55.º, Moller o 57.º, Julien o 59.º, José Amaro o 62.º, Fernando Ferreira o 69.º, Campaner o 71.º, e Labourdette o 78.º todos em representação do Sporting.

A «clássica» Porto-Lisboa está prevista para domingo, com partida para os 339 Km, do percurso pelas 8 e 30, na Praça da Batalha. A chegada tem lugar no Estádio de Alvalade.

GINÁSTICA: sarau do Ginásio Clube, amanhã, pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos, de Lisboa.

HÓQUEI EM PATINS: equipa de Livramento (o grupo bancário do Souto Mayor) é campeã lisboeta da 2.ª divisão.

BASQUETEBOL: a final da «Taça de Portugal», para femininos, vai ser disputada pelo CIF e pelo Académico do Porto.

EUROPA + ÁFRICA + AMÉRICA

TOTOBOLA N.º 40

CLASSIFICAÇÕES ACTUAIS

ANGOLA

1.º	**Caála**	8 p.
2.º	**Portugal**	7 »
3.º	Dinizes	6 »
4.º	**Moxico**	6 »
5.º	**Benfica Huambo**	5 »
6.º	Ferrovia	5 »
7.º	**Ferroviário**	3 »
8.º	Jamba	3 »
9.º	**Sporting Luanda**	3 »
10.º	**Ferr. Sá Bandeira**	3 »
11.º	**Independente**	2 »
12.º	Benfica Luanda	2 »
13.º	**Sporting Huambo**	1 »
14.º	**F. C. Luanda**	0 »

BRASIL

CAMPEONATO CARIOCA

1.º	**Flamengo**	14 p.
2.º	**Botafogo**	13 »
3.º	América	12 »
4.º	**Fluminense**	11 »
5.º	**Vasco da Gama**	10 »
6.º	**Olaria**	6 »
7.º	**Portuguesa**	5 »
8.º	**Madureira**	5 »
9.º	**Bangu**	5 »
10.º	Campo Grande	4 »
11.º	Bonsucesso	4 »
12.º	S. Cristóvão	3 »

CAMPEONATO PAULISTA

GRUPO A

1.º	**Portuguesa**	4 p.
2.º	Santos	4 »
3.º	Palmeiras	3 »
4.º	Comercial	2 »
5.º	Paulista	1 »
6.º	S. Bento	1 »
7.º	Noroeste	1 »
8.º	Santista	0 »
9.º	Marília	0 »
10.º	Botafogo	0 »

GRUPO B

1.º	**S. Paulo**	4 p.
2.º	Guarani	3 »
3.º	Ferroviária	3 »
4.º	Corintias	2 »
5.º	Juventus	2 »
6.º	América	2 »
7.º	Piracicaba	2 »
8.º	Saad	[illegible]
9.º	Ponte Preta	[illegible]

Nacional

AINDA AS TAXAS DOS C.T.T.

O GOVERNO SUBSIDIARÁ OS JORNAIS

O impasse criado aos jornais pelo aumento das tarifas postais mantém-se. Enquanto alguns diários de província suspenderam já a sua publicação e muitos outros anunciam para breve igual decisão, o Ministério da Comunicação Social, através de um comunicado, afirma estar fora de causa a revisão das novas tarifas, mostrando-se o Governo, contudo, disposto a conceder subsídios para compensar os jornais dos excessos introduzidos pelo referido aumento. O Conselho de Imprensa também se debruçou ontem sobre o problema, decidindo recomendar ao Governo a revisão do assunto.

Por outro lado, o Conselho de Administração dos Correios e Telecomunicações não quis deixar de tomar posição, emitindo igualmente um comunicado em que mostra terem os jornais até agora beneficiado de um regime de excepção proporcionado pelo contexto político anterior. Simultaneamente os trabalhadores dos C. T. T. vieram a público esclarecer não terem sido consultados sobre o aumento, apenas tendo tido conhecimento do facto ao mesmo tempo que o País.

REVISÃO DE TARIFAS FORA DE CAUSA

É do seguinte teor o comunicado do M. C. S.:

. «Tem o Ministério da Comunicação Social recebido numerosas exposições por parte da Imprensa escrita, chamando a atenção para as novas tarifas dos C. T. T. que em muito afectam a sua situação, provocando mesmo, em alguns casos, a sua imediata inviabilidade.

«O M. C. S. deseja esclarecer que tal problema não deixa o Governo indiferente, devendo ser objecto de estudo próximo, e cuja intenção aponta para a concessão de subsídios compensando os excessos agora introduzidos pelas novas tarifas.

«Mais se esclarece que não deseja o Governo asfixiar a Imprensa, nomeadamente a Imprensa regional, que mais afectada é pelas novas tabelas, pelo que se recomenda que não se proceda à suspensão precipitada dos órgãos de Informação, cuja utilidade pública não pode deixar de ser reconhecida.

«Por fim, deseja igualmente o M. C. S. tornar claro que está fora de causa a revisão das tarifas, agora postas em vigor, medida que beneficiaria indiscriminadamente todos os que por elas são atingidos e cuja compensação nem sempre se justificará.»

POSIÇÃO DO C. A.: DOS C. T. T.

Na sua tomada de posição perante o problema dos aumentos das tarifas, o Conselho de Administração dos Correios e Telecomunicações afirma que em Portugal, «os C.T.T. estavam desde 1941 a transportar e entregar nos domicílios, em qualquer ponto do País, um jornal por $02,5 (por cada 50 gramas) ou seja, 70 jornais por um escudo». Por outro lado, acrescenta que «apesar do desequilíbrio de situações ainda se manifestar francamente desfavoráveis aos C.T.T., que aumentaram aquela taxa para valores de $40 a $70, tal procedimento vem permitir uma maior justiça e clarificação da anterior situação, transferindo parte dos custos sociais então suportados na sua quase esmagadora maioria pelos C.T.T. para as empresas que exploram essa actividade económica».

PUBLICAÇÕES AFECTADAS

Entretanto, por todo o País continuam a ser conhecidas as reacções dos periódicos afectados pelo aumento das tarifas postais, que todos consideram insuportáveis. Depois dos jornais do Alentejo e Minho, a que fizemos referência na nossa edição de ontem, surge agora «A Gazeta das Caldas» a suspender a sua publicação «como resposta ao arbitrário aumento de taxas de avença do correio», enquanto o «Diário do Ribatejo» toma idêntica atitude por «solidariedade para com os outros jornais regionais». Em Beja, a Câmara Municipal, através da sua Comissão Administrativa, decidiu solidarizar-se com a posição assumida pelo «Diário do Alentejo», enquanto em Leiria o desânimo é grande nos três semanários aí existentes, os quais, vivendo quase exclusivamente das assinaturas dos conterrâneos espalhados pelo País e estrangeiro, se vêem agora a braços com um problema que não tem resolução. Por seu turno, em Castelo Branco, a situação económica dos três semanários — «Beira Baixa», «Reconsquista» e «Jornal do Fundão» — que já era grave, tornou-se insuportável e, no caso do «Jornal do Fundão», que sofrerá um aumento nas suas despesas de portes do correio na ordem dos 600 contos anuais, prevê-se desde já o cancelamento do seu envio para todas as Associações Portuguesas no Brasil.

Em Bragança, Coimbra, Aveiro e Faro a situação da Imprensa é idêntica, sendo de referir contudo que na Figueira da Foz «A Voz da Figueira» na sua edição de ontem, enviada pelo correio, anuncia novas tabelas de assinatura e publicidade, afirmando no entanto que se ambas baixarem consideravelmente não hesitará em suspender a sua publicação.

PRISÃO MAIOR PARA FALSIFICADORES DE MATRÍCULAS DE AUTOMÓVEIS

. Um decreto-lei do Conselho da Revolução estabelece que é crime punível com prisão maior de dois a oito anos a aposição ou colocação de números de matrículas não correspondentes ao veículo e a viciação fraudulenta de quaisquer documentos ou elementos essenciais à identificação dos veículos a motor.

Constitui crime punível com prisão até um ano e multa correspondente a ocultação ou subtracção por qualquer forma, dos elementos referidos no número anterior com a intenção de se furtar à fiscalização. Quando o veículo for propriedade do agente a prática destes crimes implica a sua perda a favor do Estado.

MAIS TÁXIS PARA COIMBRA

COIMBRA, 4 — A frota de táxis desta cidade vai passar de 67 para 100 veículos.

A fim de satisfazer este aumento, o Sindicato dos Motoristas abriu concurso para a exploração de 33 novos táxis, sendo dada prioridade aos sócios com mais de dez anos de actividade.

COSTA GOMES EM FRANÇA

Continuação da pág. 1

Registe-se que as remessas dos emigrantes para as famílias constituem uma parte vital das reservas de Portugal em cambiais. O problema da escolarização dos filhos dos imigrantes portugueses em França começa a ser solucionado: estão previstas classes para crianças portuguesas em 200 escolas primárias.

Daí pois que a presença da mão-de-obra portuguesa em França bem como a resolução do problema das suas condições de vida, figurem em lugar prioritário na agenda das conversações dos dois presidentes.

MANIFESTAÇÃO DE APOIO AO M.F.A.

A viagem do Chefe do Estado Português — que é a primeira visita oficial ao estrangeiro do Presidente da República pois a sua estadia em Setembro último em Nova Iorque, nas Nações Unidas revestiu carácter particular — será coroada em Paris com uma manifestação de emigrantes portugueses de apoio ao nossos processo revolucionário.

Um comunicado assinado pela Comissão Consultiva da Assembleia dos Trabalhadores, Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas, Frente Socialista Popular, Movimento Democrático Português (M. D. P./C. D. E.) e Partido Comunista Português, convida os trabalhadores portugueses imigrantes a concentrarem-se no sábado, dia 7 de Junho pelas 16 horas junto do «metro Pompe», seguindo-se em manifestação para a Embaixada de Portugal onde o Presidente da República Portuguesa receberá as delegações de emigrantes.

QUESTÕES ECONÓMICAS

As conversações relativamente ao Mercado Comum prendem-se ainda com o saldo negativo da balança de pagamentos portuguesa, tendo o Governo de Lisboa solicitado já ao Euromercado, a abertura de negociações urgentes com vista à obtenção de auxílio financeiro, agrícola e industrial. Daí que se preveja o pedido, por parte de Costa Gomes, dos bons ofícios do Governo francês aos seus parceiros da C. E. E.

No plano comercial a França é o quarto fornecedor de Portugal (essencialmente de vinhos de Bordéus) e o seu quinto cliente. No domínio dos investimentos ocupa o quarto lugar, estando as empresas francesas a construir várias fábricas nos sectores do petróleo, ferro-manganésio, anilina e cimento, participam na construção de auto-estradas e fornecem material ferroviário.

Sublinha-se também, segundo boa fonte, que a França está disposta em conceder auxílio industrial às antigas colónias portuguesas. Por outro lado foi estabelecido um programa de cooperação entre o Comissariado Francês da Energia Atómica e o Instituto Português de Física Nuclear, para a produção de energia nuclear. Do lado francês, há o esforço em conquistar o mercado português de televisão a cores com o processo «Secam».

PERMANÊNCIA NA N.A.T.O.

Continuação da pág. 1

pa, deu uma entrevista de mais de uma hora aos jornalistas. Declarou que o presidente Ford deu «um sentido de direcção» à N. A. T. O. e que será possível reunir a Conferência da Segurança Europeia nos fins de Julho.

Um alto funcionário americano disse que os Estados Unidos continuavam preocupados com os acontecimentos políticos em Portugal, cuja filiação na N.A.T.O. tem sido uma fonte de inquietação para Washington.

Notou que não haveria qualquer disputa com Portugal se a evolução política desse país fosse numa direcção democrática.

«Contudo, se os comunistas se tornarem o elemento dominante numa estrutura de um só partido, teremos um problema sério...Todos os aliados concordam agora que, se a situação nesse país atingir um determinado ponto, terá de se chegar a uma decisão sobre a filiação de Portugal na N. A. T. O.»

A QUESTÃO DO «REPÚBLICA»

BONN, 4 — (F. P.) — O chanceler Helmut Schmidt qualificou ontem como «não muito satisfatória» a conversação que teve em Bruxelas com o Primeiro-Ministro Português, general Vasco Gonçalves.

Dirigindo-se ao grupo parlamentar social-democrata (S. P. D.), acrescentou que numerosos outros chefes do Governo membros da N. A. T. O. não tinham «de modo algum» ficado favorávelmente impressionados com a exposição da situação política interna em Portugal. Segundo Schmidt, os chefes de Governo que se avistaram com Vasco Gonçalves «insistiram» a favor da autorização da publicação do jornal «República». A afirmação do general Vasco Gonçalves, de que Portugal era o país mais livre do Mundo — disse ainda o chanceler — não será convincente enquanto os jornais que não agradam ao regime forem proibidos.

A concluir, Schmidt disse que podem prever-se em Portugal situações que poderão pôr em questão a sua posição na Aliança Atlântica.

ROSA COUTINHO NA B. B. C.

LONDRES, 4 — (R.) — O almirante Rosa Coutinho, um dos membros do Conselho da Revolução reafirmou a inteira fidelidade de Portugal à Organização do Tratado da Aliança Atlântica (N.A.T.O.), numa entrevista concedida à B.B.C. e apresentada pela televisão.

O almirante Rosa Coutinho [illegible] que a participação comunista no Governo Português signifique um menor empenhamento de Portugal nos cumprimentos dos seus compromissos com a N. A. T. O..

Quando lhe perguntaram se tinha sugestões sobre quaisquer modificações que Portugal gostasse de ver aplicadas na Aliança, o almirante Rosa Coutinho respondeu que a N. A. T. O. necessita de ser modernizada, acrescentando: «Ainda existem pessoas na N. A. T. O. que continuam a pensar e a proceder como se estivessemos em 1945. A N. A. T. O. deve adaptar-se, como Aliança viva que é, aos tempos modernos.»

PRESSÕES SOBRE PORTUGAL, DENUNCIA «IZVESTIA»

MOSCOVO, 4 — (A. N. I.) — A Imprensa soviética continua a comentar os resultados do recente conselho da N. A. T. O., em Bruxelas. A discussão da «questão portuguesa» naquelea organização, escreve o «Izvestia», se encarada em interligação com as manobras militares junto à costa portuguesa, com a pressão política dos círculos reaccionários do Ocidente e com as acções da reacção interna, mostra que os círculos da N. A. T. O. procuram fazer retroceder o processo de transformações democráticas e sociais que actualmente se verifica em Portugal.

O correspondente do «Pravda» escreve de Nova Iorque que a política de Washington em relação a Portugal foi recebida friamente em Bruxelas. Segundo assinala a Imprensa americana, prossegue o correspondente, os aliados da Europa Ocidental, obrigados a terem em consideração a opinião pública dos seus países, não se apressaram a apoiar a política de pressão aberta sobre Portugal.

MARIA ESTELA SÁ DA COSTA

. . A hora a que o nosso jornal começa a circular, vai a enterrar Maria Estela Santos Sá da Costa, mulher do dr. Augusto Macedo Sá da Costa, o mais velho dos sócios da Livreria que tem o seu apelido.

. . Maria Estela Sá da Costa faleceu ontem, ao fim da manhã, acometida de doença súbita, realizando-se o funeral às 15 e 30 de hoje, da Igreja de Fátima para o cemitério do Alto de S. João.

Ao sócio da Sá da Costa e vogal da Câmara Municipal de Lisboa, dr. Augusto Sá da Costa, o «DL» apresenta condolências.

TODAS AS LIBERDADES ESTÃO GARANTIDAS -DECLARA ÁLVARO CUNHAL

. O diário «L'Humanité», órgão do Partido Comunista Francês, publica uma carta de Álvaro Cunhal a Georges Marchais, na qual o ministro português afirma que todas as liberdades estão garantidas em Portugal. «Basta ver-se o que aqui se passa para certificar que nenhum outro país da Europa capitalista goza actualmente de liberdades mais amplas e generalizadas», prossegue o secretário-geral do P. C. P., depois de agradecer ao P. C. F. a sua «solidariedade fraternal».

. . A propósito do caso «República», Álvaro Cunhal escreve que se trata de um conflito entre a direcção e os trabalhadores do jornal, conflito explorado «por aqueles que querem denegrir a imagem do Portugal democrático em construção». Considera ainda que será encontrada sem dúvida uma solução para este caso.

. . Depois de denunciar «as falsificações dos acontecimentos em Portugal», assim como as especulações que têm como causa o anticomunismo, o secretário-geral do P. C. P. exige «que cessem as ingerências nos assuntos internos de Portugal».

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

CAMARADAS:

De acordo com a decisão tomada em Plenário de Delegados Sindicais, convocam-se todos os trabalhadores deste Sindicato a uma grande manifestação de protesto contra as manobras do falido Pires Rodrigues dos Laboratórios Novil e a ineficácia da Polícia Judiciária em não actuar firmemente contra este sabotador do processo revolucionário, que tem, nesta polícia, um processo crime instaurada desde Agosto pela Inspecção-Geral de Finanças.

Camaradas, vamos exigir que a Polícia Judiciária actue. Vamos exigir que, de uma vez para sempre, os trabalhadores do Novil, que estiveram 4 meses em ocupação, vejam resolvida a sua situação.

Vamos demonstrar a nossa solidariedade e força comparecendo maciçamente [illegible] às 19/19, 30, no Saldanha ao pé do cinema Monumental.

UNIDOS VENCEREMOS.

A Comissão Instaladora

FÉRIAS EM ALBUFEIRA

. Aluga-se nova e excelente casa bem equipada, acomodação 6 pessoas, perto praia. Quinzena ou mês. Telefone 869266.

Geral

ARGENTINA: O FIM DA ILUSÃO (II)

Continuação da pág. 3

zação do movimento de massas (o que implica a existência nesse plano de organizações de esquerda implantadas no seio do povo, possuídas de uma séria política de poder).

A PERONIZAÇÃO DAS CLASSES MÉDIAS

Um fenómeno assaz curioso foi, quase vinte anos após a queda de Perón, o da «peronização Montoneros. No entanto, res da juventude de classe média.

O peronismo significou, para a classe operária, a obtenção de importantes conquistas sociais, a melhoria do seu nível de vida, conseguido de uma maneira fácil, rápida, «vinda do alto».

Os grandes sindicatos de massas, criados nessa época com apoio oficial, embora burocratizados, constituiram um passo enormemente positivo para os trabalhadores.

Em 1945 (nascimento do peronismo) a Argentina era um país que começava a industrializar-se rapidamente. A velha classe operária semi-artesanal de origem estrangeira, que trazia ideias socialistas da Europa, foi ultrapassada por uma nova massa trabalhadora, crioula, proveniente do interior do país. Para essa massa, Perón simbolizava o acesso ao capitalismo urbano, um bom nível de vida, o nacionalismo económico (3), a «justiça social», etc.

Depois da queda de Perón, os governos posteriores não fizeram mais que restringir o nível de rendimentos dos assalariados. Não eliminaram os sindicatos, mas colocaram-nos ao seu serviço; não anularam a legislação social, mas tornaram-na cada vez mais inservível.

Esta classe operária manteve-se fiel ao seu passado peronista: a sua combatividade alcançou cumes bastante elevados durante certos períodos (1959, 1964, etc.), mas até ao «cordobazo» exprimiu-se mais como uma classe opositora ao sistema, mas em geral pacífica — procurando um impossível regresso à velha «prosperidade peronista». A nova industrialização monopolista (petroquímica, indústria automotriz, siderurgia, etc.) deu origem a um proletariado jovem, mais qualificado tecnicamente, que não tinha conhecimento pessoal da experiência peronista.

No campo da classe média, derrubaram-se os velhos valores liberais.

O antiperonismo anterior, mescla de preconceitos de classe contra o «aluvião zoológico» (4) e de reacção contra a ideologia pró-fascista de um grande número de funcionários do primeiro governo peronista havia-se esfumado com os anos.

As novas gerações, acossadas pela ditadura dos monopólios vêem no peronismo o «povo», os trabalhadores, os mais castigados pelo sistema, os «proscritos». Perón já não é, como para os seus pais, um demagogo filo-fascista, mas sim um dirigente populista, nacionalista, exilado por aqueles que detêm o poder.

A classe média radicalizou-se, tornando-se populista, isto é, procurando uma aproximação sentimental com os operários. Este fenómeno foi muito notório, por exemplo, em certos ex-intelectuais de esquerda que renegaram o marxismo, considerando-o uma ideologia «europeu-centrista» que ignorava a nova realidade do Terceiro Mundo. O marxismo, claro está, não foi substituído por nenhum corpo coerente de ideias, mas sim por uma mescla de «teorias» de moda que serviram de instrumentos aptos para participar na militância peronista.

Contudo, velhos quadros da resistência peronista, como John W. Cooke, percorriam o caminho inverso, e faziam-se marxistas, nesse mesmo momento. Foi esse o caso das «Forças Armadas Peronistas», que paradoxalmente assumiram uma posição muitíssimo mais crítica a respeito do peronismo e do próprio Perón que os recém-vindos da organização Mononeros. No entanto, os marxistas-peronistas seriam minoria. A classe média peronista radicalizada fez uma curiosa mistura de «terceiro-mundismo» socializante e nacionalismo («socialismo nacional»).

Esta pequeno-burguesia jacobina e a nova classe operária deram ao seu peronismo um conteúdo infinitamente mais radicalizado do que desejavam os velhos dirigentes político-sindicais e o próprio Perón.

Nas semanas anteriores às eleições, mas em especial entre estas e o mês de Maio, quando o novo governo constitucional se estabeleceu no Poder, esta massa cresceu e exprimiu-se com uma tal força que destruiu o plano paciente e trabalhosamente elaborado entre a direcção militar e a direcção peronista de «desanuviamento-integração» controlados.

O DESENVOLVIMENTO DO APARELHO REPRESSIVO

Uma terceira clarificação importante para entender o processo político argentino deve fazer-se a respeito do desenvolvimento esmagador de um intrincado e extenso aparelho de repressão policial.

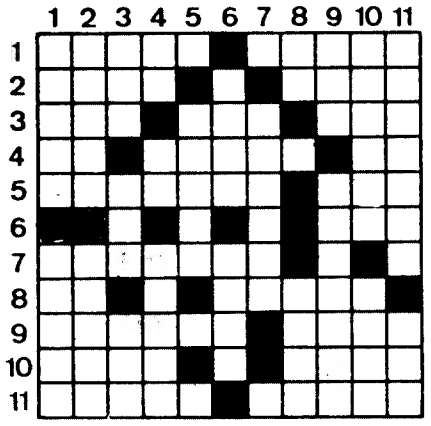
As Forças Armadas irromperam na vida política em 1930, derrubando o governo constitucional de Yrigoyen. A partir dessa época, começou um rápido desenvolvimento do aparelho repressivo, utilizado nessa primeira etapa até 1943, para liquidar a oposição radical yrigoenista e os grupos operários inconformistas. Na segunda etapa, a do primeiro governo peronista, o objectivo da repressão foi a classe média liberal. Mas realmente o grande salto ascendente do sistema repressivo é posterior a 1955, em especial durante a ditadura militar de direita (1966-73).

O crescimento da Polícia política esteve estreitamente ligado ao processo de aristocratização socio-económica já descrito. A repressão abarca a classe operária e os sectores médios. O seu poder é tal que chega a converter-se num Estado relativamente independente das mudancas do governo.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11100



HORIZONTAIS:

1 Aguardente de medronho. Dispara.
2 Moeda portuguesa de Diu. Adória.
3 Recusa. Igual. Abreviatura de acético.
4 Lingua antigamente falada ao Sul do Rio Loire. Reprimi. Tempo do verbo haver.
5 Esmurraras. Botequim.
6 Pega.
7 Parte do cabelo ricado e penteado sobre a testa.
8 Antes do meio-dia. Bramidos.
9 Da Rússia. Azáfamas.
10 Capital do dep. de Calvado, na confluência do Orne e do Odon. Cabo da Costa de Portugal.
11 Equipas. Lugarejo.

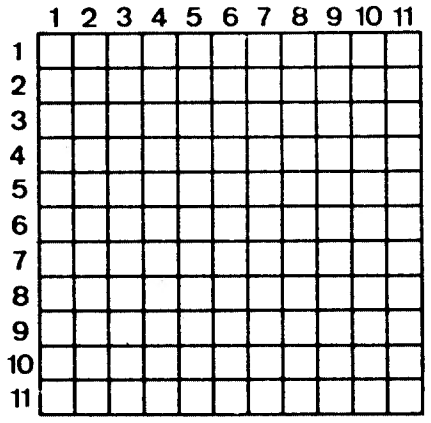
VERTICAIS:

1 As velas dos navios. Cunho.
2 Acometo. Causar amuo a.
3 Curso de água natural e abundante. Coragem. Preposicão.
4 Quinto filho de Jacob. Centiare. Resmunga (fig).
5 Hilota.
6 Convence. Pau de alargar os dedos das luvas.
7 Sobejar.
8 Basta. Não frequente.
9 Passada. Moles.
10 Penedos. Arranca.
11 Limparam com areia. Graca.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7258



HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia. Sujar com baba.
2 Roem. Tempero.
3 Antiga capital da Birmânia. Chefe etíope.
4 Porco. Cidade de França. Boro (s.q).
5 Donzela de Orleães. Povo antropófago que atingiu o Gabão, ido do Nordeste, pelo meado do século XIX e que chegou até ao Congo.
6 Pomos data em.
7 Junção da preposição de e do pronome ela. Limpara metais.
8 Eia! Nome de mulher. Coração.
9 Invulgar. Agora. Aqui.
10 Junta. Guarnecer de ameias.
11 Esmague. Objecto ou mercadoria remetida.

VERTICAIS:

1 Agradecida. Concederam.
2 Rádio (s.q). Salário.
3 Sufixo que designa pequenez. Ocultaria.
4 Ilha da República da Indonésia no arquipélago de Sunda. Basta. Átomo.
5 Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Viração.
6 Posto em versos rimados.
7 Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Rezaram.
8 Canseiras. Pronome reflexo. Estime.
9 Repetição. Antes de Cristo. Pertences.
10 Prefixo de privação. Barrancos.
11 Embrulhos. Mentira (fig).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11099

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 O. Proveitos.	1 Omar. CALADO.
2 Maré. Ai. Osa.	2 Atinaria.
3 Ato. Arredar.	3 Promovera. É.
4 Rima. Aa. Oca.	4 Re. Ata. Ag.
5 Notar. Usar.	5 O. Are. Apa.
6 Cavaram.	6 Vararam. Cr.
7 Are. Ementas.	7 Eira. MELHOR.
8 Lira. Om.	8 Eva.
9 AAA. Achegas.	9 Todos. Togas.
10 Aprovado.	10 Osaca. Amado.
11 Omega. Rasos.	11 Sararas. Sós.

PROVÉRBIO: O CALADO, É O MELHOR

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7257

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Garfa. Magra.	1 Grás. Mamada.
2 Rim. Ana. Ain.	2 Aires. Molar.
3 Ar. Aira.	3 Rm. Noa. Seta.
4 Sentimental.	4 Ataca. las.
5 Soam. Suam	5 Aa. Imortais.
6 Aco. Tas.	6 Nem.
7 Am. Armei. Ma.	7 Ma. Esteiras.
8 Mos. Iscas.	8 Anuais.
9 Aleia. Arc.	9 Gaitas. Cais
10 Datai. Adita.	10 Riram. Marta.
11 Arasses. São.	11 Anal. Vascão.

BARS BOITES

ESPECTÁCULOS

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.** a actuar GRAZIELA DE SIRTANAS (Argentina).

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Variedades internacionais. T. **26461/264526/264596/264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

PROGRAMA NA RTP

Quintas-feiras às 21,00 horas

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco de Leste

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	16º
P. DOURADAS	13º
COIMBRA	17º
PORTALEGRE	20º
LISBOA	19º
FARO	23º
FUNCHAL	17º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS	
Máxima	**26,5º**
VISEU	
Mínima	**4,5º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	13,8º
Atmosfera	14,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
		5.40	1,4 m
12.22	3,2 m	18.05	1,5 m

Dia 5

0.39	3,3 m	6.29	1,3 m
13.12	3,3 m	18.54	1,4 m

Dia 6

1.29	3,3 m	7.13	1,2 m
13.58	3,4 m	19.38	1,2 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado; vento fraco; nortada no Litoral Oeste; neblina ou nevoeiro durante a madrugada a Norte do cabo Carvoeiro; pequena subida de temperatura

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.13
OCASO AS 20.58

DIA 9 DIA 16 DIA 23 DIA 1

rádio

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Noticiário — rádio estudantil
18.15 Movimento das Forcas Armadas
19.00 Informacão de trânsito — MUSICA VARIADA
20.00 «Jornal da noite»
21.00 Mini-teatro
21.25 Música portuguesa
22.00 Música variada
22.30 Ambiente, por Afonso Cautela
23.00 «Movimento das Forcas Armadas»
23.15 Música variada
00.00 «Ultimo jornal»
00.30 Retrospectiva
01.00 (Saida e encerramento dos regionais e dos MFF-1) — música na noite
02.00 Musica na noite

2.º Programa

16.50 Melodias de Rachmaninoff
17.07 Música de câmara
17.52 Música de órgão
18.00 Música do século XX
19.00 Obras de Schumann
20.00 «Jornal da noite»
21.00 Passagem do MF-2 a Estereo música ligeira variada
22.00 Obras sinfónicas de Mozart
22.51 Música de câmara
23.49 Rapsodia op. 53, para contralto, coro masculino e orquestra, de Brahms
00.04 Música contemporânea
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
21.03 Rádio placard
21.30 Quando o telefone toca
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Varatojo conta-lhe
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
02.05 A noite é nossa
06.03 Diário rural
07.03 Talismã

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Espaco musical
18.22 Música seleccionada
19.00 Jornal do servico de noticiários e reportagens de Rádio Renascenca
19.30 Espaco musical
21.05 Espaco musical
21.30 Livros e leituras
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Espaco musical
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça

Das **06.00** às **11.00** e das **17.00** às **22.00**

Rádio Voz de Lisboa

Das **11.00** às **14.30**

Clube Radiofónico de Protugal

Das **14.30** às **17.00**

Rádio Peninsular

Das **22.00** às **02.00**

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO L-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Biotifar, Rua D. João de Castro 27--B (tel. 638824)
AMOREIRAS
Amoreiras (das), Praça das Águas Livres, 8-D (tel. 681515).
ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena 9-C (ao Bairro Social) (tel. 770324).
AREEIRO
Gasparinho, Rua dr. Gama Barros, 54-A (tel. 710465).
ARROIOS
Veral, Rua Morais Soares, 109 (tel. 621732).
BAIRRO ALTO
Saúdas, Praça Luís de Camões, 24 (tel. 322798).
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429 (tel. 760027).
CAMPO DE OURIQUE
Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (cont. a Rua Almeida e Sousa) (tel. 671667).
CONDE DE REDONDO
Capuchos, Rua Luciano Cordeiro 2-A (tel. 52076).
JANELAS VERDES
Reis Garrido, Rua das Janelas Verdes, 90 (tel. 662327).
LUMIAR
São Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (tel. 790704).
PICHELEIRA
Mariluz, Calçada da Picheleira, 140-B/C (Tel. 720703/728395).
POÇO DO BISPO
Barros Gourveia, Rua Vale Formoso de Cima, 19-B (tel. 382180).

TURNO L-2
TODA A NOITE

ALCANTARA
Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (tel. 636704)
ALFAMA
Pereira, Rua do Paraíso, 98 (tel. 863224).
ALVALADE
Alvalade, Avenida da Igreja, 18-A (tel. 712070).; Onilda, Avenida João XXI, 13-A (tel. 726848).
AVENIDAS NOVAS
Dalva, Avenida Duque d'Ávila, 125 (tél. 45225).
BELÉM
Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A (tel. 611454).
BENFICA
Progresso, Estrada A-da-Maia, 64-C (tel. 702226).
CAMINHOS DE FERRO
Alves de Carvalho, Rua Vale de Santo António, 7 (tel 840125).
ENTRE CAMPOS
Alcântara, Avenida da República, 74-A (tel. 771379).
PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa 16-A (tel. 728395-720703).
OLIVAIS NORTE
Central, Rua Alferes Barrilaro Ruas 7-C (tel. 31539).
REGO
Prates e Moura, Rua da Beneficiência, 92 (tel. 773728).
SÃO MAMEDE
São Mamede, Rua de São Marçal, 100 (tel. 325318).
SOCORRO
Tavares, Rua da Palma, 194 (tel. 863350).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. C.G.Guerra, 29 (T.212081)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R.Costa Pinto, 184 (T.2432034). Toda a noite
OEIRAS
Godinho, R.Cândido dos Reis, 98 (T.2430090). Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (T.2471054). Toda a noite
S.PEDRO DO ESTORIL
S.Pedro, R.9 de Abril, 24 (T.263052). Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T.260085). Toda a noite
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (T.280078). Até às 22 horas; Nova, E.de Alvide, Fontainhas (T.281044). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P.D.João I, lote 146, B.º Janeiro (T.932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T.932210); Igreja, P.da Igreja, 22-A (T.937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, loja X-1, Reboleira (T.938424)
DAMAIA
D.João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T.970461)
VENDA NOVA
Nova, R.Elias Garcia, 10 (T.972530)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T.950123)
CACÉM
Araújo e Sá, E.de Paço de Arcos, lote 1-B (T.2940781)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (T.2930058)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALAMDA
Galeno, R.Capitão Leitão, 85-B (T.2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-A (T.2040302)
BARREIRO
Higiénica, R.D.Manuel I, 178 (T.2073017)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R.Cabo da Boa Esperança, 25-A (T.2767356)
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Diogo, R.Almirante Reis, 42 (T.230032)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar, 13 (T.229471)
SETÚBAL
Lisboa, R.Dr. Paulo Borba (T.22248); Saião, Av. Portela (T.22709)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

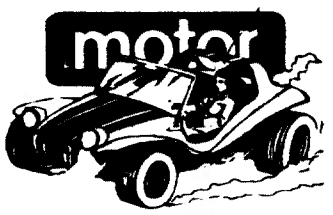
TURNO 9

ATÉ ÀS 22 HORAS

Alves da Silva, Avenida da Boavista, 1016; Azevedo, Rua do Meiral, 503; Gomes Ferreira, Rua Faria Guimarães, 449; Nau Vitória, Rua Nau Vitória, 723; Ordem da Trindade, Rua Heróis e Mártires de Angola; Confiança, Rua de Santa Catarina, 980; Antas, Avenida Fernão de Magalhães, 1076; Antiga Porta do Olival, Campo Mártires da Pátria, 122; Falcão, Rua de Santo Ildefonso, 61; Ferreira, Praça D. Afonso V, 55-B e Lousada, Largo do Campo Lindo, 62

A PARTIR DAS 22 HORAS

ANTAS; Avenida Fernão de Magalhães, 1076; Antiga Porta do Olival, Campo Mártires da Pátria, 122 e Lousada, Largo do Campo Lindo, 62



outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CIRCO DE MOSCOVO
21.30
Av. Fontes Pereira de Melo
NOSSO TEMPO
21.45 (13 anos)
«Insecticida»
CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-me a Tua Piscina»
A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»
MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Até Parece Mentira»
VILLARET
20.45 - 23.00 (13 anos)
«Pato Com Laranja»
MARIA MATOS
21.45 (13 anos)
«Seara de Vento»
TEATRO DO POVO
21.15 (18 anos)
Avenida da Liberdade

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«O Homem dos Olhos de Gelo»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Cowboy virgem»
PARIS
21.15 (18 anos)
«O Triturador»
PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«O Último Tango em Paris»
JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«O Ataque dos 7 Magníficos»
MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«Sexo Louco»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«Julieta e Julieta»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Maciste Contra os Monstros»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«Ontem ao Fim do Dia»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«O Grande Duelo»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«A Mais Antiga Profissão»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«A Gaiola das Loucas»
ANTÓNIO PEDRO
21.15 (13 anos)
«Oh! Lusitânia»

PORTO/Cinemas

COLISEU
21.30 (18 anos)
«O Maneta de Ferro»
S.JOÃO
21.30 (13 anos)
«Primeira Página»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«O Silêncio»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Emmanuelle»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Woodstock»
VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Criado para todo serviço»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Irei como um cavalo louco»
OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Dorothea»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Os Ambiciosos Também Morrem»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«O Cordeiro Enfurecido»
TERÇO
21.15 (18 anos)
«Irma La Douce»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«A Fúria do Dragão»
RIVOLI
21.30 (13 anos)
«Papillon»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Dorothea»

COIMBRA

S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Projecção Privada»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Por amor ou à força»
TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Um Crime no Expresso Oriente»
GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Lacombe Lucien»

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
VOX
CAMA COM MÚSICA

BERNA

T. 778098 — 14.00, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A obra mais provocante de Sidney Lumet
SERPICO
4.ª Semana

APOLO 70

T. 763319 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O filme excepção de Mike Nichols
ARTIGO 22
3.ª Semana
Hoje às 24.00 - 18 anos
O LEÃO DAS SETE CABEÇAS

ROXY

T. 48560 — 14.00, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A carne cobiça o espírito e o espírito cobica a carne
O MONGE
c/Franco Nero e Nathalie Delon
2.ª Semana

PATHÉ

T. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE
com Sylvia Kristel
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
7.ª Semana

ALVALADE

T. 717480 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O último filme do imortal Bruce Lee
A FÚRIA DO DRAGÃO
2.ª Semana

CINEBOLSO

T. 573407 — 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
JOE HILL
de Bo Widerberg
Amanhã às 12.30
ONTEM, HOJE E AMANHÃ
de Vittorio de Sica

CINEMA 2000

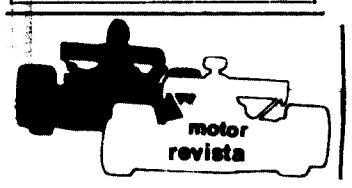
T. 2100055 — 15.30, 21.15
para todos
Cliff Richard é **O SONHO DE UMA ESTRELA**

LIDO

T. 937593 — 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE

CARLOS MANUEL — SINTRA

T. 293094 — 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CHEN HAU JUSTICEIRO NO TEXAS



UNIVERSAL

T. 774402 — 16.30, 22.30
Não acons. a menores de 13 anos
A CORAGEM DO POVO
de Jorge Sanjines
Não acons. a menores de 18 anos
14.30, 20.30
A MORTE DUM LENHADOR

RESTELO

T. 610375 — 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
De novo... o inseparável par, famoso no Trinita
JUNTOS SÃO DINAMITE
com Terence Hill, Bud Spencer

EDEN

T. 320768 — 14.00, 16.30, 19, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O último filme do imortal Bruce Lee
A FÚRIA DO DRAGÃO
2.ª Semana

TIVOLI

T. 50595 — 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A história de uma ambição
A história de um amor
Alain Delon em
A RAÇA DOS SENHORES
2.ª Semana

CASINO ESTORIL

T. 264621 — 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
JULIETA E JULIETA
com: Annie Giradot

ROYAL

T. 865037 — 15.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O FURACÃO DO KARATÉ
com Sun Chia Lin

POLITEAMA

T. 326305 — 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
PUNIÇÃO DIABÓLICA
com Robert Stevens

ROMA

T. 727778 — 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE
(Este filme contém cenas eventualmente chocantes

CINESTÚDIO

T. 937593 — 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
PAPILLON
A projecção do filme começa imed. após o inicio da sessão

VOX

T. 720808 — 21.30
Interdito a menores de 18 anos
CAMA COM MÚSICA

LUMIAR

T. 795296 — 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
3 DÓLARES MARCADOS
As moedas que semeavam a morte

SATÉLITE

T. 562632 — 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
AS DUAS FACES DUMA HISTÓRIA DE AMOR

MUNDIAL

T. 538743 — 15.15, 18.30, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
SEX SHOP A LOJA DO SEXO
3.ª Semana de êxito

CALEIDOSCÓPIO

T. 794141 — 14.00, 17.30, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
3 dias de paz, música ... e amor
WOODSTOCK
4.ª Semana

CONDES

T. 322523 — 15.00, 18.00, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
PAPILLON
com Steve McQueen Dustin Hoffman
Do livro ao cinema — o maior êxito mundial!
3.ª Semana

ODEON

T. 326283 — 15.15, 18.15, 21.15
Interd. a menor. 18 anos
2.ª SEMANA - LOTAÇÕES ESGOTADAS COM A COMÉDIA BREJEIRA
DECAMERON PROIBIDO
com Eva Maria Grubmuller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIÁVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES

T. 801313 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Ele tinha todos os vícios
FRITZ O GATO
Fritz é um gato sujo, boémio revolucionário, preocupado com a política e o sexo e...
5.ª Semana

S. JORGE

T. 54153/4 — 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ALTA TENSÃO EM NOVA IORQUE
No «Metro» cada viagem pode ser a última...
2.ª Semana

AVIS

T. 47163 — 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
TÉCNICA DE ENGATE
c/Stephane Alidran

CASTIL

T. 530194 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
ALGUNS CHAMAM-LHE AMOR
Um filme de James Harris

CINEARTE

T. 660446 — 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
DEMASIADO RISCO PARA UM HOMEM SÓ

ESTÚDIO

T. 555135 — 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CAMINHOS DO PRAZER
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ESTÚDIO 444

T. 779095 — 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
AMAR NÃO MATA
Um filme de Vilgot Sjoman

EUROPA

T. 661016 — 15.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
UMA ESCRAVA É UM DESCANSO
Com Lando Buzzanca

IMPÉRIO

T. 555134 — 15.15, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
«OH! CALCUTA»
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

MONUMENTAL

T. 555131 — 15.15, 18.15, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Jaqueline Bisset em
O GAFANHOTO

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

ÀS 19 HORAS, NO ROSSIO

Manifestação de apoio ao M.P.L.A.

. Terminará em comício no Parque Eduardo VII a manifestação de apoio ao M.P.L.A. e de solidariedade anti-imperialista marcada para as 19 horas de hoje, no Rossio. Um representante do M.P.L.A. dirigirá a palavra aos manifestantes.

Como ontem noticiámos a manifestação conta o apoio de dezenas de organizações políticas estrangeiras. A iniciativa, que coube à LUAR, foi secundada pelo P.C.P. e ainda pela F.S.P., M.E.S., M.D.P./C.D.E. e L.C.I. O P.R.P./B.R. aderiu também à jornada.

CAMPO PEQUENO
M/S anos

AMANHÃ, ÀS 22 HORAS

O GRANDE ÊXITO QUE SE REPETE

6 CAVALEIROS
6 MATADORES
6 NOVILHEIROS
20 BANDARILHEIROS
1 grupo de FORCADOS

David R. TELLES
J. Maldonado CORTES
Luís Miguel da VEIGA
Frederico CUNHA
Carlos ARRUZA
Zé M. Correia LOPES

Diamantino VIZEU
Armando SOARES
Mário COELHO
Ricardo CHIBANGA
Júlio GOMES
José Manuel PINTO
e ainda os novilheiros:
José MARECO
António POEIRA
Gilberto BELCHIOR
Luís PEIXINHO
Parrerta CIGANO
Rafael CASTILHO
(mexicano)

FORCADOS AMADORES JUVENIS
de Nuno Salvação Barreto

7 NOVILHOS-TOIROS DE DAVID RIB. TELLES 7

A FAVOR DO
SINDICATO
DOS TOUREIROS

REFORÇO DA COOPERAÇÃO COM A R.D.A.

BERLIM-OESTE, 4 — (F.P.) — O major Costa Martins, ministro português do Trabalho, terminou ontem a sua visita oficial à República Democrática Alemã.

Durante os sete dias que esteve na R.D.A., ministro português foi recebido por Horst Sindermann, presidente do Conselho. Nesta entrevista, que se desenrolou num ambiente «descontraído e amigável», Sinderman e Costa Martins sublinharam «a intenção dos seus Governos a desenvolverem as relações entre ambos os países nos domínios político, económico e cultural».

Portugal no Conselho da Europa

. ESTRASBURGO, 4 — (R.) — Portugal tenciona tornar-se membro de pleno direito do Conselho da Europa no fim do corrente ano — declarou ontem numa conferência de Imprensa o secretário de Estado da Justiça, dr. Armando Bacelar, ao fim de dois dias de conversações com altos funcionários daquela organização.

Salientando que Portugal se encontra num «estádio pré-democrático e que o Governo de Lisboa está decidido a construir uma democracia multipartidária, o dr. Armando Bacelar acrescentou: «Antes de estarem definitivamente estabelecidas as instituições democráticas, e enquanto aguardarmos a nossa plena filiação, tentaremos obter o estatuto de observador no Conselho.

Logo que a Assembleia Constituinte portuguesa termine a redacção da Constituição, dentro de três a seis meses, Portugal pedirá a sua admissão.

Em resposta a uma pergunta, o secretário da Justiça declarou que o Partido Comunista Português ainda não deu a conhecer a sua posição sobre a filiação de Portugal no Conselho da Europa, em que estão representados 18 países.

ROTATIVA TIPOGRÁFICA
VENDE-SE

Rotativa tipográfica MAN, de dois corpos de impressão e dobrador duplo, utilizada em jornal diário, com capacidade para imprimir 20 000 exemplares por hora, de 16 páginas e 2 cores, formato tablóide, e estereotipia respectiva. Óptimas condições de preço e pagamento. Resposta ao n.º 1570, ou telef. 654531.

Diário de Lisboa
Vende-se em toda a França

Transportado pela Air France (com a colaboração da TAP) e distribuído pelas «Nouvelles Messageries de la Presse Parisienne»

É ILÍCITO AFIRMAR QUE O P.C. CONTROLAVA OS FICHEIROS DA P.I.D.E./D.G.S.

—AFIRMOU O PRIMEIRO-TENENTE JUDAS NOVO RESPONSÁVEL DA COMISSÃO DE EXTINÇÃO

«Aquilo é uma unidade militar e como tal tem de funcionar» declarou à A.N.I. o primeiro-tenente Judas, membro do Conselho da Revolução e novo responsável pela Comissão de Extinção da P.I.D.E./D.G.S.

O tenente Judas salientou a indefinição que desde início caracterizara a Comissão de Extinção, «meio civil, meio militar» e que proporcionara o assalto inicial aos documentos, por parte de «toda a gente, desde civis a militares e a múltiplos partidos políticos».

«Quando fui encarregado deste sector já tinha muitas notícias de que Caxias e a António Maria Cardoso tinham uma longa história com múltiplos e variados incidentes. Posteriormente soube que continua a haver certas lutas lá dentro que não conheço em pormenor. Como considero este sector de grande responsabilidade, com uma documentação que poderia interessar a muita gente que dela poderia fazer um uso indevido, resolvi transformar aquilo numa unidade militar, não permitindo certos procedimentos e determinados democratismos exagerados, que não correspondem nem ao espírito nem à maneira de viver dentro de uma unidade militar» — declarou.

Sobre as tão faladas demissões, esclareceu o primeiro-tenente Judas: «Resolvi substituir dois elementos da Armada, que, quer por terem estado fora da Marinha durante muito tempo talvez tivessem falta de contacto com as estruturas do Movimento, quer porque para o seu ímpeto revolucionário aquele não seria o local mais apropriado para eles.» E prosseguiu: «Não se pode dizer que tivesse sido uma demissão — dezenas e dezenas de camaradas de todos os ramos das Forças Armadas já mudaram de localde trabalho várias vezes depois do 25 de Abril. Nós próprios, do Conselho da Revolução, já temos mudado de sector. Não foi, portanto, uma demissão nem representou uma falta de confiança política. Foi um reajustar de situações, colocar as pessoas no sítio certo. De resto, os incidentes que lá dentro se verificaram com a realização de plenários de trabalhadores civis e militares, categoria que eu desconheço, pois há creio, militares e civis que, dentro de certas regras e com determinado estatuto trabalham dentro de estabelecimentos militares.

E concluiu: «Lá dentro os actos de insubordinação ou tentativas, sem êxito, de insubordinação de outros militares e toda a agitação verificada cá fora, através de propaganda nos jornais ou distribuição de panfletos, no fundo provam aquilo de que me dei conta — as pessoas que trabalhavam em Caxias não tinham aquele mínimo de maturidade nem de idoneidade para serem responsáveis por todo aquele material, não restando dúvidas de que o melhor local para elas estarem é cá fora».

Sobre o prosseguimento do trabalho da referida comissão, agora desfalcada de cerca de trinta elementos, o primeiro-tenente Judas, depois de esclarecer que ela passará a trabalhar só com militares, embora mantendo neste período de transição um certo pessoal civil, com um estatuto a definir que «impeça influências externas e lutas partidárias», abordou o problema do saneamento: «a maior parte do trabalho que até agora era feito consistia na análise dos ficheiros correspondendo assim aos pedidos feitos pelas comissões de trabalhadores das diversas empresas com vista ao saneamento». Dentro da nova concepção de saneamento, sublinhou, em que o saneamento será feito a «partir do comportamento político actual, da competência profissional e de outros elementos a definir», será o Conselho da Revolução, através dos elementos fornecidos directamente pela Comissão de Extinção da P.I.D.E./D.G.S. a determinar» que indivíduos terão um preço a pagar à sociedade e a determinar esse preço, a pena com que serão punidos».

«Há-de certamente haver mais pessoas presas — continuou — mas outras haverá que serão necessariamente reclassificadas, passando a não poder, por exemplo, ocupar cargos de chefia ou outros. Pretende-se acima de tudo acabar com a arbitrariedade nos saneamentos, com os saneamentos «selvagens».

Portanto, o trabalho da Comissão, que num espaço de tempo relativamente curto, deixará de fornecer directamente às comissões de trabalhadores quaisquer elementos, será orientado para a análise das estruturas e redes de informadores de forma a desmantelar efectivamente todas as organizações fascistas e repressivas, como a P.I.D.E., a Legião, a A.N.P., Mocidade Portuguesa e Polícias de âmbito ministerial que, como todos sabem, ainda não estão efectivamente desmanteladas.

«Neste momento estamos a estudar, com outras entidades interessadas no assunto e organismos representativos dos trabalhadores, as formas pelas quais poderemos institucionalizar esse saneamento, acabando com a anarquia, e simultaneamente aprofundando-o». «De resto, prosseguiu, o saneamento tem que ver com a batalha da produção. Não podemos estar a mandar para o Brasil pessoas que têm um papel a desempenhar na nova sociedade que estamos a construir, facto que obriga os trabalhadores a encararem o saneamento de uma forma um pouco diferente, o que felizmente já está a acontecer em muitos casos», frisou ainda o tenente Judas.

Finalmente, sobre os sinistros ficheiros da P.I.D.E., cuja queda em mãos alheias tanta gente assusta, disse o tenente Judas: «Não dou garantias nenhumas de que isso não tivesse acontecido. Quanto ao passado não posso dar garantias nenhumas. Só posso dizer que os ficheiros estiveram ao alcance de muitas dezenas de pessoas de muitos partidos.

Mas, comentarão ainda os mais preocupados, só não se demitiram elementos afectos ao Partido Comunista... «Bem, entre toda a espécie de indivíduos que por lá passaram, há alguns aventureiros. Posso dizer-lhe que os elementos afectos ao P. C. sempre estiveram em grande inferioridade numérica, sendo perfeitamente ilícito dizer que os ficheiros foram alguma vez controlados pelo P. C. Quanto às pessoas saídas, as únicas que eu retirei de Caxias foram os dois oficiais da Marinha, o primeiro-tenente Ayala e o segundo tenente Guerra. Todas as outras pessoas sairam voluntariamente. O major Vargas saiu por sua vontade apesar das minhas insistências para que continuasse a comandar o Forte. De entre os quatro ou cinco invíduos que lá ficaram, três serão do P.C. O importante é que os que ficaram são pessoas trabalhadoras, que cumprem os horários e com um comportamento que podemos dizer exemplar. De facto, alguma coisa estava errada e precisava de ser corrigida. É o que estamos a fazer».

CIDADE MARGINAL

"TONI" APANHADO NO SOTÃO...

. Luís Aguiar, um jovem de 24 anos conhecido nos bastidores criminais por «Toni», foi detido, esta madrugada, no sotão de um prédio localizado nas imediações de Olivais Sul. Entre outros delitos, «Toni» é acusado de ter feito parte da quadrilha que, há cerca de um ano, abateu a tiro um agente da P.S.P., na Avenida Duque de Ávila. Foram-lhes apreendidos três carros, duas cartas de condução viciadas, um livrete em branco e ainda um passaporte passado em nome de António Pina, mecânico, com o qual, confessou, pretendia passar para Franca depois de ter substituído a identidade do titular pela sua.

O DESESPERO DA ESPERA

O montador de linhas férreas José Dias, de 26 anos, natural de Almodovar, provocou enorme alvoroço, num bar da Rua do Benformoso, ao lançar ao chão uma peada balança que se encontrava montada sobre uma prateleira. Como justificação para a sua atitude apresentou o facto de ter estado «cerca de quinze minutos à espera que lhe servissem um café». Agora José Dias terá de pagar oito contos como indemnização pelos danos causados.

UMA BATA RASGADA

Munido de um cartão de crédito falsificado, o motorista César Morgado tentou reabastecer-se «de géneros para o mês» num supermercado da Rua 1.º de Dezembro. E ao ser desmascarado, ainda rasgou a bata ao detector da burla, o empregado de comércio Alexandre Alves. Os artigos que lhe foram apreendidos orçavam cerca de quatro contos.

DESERTORES PODEM VIR A PORTUGAL

Está prevista para breve a publicação de uma lei provisória que autorizará a livre entrada e saída em Portugal, com uma permanência não superior a 90 dias, aos portugueses residentes no estrangeiro em situação militar irregular (refractários e desertores), segundo informa a Secretaria de Estado da Emigração numa nota difundida, após a reunião de segunda-feira entre o secretário de Estado da Emigração, engenheiro Pedro Coelho, e o chefe do Estado-Maior do Exército, general Carlos Fabião.

Foram focados ainda vários problemas militares dos cidadãos desertores e refractários, residentes no estrangeiro. Por outro lado, o documento adianta que «até ao fim do corrente ano será publicada uma legislação definitiva que, para além da reestruturação das Forças Armadas, procurará resolver, da melhor maneira e definitivamente, a situação militar irregular de largos milhares de cidadãos emigrados».